

UFRRJ

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

DISSERTAÇÃO

**Arquibancada Invisível: Sociabilidade, Classe e Gênero entre
Torcedores de Futebol na Internet**

Denis Thiago Santos de Barros

2015

Seropédica



Abril, 2015

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

**Arquibancada Invisível: Sociabilidade, Classe e Gênero entre os
Torcedores de Futebol na Internet**

Denis Thiago Santos de Barros

Sob a orientação do

Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, com concentração em Sociologia.

Seropédica, RJ
Abril/2015

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DENIS THIAGO SANTOS DE BARROS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Sociologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 15/05/2015

Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo UFRRJ
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Alessandra Andrade Rinaldi UFRRJ

Prof.^a Dr.^a Adriana Andrade Braga PUC-RJ

*Dedico esse trabalho à minha esposa,
Priscila Atie.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus alunos e minhas alunas, que desde 2009 me ensinam a ensinar e que me ajudam a ver o mundo de uma forma criativa e militante.

À minha avó, Maria Galdino Barbosa, uma das milhões de mulheres paraibanas que deixaram suas terras para serem empregadas domésticas nas grandes cidades do Brasil no século passado.

Ao meu pai, por ter financiado os meus estudos na Educação Básica e no Ensino Superior. À minha mãe, também retirante paraibana, que, à sua maneira, sempre me apoia nos meus projetos. Ao meu irmão, por ter sido minha companhia na infância e por ter tido tanta paciência comigo ao longo de nossas vidas.

À minha esposa, Priscila Marcelli Atie Pacheco, pela sua ajuda afetiva e material. Sem ela esse trabalho teria sido inviável. Obrigado pelo carinho, pela companhia e pela paciência.

Aos meus colegas de PPGCS-UFRRJ que formaram uma turma de Mestrado muito boa em 2013 pelo seu enorme bom humor e diversidade. Em especial aos meus amigos Alexandre Gaspari e Rafael Morello, e à minha amiga Mercedes Duarte, pelos almoços carregados de gargalhadas e pelos "bate-papos cabeças" após as aulas; a Michel Chaves, pelas longas conversas nas voltas pra casa; à queridíssima Julia Gimenez, tão apaixonada quanto eu por futebol, com quem conversei e aprendi muito.

A todos os professores e professoras do PPGCS, em especial à Alessandra Rinaldi, por ter me incentivado muito ao longo da minha pesquisa e por ter se disponibilizado a ajudar em um momento particularmente crítico desse trabalho.

A UFRRJ, uma universidade tão popular e diversificada. Foi um prazer ter sido ruralino por dois anos. Sinto que o serei para sempre.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Édison Gastaldo, pelas conversas nas sessões de orientação, por ter me segurado quando estava à beira de me perder nessa pesquisa e por me inspirar a ser um pesquisador de qualidade e autônomo.

Aos meus amigos e amigas de toda a vida. Certamente cada um deles/delas sabe quem são.

Ao futebol de todas as cores e dos gritos de todas as partes, sobretudo da periferia.

RESUMO

BARROS, Denis Thiago Santos de. **Arquibancada Invisível: Sociabilidade, Classe e Gênero entre Torcedores de Futebol na Internet**. 2015. 137p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2015.

Buscamos com esse trabalho compreender as origens e o contexto das manifestações torcedoras na internet, a partir de uma abordagem histórica do futebol, da imprensa e das torcidas no Brasil. Com base numa perspectiva sociológica, foram analisados 2631 comentários deixados por torcedores no site globoesporte.com durante a 7ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2014. Na análise dos dados, evidenciou-se a dinâmica da apresentação do self entre os participantes, as relações de conflito decorrentes da territorialidade atribuída a esses espaços e, em termos de conteúdo, categorias de acusação baseadas em raça, classe, gênero e identidades regionais.

Palavras-chave: Futebol, Internet, Torcida.

ABSTRACT

BARROS, Denis Thiago Santos de Barros. **Invisible Bleacher: Sociability, Race and Gender Between Supporters on the Internet**. 2015. 137p. Dissertation (Master Science in Social Science). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

We seek to understand in this research the origins and the context of the supporters manifestation on internet, through a historical approach of football, of sportive press and of the Brazilian supporters. Based on a sociological perspective, we studied 2631 posts that supporters wrote on the website globoesporte.com in the 7th round of the Brazilian football championship in 2014. In the analysis of these posts it was demonstrated the dynamics of the presentation of self supporters, the conflict relations caused by the territoriality attributed to the cyberspace and, about the content, accusation categories based on race, class, gender and local identities.

Keywords: Football, Internet, Supporter.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

Figura 1 - Primeira página do site globoesporte.com

Gráfico 1 - Quantidade de comentários de torcedores por time em número percentual

Tabela 1 - Quantidade de comentários de torcedores por time em números absolutos

Tabela 2 - Resultados dos jogos ocorridos na 7^a rodada do Campeonato Brasileiro de 2014

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I - Futebol e sociedade no Brasil.....	9
1.1 Construção social da torcida no Brasil, imprensa e sociabilidade torcedora.....	9
a) Sportsmen, assistência, torcida: um longo caminho.....	9
b) Quando o futebol vira notícia: a imprensa esportiva brasileira.....	11
c) Das touradas às arquibancadas do "Maraca": a construção social do público esportivo brasileiro.....	16
d) "É tudo brincadeira": sociabilidade, mídia e futebol.....	20
e) Futebol, gênero e sexualidade: os termos do jogo.....	22
1.2 - Olhares sociológicos: sociabilidade, conflito e gênero.....	24
Capítulo II - Metodologia: procedimentos de coleta, sistematização e análise dos dados.....	32
2.1 O site.....	32
2.1 Coletando os dados.....	35
2.3 Organizando os dados.....	39
Capítulo III - Análise dos dados.....	41
3.1 O campeonato, um retrato.....	41
3.2 Futebol e interação social: formas, conteúdos e identidades.....	42
3.3 Identidades torcedoras em questão.....	43
a) A apresentação de si em um espaço virtual futebolístico.....	43
b) Personagens em cena: jogos de identidades e ações teatrais.....	52
3.4 Formas de torcer.....	55
a) A territorialidade das notícias esportivas.....	55
b) Embates midiáticos: por que brigam e como brigam os torcedores na internet.....	79
3.5 Conteúdos da sociabilidade torcedora: um mundo racista, machista e dividido.....	99
a) A retórica da masculinidade: o feminino e a passividade sexual como elementos discursivos de depreciação.....	99
b) Distinções discursivas: a marcação da diferença de classes segundo os torcedores....	110
c) As divisões territoriais no olhar do torcedor: uma geopolítica a parte.....	118
Conclusão.....	129
Bibliografia.....	134

INTRODUÇÃO

Um dos filmes clássicos sobre futebol no cinema brasileiro é a obra "Garrincha: a alegria do povo", de Joaquim Pedro de Andrade. Trata-se de um documentário sobre um dos mais famosos jogadores da história do futebol brasileiro, o Garrincha, jogador bicampeão do mundo nas copas de 1958 e 1962 com a seleção brasileira de futebol. O filme retrata o auge da carreira do jogador, tanto no Botafogo, clube de futebol carioca pelo qual mais se destacou, quanto na própria seleção brasileira.

Entre as imagens de meninos e rapazes jogando bola na praia de Copacabana e dos dribles desconcertantes que Garrincha, com o seu olhar concentrado e sério e suas famosas pernas tortas, empreendia em seus marcadores adversários, aparece a figura do torcedor de futebol, ora no fundo das imagens, retratado numa massa amorfa composta por milhares de pessoas nas arquibancadas e na geral do estádio do Maracanã, ora em destaque, com seu rádio de pilha nos ouvidos, seu olhar atento a partida e seus gritos de gol, xingamentos e comentários.

Essas imagens exemplificam como a torcida e o torcedor foram predominantemente representados nas mídias em geral e na imprensa esportiva brasileira em particular. Os jornais captam em suas fotografias a massa torcedora, indistinta, com suas bandeiras e seus papéis a voar pela arquibancada afora. O rádio emite o barulho dessa massa, o "uh!" do quase gol, os gritos de "Mengo!" ou "Vasco!" ou o grito de "gol!" a plenos pulmões. A TV mostra essa mesma massa, com suas cores, seus fogos e seus movimentos. Por vezes a TV também retrata um torcedor em particular, seja por causa de sua fantasia, que chama a atenção pela engenhosidade e criatividade, seja por suas intensas reclamações, ou pela sua beleza física (nesse caso, quase sempre as imagens mostram mulheres torcedoras marcando sua presença nos estádios).

Com a popularização da internet e o advento de vários sites e blogs destinados ao futebol, oriundos de jornais ou emissoras de TV da grande imprensa ou do empreendimento particular de jornalistas e torcedores, o torcedor não é mais somente representado por outrem, seja por imagens, sons ou comentários de "especialistas" do futebol. Agora os torcedores produzem as suas próprias representações midiáticas. Através de seus comentários na internet, ele diz, se posiciona, comenta, xinga, discrimina, comemora, ofende, ironiza, tira sarro, debocha. E tudo isso é publicado em sites e blogs, inclusive os que pertencem à grande imprensa esportiva, sendo passíveis

de serem lidos, interpretados e respondidos. Para o bem ou para o mal, a internet é também o espaço do "do it yourself", um dos lemas do movimento punk rock dos anos 70 e 80 do século passado. Mas mesmo em sites e blogs pertencentes à grande imprensa, como o globoesporte.com e o ESPN.com, há espaço para o torcedor dizer.¹

Não estamos dizendo aqui que o torcedor e a torcida hoje não são mais representados pela mídia de massas, nem que no passado as possibilidades dos torcedores de se representarem midiaticamente eram nulas. O que estamos dizendo é que, com a internet, as possibilidades de autonomia hoje na representação midiaticizada do torcedor é maior do que foi no passado. Se uma pessoa for minimamente "iniciada" no manejo de computadores, ela poderá abrir um blog sobre futebol na internet com relativa facilidade, comentando jogos e contrariando as matérias publicadas na grande imprensa esportiva ou legitimando-as. Ou poderá fazer comentários em blogs e sites alheios.²

Contudo, até se chegar à internet, o caminho das representações da torcida foi longo. Nesse caminho, muito se disse sobre a torcida e o torcedor. Ora a beleza da massa torcedora era destacada, ora a violência de algumas de suas manifestações era temida. A torcida era vista tanto como um espetáculo a ser apreciado e elogiado, quanto como uma ameaça a ser domesticada. Essa ambiguidade na representação torcedora na grande mídia permanece nos dias de hoje. Na final da Copa Libertadores da América de 2011 entre o clube de futebol uruguaio Peñarol e o clube brasileiro Santos, a torcida "carbonera"³ protagonizou uma grande festa no Estádio Centenário em Montevideu, com muitos fogos, sinalizadores e muita cantoria, o que foi amplamente divulgado e elogiado na imprensa brasileira. Dois anos depois, no entanto, um torcedor boliviano de 14 anos acabou falecendo após ser atingido por um sinalizador nas arquibancadas do Estádio Jesús Bermudez, em Oruro, Bolívia, numa partida entre San José, time boliviano, e um dos mais populares times brasileiros, o Corinthians, também pela Copa Libertadores.⁴ Como de praxe, isso reiniciou uma enxurrada de discussões entre

¹ Além do ESPN.com, dos canais ESPN, e do globoesporte.com, da Rede Globo, há também o bandsports.band.uol.com.br, da Rede Bandeirantes, o esportes.terra.com.br, do provedor de internet Terra, para citar alguns sites da grande imprensa. O impedimento.org, o libertariosdaamerica.wordpress.com e o vailateral.wordpress.com são exemplos de blogs independentes.

² É preciso dizer que a facilidade para "navegar" na internet é muito relativa. Muitas pessoas de gerações mais velhas que conheço apresentam muita dificuldade em dominar determinadas ações das novas tecnologias, como mandar mensagens em celular e enviar e receber e-mails pelo computador.

³ Nome pelo qual é conhecida a torcida do Peñarol.

⁴ Para mais informações sobre o ocorrido, ver http://www.lancenet.com.br/corinthians/Torcedor-boliviano-Timao-apreensao-equipe_0_869913008.html.

jornalistas "especialistas em futebol" sobre a segurança nos estádios de futebol e a necessidade de contenção de torcedores, sobretudo os torcedores de organizadas.

Sendo objeto de admiração ou de temor, muito se disse e muito ainda se diz sobre a torcida na grande imprensa. Mas agora, talvez mais do que nunca, os torcedores têm maiores possibilidades de dizer, de falar sobre si mesmos, sobre seus times, sobre os torcedores e times adversários, sobre as partidas, sobre a imprensa e sobre muitos outros assuntos direta ou indiretamente relacionados ao futebol. Em blogs e sites da internet, muitas pessoas que acompanham o futebol nacional deixam centenas de comentários redigidos, os quais falam muitas coisas e de várias formas, desde elaboradas análises técnicas e táticas de partidas até xingamentos, ironias e comentários discriminatórios sobre torcedores adversários, jogadores, técnicos, dirigentes e matérias jornalísticas da grande mídia.

Nesse contexto, as questões que se colocam para o presente estudo são as seguintes: o que dizem os torcedores na internet? Como o dizem? O que estas falas nos dizem sobre o universo contemporâneo das práticas relacionadas ao futebol na sociedade brasileira?

Objetivo da pesquisa

Esse estudo tem por objetivo analisar o que esses torcedores estão dizendo na internet e como eles estão dizendo. Nessa empreitada, vamos tentar captar o imaginário do torcedor da internet e como ele se comporta no ciberespaço. A nossa preocupação nessa pesquisa é, sobretudo, com o aspecto banal da prática torcedora na rede. Banal no sentido de ser corriqueiro, descompromissado com qualquer outra coisa que vá além da própria interação.

Levamos aqui duas hipóteses de pesquisa: a) a internet trouxe uma mudança específica na prática torcedora, no que diz respeito à estética da participação do torcedor na cultura futebolística, à forma como os torcedores vivenciam o futebol.⁵ Que mudança é essa ou quais mudanças são essas é uma resposta que pretendemos construir com esse estudo, caso a nossa primeira hipótese se mostre verdadeira; b) partimos da premissa de que a internet é uma espécie de espelho no qual aspectos fundamentais da cultura se refletem. Acreditamos que, nos comentários que torcedores fazem em sites e blogs

⁵ O que chamamos aqui de cultura futebolística é todo o conjunto de práticas que caracterizam as pessoas que gostam e acompanham futebol, como as conversas sobre os jogos, os comentários sobre os jogadores, as gozações em relação ao time e à torcida adversária, o costume de vestir a camisa do time em dias de jogos ou cotidianamente etc.

sobre futebol, elementos da cultura brasileira aparecem de forma clara e abundante, já que o futebol é um esporte muito popular por aqui há bastante tempo.

Dentro da internet há muitas "internets", nas quais há muitos sites e blogs cujo tema principal é o futebol. Por isso essa pesquisa exige um recorte a ser feito. Como o leque de opções é bastante amplo, esse recorte é tão difícil quanto necessário. Para isso, a nossa escolha foi estudar os comentários que os torcedores escrevem nos blogs e nas notícias do site globoesporte.com. Esse site possui leitores de todo o Brasil, com ampla participação de torcedores em seus comentários, o que contribui para a riqueza do objeto que vamos olhar nessa pesquisa. O globoesporte.com possui uma página para cada time de futebol da 1ª divisão do Campeonato Brasileiro de futebol, popularmente chamado de "Brasileirão". Nessas páginas, as notícias sobre os times possuem, cada uma, um espaço para comentários das pessoas que visitam o site. A maioria dos times tem, nesse site, um blog no qual uma pessoa, o "blogueiro", escreve textos fazendo comentários sobre o time ao qual o blog se dedica. Cada um desses textos possui espaços para comentários dos torcedores que visitam o blog.

Os dados dessa pesquisa são comentários colhidos tanto dos blogs quanto de parte das notícias veiculadas na página destinada a cada clube da 1ª divisão do campeonato em questão. Como esse torneio possui 38 rodadas nas quais todos os times jogam entre si duas vezes (uma "dentro de casa" e outra fora),⁶ escolhemos a 7ª rodada do Brasileirão para fazer a coleta de dados, pois esse é um período particularmente crítico do campeonato, já que uma vitória ou uma derrota de um time nessa altura faz com que a sua posição da tabela do torneio mude drasticamente. Com isso, fizemos um corte horizontal e sincrônico no objeto a ser estudado, o que nos permite ler o que torcedores de diferentes partes do país estão dizendo praticamente ao mesmo tempo.

⁶ Na linguagem do futebol brasileiro pelo menos, um time joga "dentro de casa" quando ele enfrenta um time adversário em seu próprio estádio, o qual se localiza em sua cidade de origem (Náutico, Estádio dos Aflitos, em Recife, por exemplo) e joga "fora de casa" quando enfrenta um time adversário no estádio e/ou na cidade desse time. Em geral, jogar dentro de casa significa ter maior apoio de sua torcida, que marca presença em maior número do que a torcida adversária. Jogar fora de casa significa, por sua vez, jogar com "pressão" da torcida adversária, presente em maior número. Em jogos entre times da mesma cidade, como Remo x Paysandu, Ceará x Fortaleza e Vasco x Flamengo, é comum que as torcidas rivais ocupem duas metades distintas de um estádio, sobretudo quando os times em questão (ou um deles) não possuem estádio próprio. Isso ocorre também na Itália em jogos como Internazionale x Milan, times de Milão, e Lazio x Roma, times da capital italiana. Na Inglaterra, até onde sabemos, isso só ocorre na final do tradicional torneio FA Cup, disputado no estádio Wembley, em Londres, assim como ocorre na final da Copa da Alemanha, disputada em um estádio definido pela Federação Alemã de Futebol e na final da UEFA Champion's League, na qual a UEFA, União das Federações Europeias de Futebol, decide em qual estádio e cidade europeia ocorrerá esse jogo.

Assim, este trabalho é um pontapé inicial numa partida em que, para usar uma gíria típica do futebol, muita bola ainda irá rolar. Apostamos que esse jogo será infinito, tão infinito quanto são as possibilidades de ação humanas o são.

Justificativa

De acordo com Toledo (2010) a prática torcedora é uma ação corporal por excelência. Pode-se dizer a partir da leitura desse antropólogo que torcer é a vivência de uma complexa interação entre sujeitos de diferentes identidades, incluindo as identidades clubísticas, e também entre esses sujeitos torcedores e seus times, assim como entre eles e seus times adversários. A corporalidade é, na visão de Toledo, elemento fundamental do que ele chama de "inteligibilidade do jogo", isto é, a relação entre os que jogam e os que assistem ao jogo.

Essa corporalidade, ainda segundo Toledo (2010), não está restrita ao estádio no qual a partida se realiza. Ela vai muito além dele, se espalhando pelos diferentes pontos da cidade. O meio urbano e os complexos processos de (re)posicionamento das identidades de um sujeito é um elemento chave para esse autor pensar o ato de torcer. À violência e à barbárie tão comum às grandes cidades contemporâneas se opõe a "socialidade lúdica", isto é, um tipo de interação "não séria" na qual os sujeitos elaboram seus discursos ou fragmentos de discursos de forma independente das condições objetivas que afastam esses sujeitos na vida cotidiana, como o pertencimento a uma classe social e a determinadas categorias profissionais. Nesse sentido, o futebol constitui também um terreno no qual essa socialidade se desenrola.

Aos consistentes argumentos de Toledo, propomos acrescentar uma reflexão sobre a prática torcedora fora da cidade e fora do âmbito da corporalidade: o ato de torcer pela internet, o que, por ora, chamamos de *prática torcedora cibernética*. Com isso propomos ampliar a reflexão de Toledo no que se refere ao ato de torcer, mostrando que essa ação vai além não só das arquibancadas dos estádios, mas também do próprio espaço físico urbano. Os milhares de comentários que torcedores escrevem em blogs e sites cujo tema principal é o esporte e, especialmente, o futebol, constituem, a nosso ver, uma sólida evidência de que o ato de sentar na frente de um computador pode também

fazer parte do ato de torcer, pois entendemos que uma pessoa só usará essa mídia para escrever sobre futebol enquanto torcedora.⁷

É importante dizer também que no futebol (mas não só nele), classe, raça, gênero, sexualidade, territorialização, identidade clubística são categorias que se misturam de forma muito complexa. Essa mistura ocorre nos espaços físicos nos quais a cultura do futebol se revela de forma mais evidente (estádios e bares) e também nas partes do ciberespaço que têm no futebol o seu tema. Sendo um importante patrimônio cultural imaterial do Brasil, talvez o maior deles, é evidente que o que se diz em torno do futebol na internet constitui um objeto de suma importância para pensar aspectos fundamentais de nossa sociedade, como os inúmeros conflitos que dela fazem parte.

Os caminhos da pesquisa: o que será feito

De acordo com Édison Gastaldo (2011), o universo simbólico do futebol vai muito além do que acontece nos estádios, no campo e nas arquibancadas, se estendendo pela imprensa escrita e televisiva, pelos programas de rádio e nas interações sociais descomprometidas do cotidiano. Uma das hipóteses dessa pesquisa de mestrado, como já relatamos acima, é que os sites e blogs sobre futebol existentes na internet, ou as discussões sobre futebol existentes em sites de relacionamentos em geral, são um elemento a mais no universo simbólico futebolístico, com características próprias. Entendemos que as interações sociais construídas na internet não são meras e estritas transposições das formas de interações sociais do cotidiano, estabelecidas face a face. Tentar compreender o que a internet trouxe de novo para a interação entre torcedores é o objetivo maior da presente pesquisa.

Daí a definirmos como uma busca dessa torcida que, a princípio, se mostra desorganizada num conjunto extenso e complexo de comentários, palpites, piadas e ofensas lançadas por pôsteres de facebook e/ou por comentários escritos em blogs ou nas reportagens dos sites da grande imprensa. Se a internet tem um aspecto de "do it yourself" por um lado, por outro lado os programas de vigilância usados pelo governo estadunidense para espionar a população americana, europeia e latino-americana, através de servidores de empresas como o Google e o Facebook, revelados pelo ex-

⁷ Salvo, é claro, se uma pessoa escreve um texto sobre futebol na condição de jornalista, por exemplo. Mas aqui estamos falando das pessoas que escrevem fora de uma condição profissional de quem escreve sobre esse tema. Estamos falando de quaisquer pessoas que, voluntariamente, sem nenhum tipo de obrigação, se dispõem a escrever sobre futebol usando a internet.

técnico da CIA, Edward Snowden, nos mostram que o ciberespaço possui complexas dinâmicas de poder que não podem ser negligenciadas num estudo que trate desse tipo de espaço. Fazemos por nós mesmos na internet, mas isso não significa dizer que não estamos sendo vigiados, nem que as nossas ações não possuem consequências negativas para nós.

Além disso, Adriana Braga (2006) diz que a novidade trazida pelas interações estabelecidas na internet provoca a adaptação de modelos de interação provenientes de outros contextos para esse espaço, experimentando e criando, ao mesmo tempo, as regras que regularão as interações nesse espaço específico. Ou seja, além de não estarmos isentos de vigilâncias nos sites e blogs que frequentamos, também não estamos isentos de regras. Ao contrário, como sugere Braga, estamos sujeitos a velhas regras, adaptando-as ao ciberespaço, e inventando novas. O que nos leva a pensar que a torcida cibernética pode ser menos desorganizada do que aparenta.

Cabe aqui agora expor sucintamente o que será feito nos próximos capítulos dessa dissertação. O capítulo um discutirá a construção social da torcida enquanto personagem da cultura do futebol brasileiro, a crescente importância midiática que esse esporte teve na imprensa brasileira ao longo de sua história, a forma como a sociabilidade entre torcedores se desenrola e os termos a partir dos quais os torcedores representam o futebol para os outros e para si mesmos. Em suma, falaremos dos usos sociais do futebol no Brasil e de alguns conceitos sociológicos importantes para a análise feita nessa pesquisa.

O capítulo dois será o momento no qual falaremos de como a pesquisa foi feita. Será elucidado aqui as ações da pesquisa na coleta de dados, assim como as leituras e releituras dos mesmos para posterior análise sociológica.

O capítulo três será o capítulo da análise dos dados, sobre os quais nos debruçaremos tentando apreender os múltiplos e diversos aspectos dos discursos feitos pelos torcedores dentro do recorte que feito para essa pesquisa.

Com as experiências que estamos vivendo ao longo dessa pesquisa de campo, pudemos notar com facilidade o quão difícil é pesquisar um objeto do qual se é duplamente familiar: o futebol e a internet. Nem de longe poderíamos construir a imagem de um pesquisador cujo objeto é a internet como sendo algo análogo ao papel de "aventureiro" que "Malinowskis", "Meads" e "Whytes"⁸ desempenharam no passado

⁸ Fazemos aqui uma referência informal aos nomes de pesquisadores consagrados das ciências sociais, o polonês Bronislaw Malinowski, a americana Margaret Mead e o também americano William Foote

das ciências sociais. A nossa grande aventura nesse campo está sendo abrir o notebook e estranhar tudo o que já naturalizamos sobre internet e futebol. As páginas seguintes dirão se fomos ou não bem sucedidos no que nos propusemos a fazer nesse trabalho.

Whyte. Todos eles escreveram obras clássicas das ciências sociais, mais precisamente da antropologia, oriundas de estudos de campo em locais nada familiares para esses pesquisadores.

CAPÍTULO I: FUTEBOL E SOCIEDADE NO BRASIL

1.1 Construção social da torcida no Brasil, imprensa e sociabilidade torcedora

a) Sportsmen, assistência, torcida: um longo caminho

Muito embora os termos "torcedores" e "torcida" sejam hoje de uso corrente entre os brasileiros para denominar as pessoas que têm predileção por um determinado time de futebol e que desejam o seu sucesso, se emocionando com as vitórias e derrotas de seu "time do coração", um olhar pela literatura historiográfica e sociológica sobre esses termos mostra que nem sempre eles foram usados no sentido que eles têm hoje e que, no passado, outros termos eram utilizados para se referir ao que hoje chamamos de "torcida".

Segundo Melo (2012), a palavra "sport" tinha no século XV o sentido de diversão como um todo e no século XVIII denominava as atividades vivenciadas pelas classes socioeconomicamente elevadas nas regiões campestres da Inglaterra. Esses sentidos foram abandonados na medida em que o *sport* foi se tornando uma atração a ser vendida pelo mercado de entretenimento, sendo apreendido pelas massas operárias inglesas. Na sociedade capitalista industrial, o *sport* será visto como uma prática central numa sociedade que busca o consumo e o espetáculo. Por essa época, todas as pessoas que tinham algum envolvimento com o *sport* eram designadas pelo termo "sportsmen", tanto na Inglaterra quanto no Brasil.

Hollanda (2009) diz que as imprensas locais pelo mundo afora importaram da Inglaterra todos os termos que se referiam estritamente aos componentes do jogo. Com isso, o repertório de termos técnicos do futebol pouco se alterou. *Football* virou *fussball* na Alemanha, *fútbol* na Espanha, Argentina e Uruguai e *futebol* no Brasil dos anos 1950. Contudo, os termos usados para designar as pessoas que assistiam e vibravam com as partidas de futebol nas arquibancadas não se limitou a reprodução dos termos ingleses. Cada país criou designações específicas para se referir à figura do espectador de futebol. Porém, o sentido geral que perpassa todas essas designações sustenta uma visão que atribui ao torcedor uma condição patológica de perda de controle de seu próprio corpo e de suas emoções, enfatizando os aspectos sensório-motores do ato de torcer.

Um dos termos que os ingleses usariam para se referir ao espectador a partir do final do século XIX seria, segundo Hollanda (2009) "fan", abreviação de "fanatic", palavra de origem religiosa, ligada às ideias de devoção, exaltação e idolatria. Na Itália o termo utilizado a partir da década de 1920 foi a palavra "tifoso", isto é, aquele que está com uma febre (tifo), trazendo à nossa mente a imagem de uma pessoa cujo corpo está em um estado de incontrolável exaltação doentia. Espanha, Argentina e Uruguai usarão, a partir dos anos 1950, o termo "hincha", cuja tradução para o português é "inchar", passando a ideia de uma bola de futebol sendo inflada por uma bomba de gás.

No Brasil inicialmente foi usado o termo "assistência" para se referir ao torcedor nas imprensas carioca e paulista até os anos 1930. Esse termo tinha origem no habitus das elites do Rio de Janeiro e São Paulo, desenvolvido no consumo de espetáculos musicais de arte erudita, como as óperas do Teatro Municipal do Rio. Reforçava-se, com isso, o caráter aristocrático que o futebol tinha entre nós no início do século XX. Contudo, o termo "*torcedor*" foi aparecendo nas crônicas jornalísticas a partir das observações, por parte da imprensa, de um comportamento inusitado vindo das arquibancadas: o público feminino, presença marcante nos jogos de futebol no início do século passado, caracterizada pelos lenços que levavam aos jogos para saudar os jogadores em campo, *torcia* esses lenços em suas mãos ante a iminência de um gol de seu time ou de uma jogada de perigo do time adversário. Então, gradativamente o "assistente" foi dando lugar ao "torcedor" na crônica esportiva (HOLLANDA, 2009).

Ao que parece, a surgimento do termo "torcedor" no futebol acrescentou um novo sentido a essa palavra na língua portuguesa. Malaia (2012) faz um instigante apanhado das formas como o verbo "torcer" foi sendo definido ao longo do tempo nos dicionários de nossa língua. Segundo ele, o *Dicionário de Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes e Silva, datado do ano de 1813, o termo "torcedor" era definido como "coisa com que molestamos alguém para o dobrarmos a nosso intento". Em 1926 o dicionário de João Ribeiro define o verbete "torcer", em seu sentido esportivo, da seguinte forma: "(...) animar com gestos a vitória dos jogadores (Brasil)." Os termos "torcedor" e "torcedeira" (sic) eram definidos como "aquelle que torce nos *sports*" (MALAIA, 2012, p. 80). No final dos anos 1930, o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire deu 27 diferentes significados ao verbo "torcer", dentre os quais "trabalhar para favorecer alguém em prejuízo de outro, desejar os proveitos de alguém, em detrimento de outrem" e "desejar a vitória de um grupo desportivo, gritando e gesticulando" (MALAIA, 2012, p. 81).

Malaia (2012) observa ainda que a palavra "torcer" adquiriu um novo significado justamente às vésperas de o Brasil sediar a Copa do Mundo de futebol em 1950. Em 1949, Orlando Mendes publica um pequeno dicionário esportivo destinado aos corpos discentes das escolas ginásias brasileiras. Nesse dicionário, o verbo "torcer" ganhava um significado mais específico: "pugnar pela vitória de seu clube desportivo" (MALAIA, 2012, p. 82). "Pugnar", "lutar", "brigar" pela vitória de seu time de futebol. Esse foi o novo sentido adquirido pela palavra "torcer". Do "assistente" passivo e docilizado do início do século XX, o espectador do futebol virou o "torcedor", uma personagem que briga pela vitória de seu time, tanto quanto os jogadores em campo.

Ao que tudo indica, conforme o futebol foi se popularizando no Brasil, foi-se forjando um ethos próprio para quem estava de fora das partidas, mas que estava envolvido nelas, não profissionalmente como a imprensa, mas pelo puro prazer de se deixar envolver pela lógica do jogo de futebol, com as suas impreviões, tensões, alegrias e tristezas. O torcedor vive o futebol na mesma medida em que essa vivência o ajuda a construir parte do significado para a sua vida. Não é aleatório o fato de os torcedores brasileiros usarem o verbo "ser" para dizerem para qual time eles torcem: "sou Vasco", "sou mengão", "sou fogão", "sou fluzão"...

b) Quando o futebol vira notícia: a imprensa esportiva brasileira

Existem hoje vários veículos midiáticos que tratam especificamente do esporte, sobretudo do futebol, tanto jornais quanto programas em canais televisivos e sites na internet. Atletas como Lionel Messi e Cristiano Ronaldo têm seus nomes vinculados a grandes marcas de tênis, roupas e materiais esportivos, como a Nike e a Adidas. A transformação do futebol em mercado e espetáculo é fenômeno relativamente recente, tendo começado na Inglaterra dos anos 1970.⁹ Muito dinheiro circula hoje no campo esportivo como um todo. No futebol, ligas nacionais e continentais são patrocinadas por bancos e grandes empresas, tendo sido os próprios clubes transformados em verdadeiras empresas nas últimas décadas. A relação entre imprensa e futebol foi um ingrediente para que o esporte bretão tivesse hoje a dimensão de espetáculo que ele possui.

A forma como a imprensa e o futebol se relacionaram na história construída desse esporte em capitais como o Rio de Janeiro constitui um bom exemplo para entendermos um pouco melhor como se deu essa relação no Brasil. Sobre a imprensa

⁹ Para uma excelente discussão sobre esse tema, ver PRONI, 2000.

carioca, Melo (2012 b) diz que ela constituiu um elemento importante para a promoção do esporte no Brasil a partir do século XIX, primeiramente divulgando as datas dos eventos esportivos e as regras do esporte em questão, assim como, nos dias seguintes aos eventos, tecendo comentários sobre o que havia acontecido de relevante neles. Como esses eventos eram frequentados sobretudo por membros das elites do Rio, aos jornalistas interessavam cobrir os eventos esportivos para estar perto dessas elites e valorizar, assim, a sua própria posição social, além de aumentar a venda de seus exemplares e a comercialização de espaços publicitários para os clubes e empresas ligados aos esporte. Já às agremiações esportivas interessavam ter uma relação amistosa com a imprensa, pois ela promovia os eventos esportivos realizados por elas, valorizando-os e divulgando a prática esportiva e a diversão na cidade, fatores que estavam associados ao projeto brasileiro de modernidade.

A imprensa carioca também opinava sobre determinados acontecimentos ocorridos nesses eventos esportivos. Um exemplo disso foi a crítica que o *Jornal do Brasil* fez à atuação da polícia numa confusão entre o público que acompanhava um evento de turfe no Hyppodromo Nacional em 1892. Segundo a matéria "Hyppodromo Nacional - Grande Conflito - Suspensão de Divertimento", o delegado da polícia carioca não agiu com eficácia para impedir que os insatisfeitos com os resultados das competições do dia depredassem o local (MELO, 2012 b). Segundo Barbosa, citado em Melo, a imprensa do século XIX atribui a si mesma o papel de "fiscalizar os poderes, denunciar" e de ser "a voz dos fracos e oprimidos" (BARBOSA apud MELO, 2012 b).

Ainda segundo Melo (2012 b), desde o início da difusão do esporte no Rio, os jornalistas forjaram representações do esporte, negociando seus sentidos e significados. Contudo, ele enfatiza a relação dialógica e tensa existente entre a imprensa e as entidades esportivas. A contribuição da imprensa para o delineamento do campo esportivo não é, para Melo, linear e absoluta, muito embora sua relevância não possa ser desconsiderada. Segundo ele, imprensa e esporte se alimentam mutuamente: uma é causa e consequência da outra.

Por sua vez Lopes (1994) destaca o papel importante que o jornalista Mário Filho teve no desenvolvimento da imprensa esportiva carioca. Segundo Lopes, até 1927 as matérias sobre os jogos de futebol eram sumárias e feitas nos dias posteriores aos jogos. Foi Mário Filho que começou a realizar matérias sobre as partidas do futebol dias antes de suas realizações, noticiando treinos, fazendo entrevistas com os jogadores, contando as suas biografias, criando eventos e relatando os fatos ocorridos momentos

antes dos jogos. Nas matérias de Mário Filho, os jogadores não eram retratados com ternos e paletó, como comumente eles apareciam em matérias de outros jornais, mas sim em seus momentos durante os jogos, em imagens ampliadas, geralmente com os bonés de seus clubes.

Diante da recusa do América e do Botafogo em aceitar a profissionalização no futebol carioca no início dos anos 1930, Mário Filho organiza várias campanhas em seu jornal com o intuito de atrair o público para os jogos do campeonato carioca. De acordo com Lopes (1994), Mário Filho criou, por exemplo, competições que premiavam as torcidas mais bonitas e criativas. Elaborando crônicas sobre episódios ocorridos em jogos passados entre duas grandes equipes do futebol carioca, esse jornalista também criou o que até hoje é chamado no futebol brasileiro de "jogo clássico".¹⁰ O jogo Flamengo x Fluminense, o famoso Fla-Flu, termo cunhado pelo próprio Mário Filho, é um exemplo do efeito das atuações desse jornalista na imprensa esportiva. Em suas crônicas, a formação do Flamengo a partir de uma dissidência do Fluminense ganhou ares de grande rivalidade, resignificando os jogos entre essas duas equipes.

Para Lopes (1994), Mário Filho foi uma personagem fundamental na criação de novos meios de mobilização das massas, usando uma mistura entre futebol e cultura popular, através da música e da boemia carioca. O autor lembra uma passagem da biografia do irmão de Mário Filho, Nelson Rodrigues, na qual Ruy Castro, o biógrafo, escreve que certa vez Mário Filho mandou que fossem destruídas todas as tiragens de um jornal cuja manchete dizia "Botafogo estraçalha o Vasco". Para justificar sua atitude, Filho, que era torcedor do Flamengo, disse que nenhuma vitória poderia estraçalhar um time como o Vasco. Entendemos que essa história sugere que Mário Filho transformou em realidade e notícia o sentimento e a identificação que o futebol, por alguma razão, despertava nele. Talvez essas tenham sido a matéria prima sobre a qual Filho se construiu como "inventor de tradições" futebolísticas.

Hollanda (2012 b), no entanto, faz uma ressalva sobre Mário Filho. Ele salienta que a atuação desse jornalista como "inventor de tradições e de multidões" não era solitária. Ele sempre teve importantes aliados, tanto entre jornalistas e cronistas, quanto entre líderes políticos e pessoas influentes na elite carioca. O jornalista Roberto Marinho, dono do jornal *O Globo*, e os escritores João Lyra Filho e José Lins do Rego são alguns exemplos dos muitos personagens importantes no trabalho jornalístico de

¹⁰ Na Inglaterra e na Itália esse tipo de jogo, que marca o encontro de grandes equipes, historicamente rivais, é chamado de *derby*.

Mário Filho e nos efeitos políticos desse trabalho.¹¹ Marinho, juntamente com José Bastos Padilha, presidente do Flamengo, e Armando Guinle, ex-presidente do Fluminense e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) ajudou Mário Filho a adquirir o *Jornal dos Sports* em 1936. Esse jornal foi, durante décadas, o principal jornal esportivo do Rio de Janeiro, sobretudo durante o período no qual Filho foi seu dono. Com sua morte, em 1966, Mário Júlio, seu único filho, assume a direção do jornal, após a rápida passagem de sua mãe, Célia Rodrigues, nesse cargo, que termina tragicamente com o seu suicídio, em dezembro de 1967. Sob o comando de Mário Júlio, o *Jornal dos Sports* realiza algumas inovações, como a criação do suplemento *O Sol*, cujo conteúdo era dedicado ao público jovem.

Apesar das inovações, o *Jornal dos Sports* jamais voltaria a ter a importância e o sucesso que teve nos 30 anos em que foi dirigido por Mário Filho. Holanda (2012 b) sugere que as articulações políticas que Mário Filho criou antes e durante o período no qual ele comandou o *Jornal dos Sports* foi de suma importância para que esse jornal se tornasse hegemônico no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro, através do qual ele se inseriu de forma sutil e poderosa na nos bastidores da política esportiva dessa cidade. Mas após a morte de Mário Filho, o *Jornal dos Sports* foi sendo gradativamente eclipsado. Um dos fatores que explicam isso é o surgimento da revista *Placar*.

De acordo com Malaia (2012 b), a revista *Placar* foi a primeira revista esportiva do Brasil a surgir nos anos 1970. Criado pelo poderoso grupo editorial *Abril*, a *Placar* aparece num contexto particularmente dramático para a vida política do Brasil e para o futebol desse país. Em relação ao primeiro, tratava-se do período no qual estava em vigor a Lei de Imprensa, de 1967, que reprimia a liberdade de imprensa, e o Ato Institucional nº 5, o AI-5, de 1968, que ampliou a repressão à imprensa. No futebol a crise se deu pela demissão de João Saldanha do cargo de técnico da seleção brasileira a pouco tempo para o início da Copa do Mundo do México. Como na Ditadura Militar o esporte era assunto de Estado, a imprensa esportiva se via cerceada na sua atuação assim como quaisquer outras esferas da imprensa nacional.

Ainda segundo Malaia (2012 b) isso não impediu que a revista *Placar* se posicionasse a favor do técnico João Saldanha, publicando em uma de suas edições a "*Carta Aberta ao Futebol Brasileiro*", texto escrito pelo próprio Saldanha no qual ele fez duras críticas ao médico da seleção brasileira, Lídio Toledo, e aos cartolas do

¹¹ Holanda ainda diz que Mário Filho não foi o único a lutar pela profissionalização do futebol, nem a "inventar" notícias, coisa que acontecia desde o início do século XX, quando os jornais cariocas fomentavam competições para ter o que noticiar (HOLLANDA, 2012 b).

futebol brasileiro. Além disso, a revista trazia nas suas tiragens as charges criadas por Henfil, nas quais Saldanha sempre aparecia como um homem destemido, que botava os adversários pra correr. Em uma página da edição de 27 de março de 1970 da *Placar*, o técnico Zagallo, o substituto de Saldanha no comando da seleção na Copa de 70, era sutilmente associado à Ditadura Militar, sugerindo que Zagallo era protegido dos militares, seus "anjos da guarda". Se lembrarmos que os militares tinham representantes tanto na direção do Conselho Nacional de Desportos quanto na Confederação Brasileira de Desportos, podemos perceber que a *Placar* desafiava o governo militar com as suas reportagens pro-Saldanha. Essa revista, sob a influência de jornalistas como Juca Kfourri, também cobriu intensamente o movimento pelas "Diretas Já", dando forte apoio ao movimento pela redemocratização do Brasil. Malaia (2012 b) ressalva, contudo, que ao longo de sua história, a *Placar* também produziu discursos que se alinhavam ideologicamente com a Ditadura.

Com suas fotografias e seu colorido, a revista *Placar* conquistou muitos leitores e fez amplo sucesso na imprensa esportiva brasileira. Contudo, em 1996 uma outra personagem apareceria na imprensa esportiva nacional a partir da sua atuação nas capitais dos estados do Rio e de São Paulo, impondo a sua hegemonia, que segue até os dias atuais: trata-se do jornal *Lance!*. O criador desse jornal, Walter Mattos Júnior, visava construir um veículo midiático alinhado com os novos tempos vividos pelo futebol a partir dos anos 1970, os quais se caracterizam pela transformação do futebol num grande e lucrativo mercado tanto para redes de televisão quanto para empresas investidoras no ramo esportivo (STYCER, 2012). Para isso, Walter contratou o designer gráfico Antoní Cases, que participou da criação do diário esportivo argentino *Olé*, do poderoso grupo *Clarín*, e da reformulação do jornal catalão *El Mundo Deportivo*.

Segundo Maurício Stycer (2012), as ideias de Cases consistiam na busca da produção de um jornal "para o torcedor", com menos textos e mais imagens. Mattos, por sua vez, queria atingir um público jovem de classe média e classe média alta, produzindo um jornal cuja leitura fosse "leve". Essa é a razão para que o *Lance!* seja, desde o seu início, "uma espécie de vitrine" (STYCER, 2012, p. 197), se tornando um veículo entre o mundo do futebol e seu potencial público consumidor. Stycer exemplifica isso com a seção "Quem vai querer?", publicada pelo jornal aos sábados, na qual vários produtos esportivos eram anunciados, com informações sobre eles, seus preços e os locais onde o cliente poderia comprá-los. O *Lance* também acompanha o dia-a-dia de alguns jogadores brasileiros, tanto dos que atuam em times de futebol do

Brasil, quanto dos que trabalham no exterior, algo que já era feito por Mário Filho nos anos 1930 com Domingos da Guia e Leônidas da Silva, por exemplo.

Ao fazer essa sucinta descrição da história da imprensa esportiva brasileira, nos concentramos somente na imprensa escrita. Falar do rádio e da televisão foge dos limites dessa pesquisa. Contudo, consideramos o que foi aqui exposto suficiente para mostrar que o jornalismo esportivo cresceu tanto quanto o próprio futebol e paralelamente a ele. Esse esporte se popularizou rapidamente no Brasil, assim como ocorreu na Inglaterra, seu país de origem, ultrapassando em muito os limites que as elites desses dois países queriam atribuir ao futebol, dando a esse esporte um sentido de educação moral e física dos homens da aristocracia. Em nossa opinião, não faz sentido tentar entender se a causa da popularização do futebol foi a imprensa esportiva, ou vice-versa. A realidade é complexa demais para que quaisquer de seus aspectos tenham somente uma origem. O fato é que a imprensa esportiva hoje alimenta a vivência e o consumo do futebol tanto quanto o futebol alimenta a difusão da imprensa esportiva. A imprensa, assim como a torcida, inventa espetáculos e heróis.

c) Das touradas às arquibancadas do "Maraca": a construção social do público esportivo brasileiro

É truísmo dizer em ciências sociais que a realidade é socialmente construída. Mas num esporte tão midiático como o futebol, acreditamos que nunca é demais lembrar que o enorme montante de torcedores e notícias que temos hoje sobre ele teve uma lenta formação ao longo dos anos. O futebol tem hoje, com toda a sua espetacularização e com todo o dinheiro que produz, a imagem de um esporte sem princípio nem fim, absoluto em sua própria existência. Não nos esqueçamos, portanto, que o futebol é um esporte moderno, muito novo, que tem pouco mais de 100 anos, filho da sociedade burguesa, como mostraram os sociólogos Elias (1992) e Pierre Bourdieu (2003).

No caso brasileiro, a formação de um público de torcedores de futebol nos remete a experiências esportivas muito anteriores a esse esporte. Segundo Melo (2012), no Brasil o público esportivo se inicia com as touradas que eram realizadas por aqui desde o século XVIII. Antes da chegada da Família Real Portuguesa, as touradas eram realizadas somente em datas festivas. Com a vinda da Corte para o Brasil, no início do

século XIX, essas práticas passaram gradativamente a ser organizadas por "empresários", ganhando uma nova dinâmica com a construção de grandes arenas, nas quais eram vendidos ingressos para locais diferenciados, de acordo com o conforto, nas arquibancadas.

Por serem eventos caros e alvos de restrições legais, as touradas foram minguando em meados do século XIX. Além disso, esse século seria palco para as elites brasileiras buscarem a modernização do país, o que não dava espaço para a popularização de uma prática que lembrava as zonas rurais. Mais adequado à imagem de um país moderno, o turfe começa a ser praticado desde as primeiras décadas do Império, mas somente a partir de 1868, com a criação do Jockey Club, que esse esporte se tornará popular. A necessidade de um grande público para arcar com as necessidades econômicas do turfe e a busca da distinção da aristocracia carioca em relação às classes populares são dois fatores apontados por Melo (2012) como razões para a popularização desse esporte.

Mas, ainda segundo Melo (2012), o turfe jamais criou uma torcida. Não havia nesse esporte a ideia de vinculação a um clube, com o qual o torcedor se identificasse. O turfe gerava muitas casas de apostas e, com isso, muita confusão, os famosos "tribofes". Mas a torcida começou a se formar mesmo com o remo. O remo surgiu no Rio de Janeiro num contexto de intensificação da busca, por parte das elites cariocas, por atividades modernas e "civilizadas". O banho de mar tornou-se, na segunda metade do século XIX, costume na Europa, o que, conseqüentemente, se refletiu no Brasil. Na década de 1870, com a criação do Clube Guanabareense, o remo se torna mais organizado e popular. Clubes como o Flamengo e o Vasco ajudaram em muito a popularizar a prática desse esporte. Esses dois clubes vão paulatinamente desenvolver uma rivalidade no remo que dura até os dias atuais no futebol. Os espectadores criaram o ethos de se identificar com um determinado clube de remo para por ele torcer. Com isso esse esporte lança as bases do que hoje nós entendemos por "torcida" e "torcedor". Somente o futebol conseguiu ultrapassar a popularidade do remo no Rio de Janeiro.

O futebol aprofundaria a identificação entre torcedor e clube que começou a ser forjada pelo remo. A década de 1930 veria surgir torcedores que, em sua empolgação, se destacam nas arquibancadas, recebendo o título de "chefes de torcidas". Hollanda (2012) evoca a lembrança de um sujeito símbolo desse tipo de personagem: o baiano Jaime de Carvalho, criador da Charanga, primeira torcida organizada do Flamengo. Essa torcida foi fundada no dia da final do campeonato carioca de 1942, vencido pelo

Flamengo. Desde então os "charangueiros" passaram a acompanhar o Flamengo ao longo da trajetória desse time nos campeonatos dos quais participava, fazendo verdadeiras festas com a sua banda nos bondes e nas ruas da cidade. Foram eles que introduziram as bandeiras nas arquibancadas dos estádios. A Charanga rubro-negra influenciou a formação de outras charangas de times cariocas, como a TUV do Vasco, em 1944.

De acordo com Hollanda (2012), Jaime de Carvalho passou a ser uma figura conhecida da imprensa e das autoridades brasileiras, se tornando seus braços direitos nas arquibancadas cariocas. Isso aconteceu porque tanto jornalistas quanto as autoridades políticas passaram a se preocupar com a grande dimensão que a popularidade do futebol estava tomando no Brasil. A partir da inauguração do Maracanã, estádio de enormes proporções arquitetônicas, essa preocupação se tornaria ainda maior, pois um estádio com capacidade para 200 mil pessoas, como era o caso do Maracanã, trazia consigo a questão de como manter a ordem pública num evento de tamanha dimensão. Por isso as torcidas organizadas foram vistas por cronistas esportivos e pelas autoridades políticas como elementos através dos quais se poderia "civilizar" a torcida, docilizando as massas das arquibancadas. Então, chefes de torcidas como Jaime de Carvalho receberam amplo apoio do governo e da imprensa, tornando-se líderes respeitados das torcidas organizadas.

O líder da Charanga do Flamengo se tornaria também o chefe disciplinador da torcida brasileira na Copa de 50, auxiliando a polícia na organização das massas torcedoras, e o "embaixador" dessa torcida da copa de 1954. Os postos de líder da Charanga e da torcida do Brasil seria ocupado por Jaime até o ano de sua morte, em 1976. Apesar disso, a sua liderança não foi sempre unanimidade no interior da torcida rubro-negra. O final dos anos 60 veria grupos de jovens questionarem a autoridade dos antigos chefes de torcida no interior das organizadas. Para esses jovens, esses líderes estavam velhos e deveriam ser trocados. Eles também consideravam esses líderes muito autoritários. Além disso, nas antigas torcidas organizadas o apoio ao time era pregado como algo a ser incondicional, esteja o time ganhando ou perdendo, jogando bem ou jogando mal. Contra isso, de acordo com Hollanda (2012), as juventudes das charangas passam a defender as vaías ao time e os protestos em geral como um direito da torcida.

Em 1967, Paulo Bebiano, presidente da ala jovem da Charanga do Flamengo, se desliga dessa torcida para fundar a Poder Jovem, cujo nome mudaria para Torcida Jovem em 1969. A partir de então outras torcidas organizadas surgiriam no Rio, no

mesmo contexto de *cismas juvenis* no interior das antigas torcidas cariocas: a Torcida Jovem do Botafogo (1969), a Força Jovem do Vasco (1970) e a Young Flu do Fluminense (1970). Ao longo das décadas de 70 essas torcidas serão protagonistas de várias situações de violência, o que levará sociólogos como Maurício Murad a interpretar a violência dessas torcidas como um reflexo da violência política e militar da Ditadura, sobretudo a partir do AI-5. Luiz Henrique de Toledo interpretará as torcidas organizadas como elementos de busca de uma organização independente num período de forte repressão política. Por sua vez Bernardo Borges Buarque de Hollanda fará uma pertinente relação entre a rebeldia dos jovens nas arquibancadas dos estádios brasileiros e a rebeldia da juventude que fez vários protestos na Europa a partir de Maio de 1968.

A violência das torcidas organizadas fez várias vítimas fatais ao longo dos anos 70, 80 e 90. A partir dessa década, de acordo com Toledo (2012), buscar-se-á transformar o torcedor das organizadas em sócio torcedor, aprofundando a já muito estreita relação entre futebol e capitalismo. O torcedor-consumidor, dócil, enquadrado, não causador de problemas, ultrapassa, lentamente, os jovens indóceis das torcidas organizadas. Entendemos que é nesse sentido que caminha a última "reforma" pela qual passou o estádio do Maracanã, agora chamado de "novo Maracanã". A modernização desse estádio trouxe uma evidente elitização dos eventos esportivos realizados nele, sobretudo com o aumento do preço dos ingressos. Ao que parece, o "Maraca" de Jaime de Carvalho, das torcidas jovens e do torcedor pobre das gerais irá definitivamente se transformar numa arena de consumidores. Para participar desse espaço, não basta somente gostar de futebol, tem que poder pagar pelo mesmo. Isso obviamente exclui uma ampla parcela de torcedores oriundos das classes populares. Tudo indica que o medo que as massas torcedoras provocavam nas autoridades e jornalistas brasileiros desde os anos 1930 não somente permaneceu como culminou na elitização e no branqueamento do nosso futebol nos dias de hoje.

Apesar de termos falado aqui sobre a construção social do torcedor no Rio de Janeiro, o nosso olhar está voltado de fato para o Brasil. É claro que com isso não se quer dizer que o Brasil se reduz ao Rio de Janeiro ou que esse processo de formação social de um público torcedor de futebol ocorreu de forma idêntica em todas as partes do país. Concordamos, contudo, com Carvalho (2009) no que se refere a importância que a cidade do Rio de Janeiro teve para o Brasil como um todo durante o longo período

no qual essa cidade foi a capital do país, servindo, por isso, de modelo para as demais capitais brasileiras, sobretudo para as suas elites.¹²

d) "É tudo brincadeira": sociabilidade, mídia e futebol

Uma coisa facilmente perceptível em relação à cultura futebolística é a facilidade com que o futebol se transforma no início de longas e descontraídas conversas, mesmo entre desconhecidos. Esse é um aspecto desse esporte que não pode ser ignorado em nenhuma análise sobre ele. Como torcedor aficionado por futebol¹³ e como observador do campo esportivo, pude comprovar isso várias vezes. Certa vez fui jantar com um grupo de amigos, entre os quais estava o namorado de uma de minhas amigas, um rapaz particularmente introspectivo. Quando descobri que ele torcia pelo Grêmio de Porto Alegre, foi fácil puxar um assunto com esse rapaz, tirando-o do seu silêncio, e começar com ele um diálogo paralelo aos outros diálogos que ocorriam na mesa do restaurante no qual estávamos reunidos. Comecei por provocá-lo elogiando o maior rival do seu time, o Internacional, dizendo que, em Porto Alegre, eu simpatizava com o Inter e que não gostava do Grêmio. A resposta dele foi imediata: "Mas como, se o Grêmio é muito melhor?". E assim começou uma animada conversa sobre futebol.

Esse potencial de construção de sociabilidade foi analisado por Gastaldo (2011) em um artigo que trata do comportamento dos torcedores em bares durante a transmissão de algum jogo de futebol pela TV. Em pesquisa realizada durante um ano em diferentes bares de Porto Alegre, Gastaldo observou a relação entre mídia, jogo, sociabilidade e performance no espaço do bar. Seu objetivo foi observar como os torcedores liam as imagens transmitidas na TV durante o jogo e como essas leituras influenciavam nas interações sociais entre os torcedores presentes no bar. Gastaldo salienta o fato que o jogo de futebol que chega a nós via mídia televisiva é, antes de qualquer outra coisa, um produto de mídia. Por mais que os jornalistas e narradores de jogos passem a ideia de que o que está sendo transmitido são fatos do jogo, o que a televisão oferece é um ponto de vista sobre o jogo, e não um fato.

Gastaldo (2011) enfatiza também o caráter masculino e heteronormativo do espaço do bar em dias de jogos. Por isso a performance que ele observa nesse espaço é a colocação em prática de uma ideia do "ser homem", do ser "macho". Como no bar

¹² Houve também uma influência dos clubes de futebol cariocas na formação de clubes de futebol em outras cidades brasileiras. Para um estudo que demonstra esse fato, ver PEREIRA, 1998.

¹³ Sou torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro.

durante a transmissão de um jogo todos os presentes são enquadrados na lógica de oposição do futebol (no caso de Porto Alegre, ou se torce pelo Inter ou pelo Grêmio e contra o Inter ou contra o Grêmio), a própria *presença* nesse ambiente para se assistir a uma partida de futebol já é uma performance masculina, pois estar ali é se sujeitar ao risco de ser alvo de ironias e gozações dos adversários, caso o time pelo qual você está torcendo perca ou o time contra o qual você está torcendo ganhe. Gastaldo (2011) lembra que o risco de ser objeto de chacota num bar é diretamente proporcional ao prazer de escarnecer do adversário. Mas estar no bar nessas circunstâncias é, antes de tudo, um risco. E na lógica do jogo do futebol, ser homem, ser macho é correr esse risco.¹⁴

Os jogos televisionados e coletivamente assistidos em bares também provocam comentários em voz alta por parte dos torcedores. Esses comentários podem ser dirigidos ao torcedor adversário, como uma forma de provocá-lo, ou pode ser dirigido a todos no bar, com o único objetivo de provocar o riso. A esse fenômeno Gastaldo dá o nome de *desafios verbais*. Como ele observa, os comentários mordazes são lançados como dardos entre os torcedores. Em um determinado jogo no qual o Grêmio estava entrando em campo, um torcedor gremista disse: "Tá entrando o bicampeão da América". A resposta de um torcedor rival foi imediata: "Tá entrando a segundona!" (GASTALDO, 2011, p. 162). Enquanto o gremista estava lembrando as glórias passadas de seu time, o outro (provavelmente um colorado, isto é, torcedor do Inter) lembrava, de forma irônica e certeira, o recente rebaixamento do time tricolor à Segunda Divisão do campeonato nacional.

Por fim, Gastaldo (2011) diz que uma outra característica da sociabilidade em bar em dias de jogos é a *teatralização jocosa*. Trata-se de uma performance na qual o torcedor investe mais na elaboração e na intencionalidade da interação, cujo caráter é evidentemente jocoso. Uma pessoa que esteja torcendo contra um time cujo jogo está sendo televisionado no bar pode, por exemplo, ligar um ventilador e virá-lo pra televisão, com o intuito de mostrar que está "secando" o time adversário¹⁵ ou acender uma vela para dizer que está fazendo "macumba" para esse time. Gastaldo relata que, em um dos bares observados, um torcedor pegou uma cadeira e fingiu que ia jogá-la num torcedor adversário, simulando uma briga. Quando o garçom foi repreendê-lo, um

¹⁴ Discutiremos a relação entre futebol, gênero e sexualidade de forma mais detalhada no próximo tópico desse capítulo.

¹⁵ O termo "secar" o adversário significa, na cultura futebolística, torcer muito contra esse adversário.

terceiro torcedor entrou na cena e disse para o garçom: "Que isso, meu? É tudo brincadeira!" (GASTALDO, 2011, p.153).

Fica claro, então, que a regra tácita da sociabilidade no universo simbólico do futebol no que se refere ao espaço do bar é manter o bom humor, levando tudo "na brincadeira". Em contraste com o universo das torcidas organizadas, no qual a masculinidade é exercida em forma de indocilidade violenta dos corpos, o bar em dias de jogo constitui uma verdadeira teia de interações nas quais nada deve ser levado a sério, pois a questão é marcar a sua masculinidade, seja através da presença no bar - local de risco em dias de jogo -, seja participando dos desafios verbais lançados por outros torcedores ou mantendo o autocontrole e o bom humor diante das brincadeiras que são elaboradas com o intuito de divertir e ironizar o time pelo qual se torce.

e) Futebol, gênero e sexualidade: os termos do jogo

Quando o jogador Richarlyson Barbosa Felisbino, que em 2007 jogava no São Paulo Futebol Clube, se sentiu discriminado quando, em um programa televisivo sobre futebol apresentado pelo famoso jornalista esportivo Milton Neves, que discutia quem seria o jogador de futebol que supostamente iria se declarar homossexual em um outro programa televisivo bastante popular, um dirigente do Palmeiras, que na época era o José Cyrillo Júnior, afirmou que esse jogador era o Richarlyson, para galhofa de todos os presentes no programa, o jogador são-paulino resolveu entrar na justiça por danos morais.¹⁶ A sentença dada pelo juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, Juiz de Direito titular da nona vara cível da comarca de São Paulo, foi negativa à Richarlyson. Na justificativa de sua sentença, Manoel Maximiano fez as seguintes declarações:

"Quem se recorda da 'copa do mundo de 1970', quem viu o escrete de ouro jogando (Félix, Carlos Alberto, Brito, Everaldo e Piazza; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Pelé, Tostão e Rivelino), jamais conceberia um ídolo seu homossexual. [...] Quem vivenciou grandes orquestras futebolísticas [...] não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol. [...] Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si. [...] Ora, bolas, se a moda pega, logo teremos o 'sistema de cotas',

¹⁶ O vídeo que contém o trecho no qual esse dirigente do Palmeiras faz essa declaração está disponível nesse link: http://www.youtube.com/watch?v=AA_FIBIQHYI. Interessante notar nesse vídeo tanto o tom de suspense que o programa de Milton Neves cria ao perguntar em qual clube de futebol esse suposto jogador gay jogava, quanto a risada geral dos presentes no programa ao ser citado o nome de Richarlyson. Fica a impressão de que, para a produção do programa e os participantes do mesmo, ter um jogador gay em seu elenco é uma mácula para um clube de futebol, algo digno de tensão e de escárnio.

forçando o acesso de tantos por agremiação... [...] O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal [...]"
(ALMEIDA e SILVA, 2012, p.309)

Esses trechos tirados da sentença do referido juiz mostra claramente como ele representa o futebol enquanto lugar de homens heterossexuais e para homens heterossexuais. Para ele é simplesmente inconcebível que um jogador de futebol seja gay ou que haja um homossexual entre os que são considerados grandes ídolos do futebol brasileiro do passado, como os jogadores da seleção brasileira campeã da Copa do Mundo de 1970. Para Manoel Maximiano a solução para um homossexual que queria jogar futebol é que ele monte sua própria federação na qual somente joguem gays, para não prejudicar o "equilíbrio, o ideal" de uma equipe de futebol. Essa lógica discriminatória apresentada por esse juiz sugere claramente que, na forma como ele representa o futebol, um jogador gay contaminaria uma equipe formada por homens viris e heterossexuais, para os quais o futebol é, de fato, um lugar. Portanto que um gay jogue futebol, tudo bem, desde que seja longe dos jogadores heteros.

O discurso de Manoel Maximiano seria apenas um exemplo bizarro de como o futebol pode ser representado como instrumento de discriminação por um sujeito se esse discurso não fosse mais a regra do que a exceção. No mesmo artigo do qual retiramos a citação exposta acima, Marco Antônio Bettine de Almeida e Alessandro Soares da Silva falam da entrevista que o jogador Paulo Henrique Ganso deu em 2010 para o jornal O Estado de São Paulo, na qual ele afirmou que havia sim gays no futebol, mas que, "graças a Deus" no Santos, seu time na época, não havia nenhum (ALMEIDA e SILVA, 2012, p. 308). Ao mesmo tempo em que Ganso afirma que há gays no futebol brasileiro ele nega haver essa "mácula" em seu próprio time.

Entendemos que esses discursos são exemplos de como o futebol tem sido majoritariamente representado no Brasil por cronistas e torcedores aficionados por esse esporte. O futebol tem sido visto e vivido como um locus da poética de uma masculinidade heteronormativa. Olhando para o que se disse e o que se diz no futebol e sobre futebol, podemos notar isso claramente, sobretudo em textos de cronistas esportivos como Nelson Rodrigues, Mário Filho e João Saldanha, para ficarmos apenas nos exemplos desses três cronistas de maior relevância na história da imprensa esportiva

brasileira.¹⁷ Como veremos no Capítulo 3 dessa dissertação, os discursos dos torcedores na internet têm a mesma base ideológica homofóbica que vimos tanto no exemplo do juiz Manoel Maximiano, quanto na entrevista dada pelo jogador Ganso.

Não podemos pensar, contudo, que é somente no Brasil que o futebol está inserido numa linguagem machista. Tampouco é só no futebol que o machismo encontra um terreno de expressão entre todos os outros esportes. De fato, Dunning (1992) argumenta que o treinamento para a guerra, a educação de chefes administrativos e militares do Império Britânico e a imposição e expressão da virilidade foram as justificativas para a implementação da prática esportiva nas escolas britânicas em meados do século XIX. Esportes como o futebol, o rugby e o hóquei remontam suas origens a jogos praticados na Idade Média, período no qual o controle social da violência era bem reduzido. Até hoje esses e outros esportes simulam confrontos, representam lutas e se constituem, assim, como meios eficazes de "expressões simbólicas do machismo" (DUNNING, 1992, p. 399).

1.2 Olhares sociológicos: sociabilidade, conflito e gênero

Falaremos aqui, de forma concisa, sobre os conceitos sociológicos que nos servirão de ferramenta na análise dos discursos que os torcedores fazem no site globoesporte.com.

Um desses conceitos foi definido pelo sociólogo alemão Georg Simmel em um de seus textos clássicos, no qual ele elaborou uma profícua reflexão sobre as características do que ele chamou de *sociabilidade*. Para Simmel (2006), os interesses individuais de cada pessoa são a base da sociedade humana, pois as pessoas se relacionam socialmente para realizarem seus impulsos e finalidades individuais. Esses interesses estão inscritos no que ele chama de "conteúdo e matéria da sociação" que, para Simmel, é "tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos" (SIMMEL, 2006, p. 60).

De acordo com características pessoais e estando submetidos a condições e necessidades práticas, os humanos, segundo Simmel (2006) elaboram o material que tomam do mundo. Nas palavras do próprio autor:

¹⁷ Para se comprovar o teor hegemonicamente masculino dos textos desses cronistas, ver RODRIGUES (1993), RODRIGUES FILHO (2010) e SALDANHA(2006).

"(...) De acordo com nossos propósitos, damos a esses materiais determinadas formas, e apenas com tais formas esse material é usado como elemento de nossas vidas. Mas essas forças e esses interesses se liberam, de um modo peculiar, do serviço à vida que os havia gerado e aos quais estavam originalmente presos. Tornam-se autônomos, no sentido de que não se podem mais separar do objeto que formaram exclusivamente para seu próprio funcionamento e realização." (SIMMEL, 2006, p.61)

É a partir desse raciocínio que Simmel (2006) compreende a arte, a ciência e o direito, que se outrora tiveram nas necessidades humanas objetivas a sua razão de ser, agora possuem em si mesmos essa razão de ser. Assim a ciência moderna não precisa mais ser prática, pois ela seleciona seus objetos e estuda-os de acordo com os seus próprios critérios, assim como as inúmeras leis do Estado há muito já não são mais meios, mas sim um fim nelas mesmas; e tal como a arte tem em suas próprias ações os seus próprios objetivos. Esses elementos são, em suma, formas autônomas das realidades práticas que as fomentaram.

Mas não são somente determinadas ações humanas que podem se tornar autônomas com o passar do tempo. Isso ocorre também, segundo Simmel (2006), com as determinadas relações sociais, que adquirem um fim nelas mesmas a partir do sentimento e da satisfação dos indivíduos em estarem socializados, "pelo valor da formação da sociedade enquanto tal" (SIMMEL, 2006, p.64). É daí que Simmel compreenderá a gênese do que ele chama de sociabilidade, "*a forma lúdica da sociação*"¹⁸ (SIMMEL, 2006, p. 65), as inter-relações dos indivíduos que possuem sentido nelas mesmas, estando subtraídas dos interesses da vida prática fora delas.

Sendo assim, de acordo com Simmel, a sociabilidade possui determinadas características que a definem. Nela, por exemplo, não entram as características objetivas que definem uma determinada personalidade, como fama e riqueza, assim como devem ser dela afastadas quaisquer características profundamente pessoais de um indivíduo, pois a sociabilidade possui um caráter predominantemente impessoal. Numa relação sociável uma pessoa também deve ter *o sentido do tato*¹⁹ para se autorregular e manter a relação sociável. Há na sociabilidade um caráter artificial, pois nela há um jogo de "faz de conta" (SIMMEL, 2006, p. 71) no qual todos fazem de conta que são iguais e que são *especialmente honrados*.²⁰ A sociabilidade é lúdica porque todas as características do jogo estão nela; ela mesma põe a sociedade em jogo.

¹⁸ Grifos do autor.

¹⁹ Grifos do autor.

²⁰ Grifos do autor.

Sendo assim, nas relações sociáveis como a coqueteria e a conversa sociável (a popular "conversa fiada"), a própria relação social é o objetivo da relação. As mulheres coquetes se alternam entre a aceitação e a recusa no "jogo do erotismo" que elas fazem com os homens, enquanto estes não devem nem repelir, nem se deixar levar por completo pela coqueteria feminina, pois essas atitudes destruiriam o caráter sociável da relação, pois o conteúdo dela se sobressairia em relação à sua forma. Assim como na conversa sociável o seu conteúdo deve ser um pretexto para se manter a forma de sociabilidade da relação. A verdade e a briga aqui só podem tomar parte se permanecerem na forma da conversa. Se virarem substância da conversa, esta já não será mais sociável (SIMMEL, 2006).

Já o *conflito* para Simmel (1983), assim como a sociabilidade, constrói uma unidade social, mesmo que para isso uma das partes conflitantes seja aniquilada (SIMMEL, 1983, p. 122). Na concepção sociológica simmeliana, não é somente a harmonia que forma uma sociedade, mas também o conflito. De fato, o todo da sociedade está, para Simmel, na relação entre harmonia e conflito. O sistema capitalista seria então para ele um exemplo de como os antagonismos podem ser benéficos para uma sociedade, pois é a através da competição entre indivíduos que esse sistema social e econômico sobrevive. Algo, portanto, que pode ser ruim para os indivíduos pode ser bom para a sociedade como um todo (SIMMEL, 1983). Os antagonismos entre indivíduos podem também, de acordo com Simmel, tornar as suas vidas possíveis, na medida em que trazem satisfação e alívio no trato com pessoas consideradas por eles insuportáveis (SIMMEL, 1983, p.127).

Os conceitos simmelianos de sociabilidade e conflito nos servirão de lentes fundamentais inerentes às nossas análises dos discursos dos torcedores de futebol na internet, pois, no globoesporte.com, esses torcedores brigam tanto quanto jogam conversa fora. Se por um lado esses discursos dos torcedores têm neles mesmos o seu próprio fim, por outro as constantes discussões e discursos ofensivos que surgem entre diferentes torcedores também contribuem para formatar as interações sociais nesse espaço virtual.

Um outro conceito sociológico que importante para a nossa pesquisa é o conceito de *representação*. Esse conceito é definido pelo sociólogo estadunidense Howard Becker como:

"(...) algo que alguém nos conta sobre algum aspecto da vida social. Essa definição abarca um grande território. Num extremo situam-se as representações comuns que fazemos uns para os outros como leigos, no curso da vida diária." (BECKER, 2010, p. 18)

Becker (2010) trata da representação em suas variadas formas, como a ciência, o cinema e a literatura. Para ele, seguindo o pensamento de Thomas Kuhn, os fatos estão sempre intrinsecamente ligados às teorias, pois eles só fazem sentido a partir das teorias, nunca independente delas. Por isso as representações estão tanto na cartografia quanto no mapa que pessoas não especializadas na elaboração de mapas podem desenhar para indicar a outras pessoas como elas podem chegar a um determinado destino. As representações estão também dentro de contextos organizacionais, pois elas são feitas para alguém ou para um grupo social e sempre obedecendo a formas, métodos e ideias já existentes em um determinado contexto social.

Muito embora Becker (2010) trate, sobretudo, das representações científicas e artísticas, seu conceito de representação é também poderoso para os discursos corriqueiros que são elaborados por torcedores no site de nossa pesquisa. Torcedores de futebol em geral dizem coisas. Essas coisas são ditas de determinadas formas e a partir de determinadas ideias. E são ditas para outros torcedores. Dizendo, os torcedores elaboram uma interpretação do que eles tratam em seus discursos. Os torcedores interpretam outros torcedores, jogos, jogadores, juízes, diretores de clubes de futebol, os clubes de futebol, a sexualidade, a masculinidade, a feminilidade, a geopolítica, a raça, a classe social e toda a gama infinita de coisas que fazem parte do universo do futebol.

E muito da representação do futebol tem como base ideológica a masculinidade. Como já assinalamos acima, os termos do futebol, isto é, os códigos da cultura futebolística são majoritariamente masculinos. Isso será claramente percebido quando olharmos diretamente para os discursos dos torcedores a serem analisados nessa dissertação no capítulo 3. Por isso, aspectos fundamentais do cuidadoso estudo que a filósofa estadunidense Judith Butler fez sobre gênero nos será de grande valia em nossa pesquisa.

Para Butler (2012) , gênero e identidade estão fundamentalmente ligados, pois a identidade de uma pessoa não é anterior à definição de seu gênero, já que uma pessoa só se torna socialmente inteligível quando ela adquire um gênero de acordo com padrões reconhecíveis de gênero. A sociedade possui normas que definem o que é uma pessoa e um gênero normal. Ao fazer isso ela produz também o bizarro, pois se classifica um gênero como bizarro quando este se mostra incoerente com a norma social. Na matriz

cultural do gênero coerente, sexo, gênero e desejo aparecem como elementos que compõem um todo considerado normal através das oposições discriminadas e assimétricas que separam e hierarquizam as pessoas, definindo, por exemplo, que ser homem é diferente de ser mulher e que homens são superiores a mulheres.

A partir de reflexões sobre os pensamentos de Lucy Irigaray, Michel Foucault, Monique Wittig e Michel Haar, Butler (2012) argumenta que o sexo aparece na linguagem como sendo uma substância, isto é, como um ser idêntico a si mesmo, que existisse, portanto, por si só. Porém, assim como o sexo é efeito de um discurso sobre a sexualidade historicamente específico, o gênero é um *efeito* de uma regulação culturalmente estabelecida.²¹ Esse efeito está no sujeito, mas não foi elaborado pelo sujeito. Nas palavras da própria autora:

"(...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados." (BUTLER, 2012, p. 48)

Ao transformar o gênero em substantivo, a linguagem, segundo Butler (2012), oculta o fato de o gênero ser socialmente construído e existir sempre e somente nas performances de gênero, nunca antes delas. Nesse sentido, ser um gênero não é o agir de acordo com uma natureza inerente ao sujeito, mas o agir de acordo com uma definição socialmente construída do que é ser esse gênero. Por isso Butler (2012) afirma que os gêneros são imitações sem origens. Ser mulher, assim como ser homem, é copiar, por atos performativos repetitivos, o que é culturalmente definido como ser mulher e ser homem. Mulheres e homens são cópias. Drag Queens, travestis e sapatões são, então, cópias que copiam cópias e que evidenciam em suas performances a artificialidade do gênero. Não há um gênero verdadeiro, o original que se procura imitar. O gênero está na performance.

Se Judith Butler concentra todo o seu potencial analítico nas performances corporais de gênero, sugerimos aqui que os discursos de torcedores de futebol também sejam interpretados como performances de gênero, pois no futebol, ao menos no Brasil, fala-se sobre futebol "como homem". Como veremos mais adiante, esse falar "como homem" é constituído principalmente pelos conteúdos machistas e homofóbicos que os discursos dos torcedores atualizam constantemente. Ao chamar a torcida adversária de "bicha" e ao representar a mulher como um ser sexualmente passivo, o torcedor de

²¹ Grifo nosso.

futebol exerce, ao mesmo tempo em que materializa, verbalizando, uma masculinidade simbólica e hegemônica.

Uma outra reflexão sociológica importante para nós são as discussões feitas sobre as interações sociais. Em um trabalho clássico da antropologia brasileira, Rodrigues (1989) argumentou que comunicação e sociedade são, de fato, a mesma coisa, pois é impossível pensarmos numa sociedade sem comunicação. Imitar, competir, entrar em conflito são, entre muitos outros, processos comunicacionais por excelência. A comunicação é a base da natureza e, portanto, base também da vida humana, já que o ser humano é parte da natureza.

Como espaços constantemente inventados e reinventados por humanos, os espaços virtuais não fogem a essa regra. Sites e blogs, por exemplo, são meios de comunicação nos quais fotos, vídeos, músicas, textos etc. são compartilhados, rejeitados e/ou usados de diferentes formas. Quando, por exemplo, uma música é compartilhada em um site como o facebook ela é compartilhada para ser ouvida. Portanto a internet é um lugar no qual as ações das pessoas são, nos termos de Max Weber, sociais, pois essas ações possuem um sentido para os sujeitos que as realizam e elas são orientadas para além desses sujeitos, isto é, para as ações de outras pessoas ou grupos de pessoas, sejam essas ações passadas, presentes ou futuras.

A despeito de nos parecer óbvio que o ciberespaço é um espaço interacional, pode-se ficar seriamente em dúvida a respeito disso quando se toma conhecimento de que o sociólogo canadense Erving Goffman definiu, em linhas gerais, a interação como a "(...) influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, *quando em presença física* imediata" (GOFFMAN, 2013, p. 28).²² Ora, se a presença física é a condição para a interação humana, o que ocorre na internet não é, então, interação?

Hugh Miller fez uma importante reflexão relacionando estudos sociológicos de Erving Goffman com o que ele chamou de "electronic communication", isto é, a comunicação pela internet. Para Miller (1995), a profundidade e riqueza que Goffman viu e analisou nas interações da vida cotidiana podem não ser aparentes na internet, mas nela, assim como nas interações face a face, a questão que se coloca para os sujeitos da necessidade de se estabelecer e manter um eu aceitável na interação se mantém, e há uma gama de recursos cibernéticos que podem ser usados para esse fim. Com isso Miller (1995) sugere que as questões, movimentos e processos básicos das interações

²² Grifo nosso.

face a face são os mesmos das interações ocorridas nas páginas da Web. Apesar de suas limitações, a internet seria, então, parte de um sistema interacional.

Esse olhar que Hugh Miller lança sobre a internet a partir do pensamento de Erving Goffman é, em nossa opinião, muito profícuo, pois se a internet é parte de um sistema interacional, as interações que nela ocorrem possuem, por outro lado, características distintas das interações face a face. Como o próprio Miller (1995) argumenta, o constrangimento, que Goffman (2012) entendeu como um fator muito importante para a organização social é menos propenso a atuar nas interações sociais via internet. Nesse espaço estamos menos propenso ao medo de sermos rejeitados e/ou de cairmos no ridículo do que normalmente estamos em interações face a face.

O que Hugh Miller colocou em meados dos anos 1990 ainda é válido em muitos espaços virtuais nos dias de hoje, mas não em todos. Miller (1995) falava de páginas pessoais da Web. Não havia naquele momento um site de relacionamentos como o orkut (este já desativado), o twitter e o facebook. Nesses espaços virtuais, as interações sociais têm um potencial de dramaticidade maior do que nas Web pages analisadas por Miller.²³ Conhecemos, por exemplo, muitos professores e professoras que não aceitam que seus alunos/as façam parte de sua rede de contatos no facebook, alegando que assim podem manter a sua privacidade e liberdade de compartilhar fotos e de escrever o que se pensa. A propaganda que o cantor e compositor Tom Zé fez para a Coca-Cola em 2013, cujo tema era a Copa do Mundo de 2014, gerou muitas críticas por parte de militantes de esquerda anti-Copa na internet. Tom Zé, por sua vez, rebateu as críticas compondo a música "Tribunal do Feicebuqui". Quando a atriz Bárbara Paz, da Rede Globo de Televisão, publicou uma foto em sua conta no Instagram na qual ela aparecia com Carol Castro, Nathália Timberg, Suzana Vieira e Rosa Maria Murtinho representando luto por causa de uma decisão do Supremo Tribunal Federal que possibilitava um novo julgamento dos acusados no caso do "Mensalão" em 2013, rapidamente uma série de postagens na internet reutilizaram a imagem, ridicularizando-a e esvaziando o seu significado. Tal fato gerou uma coluna indignada do jornalista Reinaldo Azevedo na revista Veja.

Esses e muitos outros exemplos constituem um sinal de que as interações sociais vão muito além da presença física entre indivíduos, pois o constrangimento, a rejeição e as possibilidades de mútuo monitoramento também estão presentes em redes sociais da internet. Também é possível criarmos a hipótese de que as interações sociais no espaço

²³ Para mais informações sobre redes sociais na internet ver RECUERO (2008).

virtual vêm se complexificando com o passar do tempo. No globoesporte.com, contudo, o cenário é mais parecido com o que se encontrava na internet no passado. Aqui muitos são os torcedores que ocultam informações pessoais ao fazerem seus comentários no site. Isso dá aos torcedores uma liberdade muito grande para, por exemplo, poderem xingar torcedores adversários. O xingamento é um ato que da perspectiva de Goffman (2012) poderia ser classificado com consequente, pois esse ato tem a capacidade de gerar influências objetivas para a vida de quem xinga para além do próprio ato de xingar. Em alguns espaços da internet, contudo, a condição de anonimato permite que as pessoas xinguem outras sem maiores consequências. Os xingamentos feitos nessa condição são uma porta para percebermos as ideologias mais violentas presentes em uma sociedade.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA: PROCEDIMENTO DE COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Descreveremos neste capítulo os procedimentos pelos quais a coleta, sistematização e análise dos dados foram realizados. Antes disso, faremos uma apresentação mais pormenorizada sobre o site que é objeto dessa pesquisa, com o objetivo de situar o leitor no universo que aqui está sendo investigado.

2.1 O site

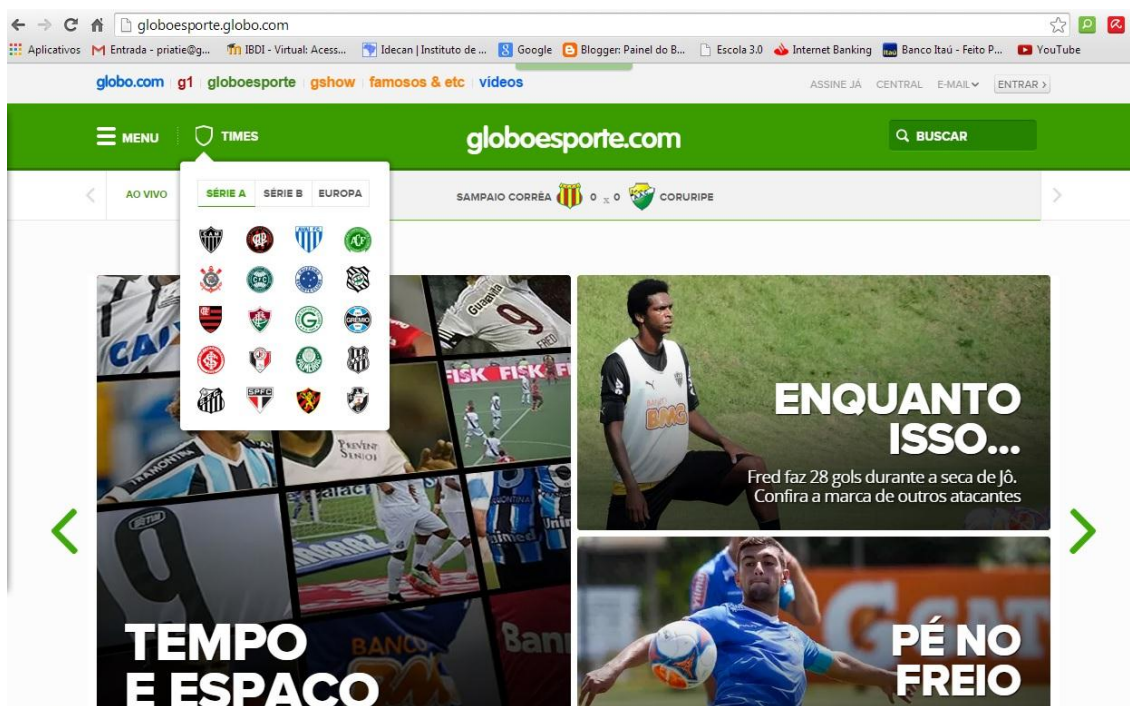
O site escolhido para ser objeto dessa pesquisa, conforme mencionado acima, foi o globoesporte.com, da Rede Globo, uma rede de televisão muito popular no Brasil. Esse site cobre notícias referentes a vários esportes praticados em diversos eventos esportivos pelo mundo afora.²⁴ Entre esses esportes, o que recebe maior "atenção" por parte dos jornalistas responsáveis pelo site é o futebol, historicamente o esporte mais importante do Brasil.

As séries A e B (ou a 1ª e 2ª divisão) do Campeonato Brasileiro de futebol recebem uma cobertura mais detalhada no globoesporte.com. Cada clube de futebol desses níveis do campeonato nacional possui uma página dedicada a ele, contendo vários links de notícias referentes a esse clube. Na parte superior do site há uma barra de menu que contém links de notícias sobre diversos esportes, como vôlei, hipismo e atletismo; links de notícias sobre vários campeonatos de futebol disputados no Brasil e em outras partes do mundo, como o próprio Campeonato Brasileiro (séries A, B, C e D) e a Copa Sul-Americana; links de notícias mais gerais sobre futebol internacional, compra e venda de jogadores mundo afora e seleção brasileira; e ícones dos times (isto é, os "escudos" de cada clube) das Séries A e B do "Brasileirão" e das principais equipes da Europa. Clicando nesses ícones o "internauta" é direcionado a uma página que contém notícias específicas sobre cada clube correspondente aos ícones disponíveis na página.²⁵ Abaixo, na figura 1, segue uma imagem do site para se ter uma ideia da estrutura do espaço virtual aqui pesquisado.²⁶

²⁴ No exato momento em que escrevamos essa parte do texto, no dia 07/10/2014 às 16:45, a página principal do globoesporte.com exibia notícias referentes ao desempenho da equipe brasileira masculina de Ginástica Artística, que ficou na 6ª colocação no Mundial da modalidade; à preparação da equipe feminina de vôlei para a fase final do Mundial de Vôlei; e ao acidente ocorrido com o piloto de Fórmula 1 Jules Bianchi, entre outras várias notícias.

²⁵ Existe um link na aba de menu do site cujo título é "times de A a Z" que contém diversos outros links para notícias sobre times de futebol do Brasil e do mundo, para além dos principais times desses lugares.

Figura 1



As notícias veiculadas nesse site giram em torno de variados assuntos: saída de jogadores dos clubes ou chegada de novos atletas, entrevistas de jogadores e de técnicos, crônicas sobre os jogos disputados, notícias dos bastidores dos clubes, desfalques e reforços para partidas futuras, colocação do time em algum campeonato disputado (ao qual a notícia se refere), reportagem sobre um jogador específico, vídeos com os lances das partidas disputadas na última rodada do Campeonato Brasileiro e muitos outros assuntos que são abordados pelos escritores do site.

Nas páginas de vários times da Série A e de alguns da Série B do Campeonato Brasileiro há um blog dirigido por uma pessoa, em geral do sexo masculino, que se apresenta como torcedora do clube ao qual o blog é dedicado. Alguns desses blogs não são atualizados com muita frequência, como é o caso do blog do Santos, dirigido pelo blogueiro Kako Ferreira. Outros blogs são frequentemente atualizados, como é o caso

Times como o Ceilândia, do Distrito Federal, o Audax, do Rio de Janeiro e o Fulham, da Inglaterra são representados nessa aba. As notícias referentes a esses times, no entanto, são bem menos detalhadas do que as notícias sobre os times das séries A e B do "Brasileirão" e os principais times europeus.

²⁶ A imagem que aqui expusemos é do formato que o site globoesporte.com possui em 2015, no ano posterior, portanto, ao ano no qual a nossa pesquisa foi realizada. O formato atual do site é ligeiramente diferente do de 2014. Os times que compõem a Série A de 2015 são diferentes dos que compuseram essa divisão do campeonato no ano anterior. O Vasco, por exemplo, não jogou a Série A de 2014.

do blog de Arthur Muhleberg, dedicado ao Flamengo. Tem páginas de times que não possuem blog, como é o caso do Grêmio. Nas páginas do site destinadas aos times da Série B, somente os clubes mais tradicionais, como Vasco da Gama, Portuguesa e Santa Cruz de Pernambuco possuem blogs.²⁷ Em geral, cada um desses blogs têm vários links que levam para outros blogs relacionados com o clube em questão e/ou com o futebol. Aparentemente muitos desses blogs cujos links estão disponíveis nos blogs do globoesporte.com são independentes, isto é, não estão vinculados com o site globoesporte.com, ao menos não diretamente.²⁸

A ideia inicial de nossa pesquisa era fazer uma análise do que os torcedores dizem nos comentários das postagens dos blogs existentes no globoesporte.com. Porém, duas coisas nos fizeram mudar de ideia. Primeiro, como já colocamos acima, nem todas as páginas dos times da Série A do Campeonato Brasileiro possuem blogs, e, entre as que possuem, nem todos os blogs são constantemente atualizados ou muito visitados pelos torcedores. Segundo, pesquisando a complexa rede de links que compõem o site aqui estudado, percebemos que os torcedores comentam, em geral, muito mais as notícias referentes aos seus clubes do que as postagens dos blogs presentes no globoesporte.com. Então, logo no início da coleta de dados para essa pesquisa, notamos que o material de análise era muito mais rico nos comentários das notícias presentes nesse site. Contudo não descartamos os comentários dos blogs como objetos de análise, pois entendemos que esses comentários são também peças muito importantes para a análise a ser desenvolvida nessa dissertação. Além disso, o comportamento do torcedor nos blogs é, em geral, bem diferente do comportamento que ele tem nos comentários das notícias. Nos blogs os torcedores costumam escrever textos mais longos e fazer mais comentários sobre os aspectos técnicos e táticos do desempenho de seus times em jogos passados. Já os comentários das notícias costumam ser mais curtos e possuir um teor mais jocoso e agressivo.

Por fim, é importante relatar que para comentar uma notícia no globoesporte.com, o torcedor deve ser cadastrado no site Globo.com. Nesse cadastro ele fornece seu nome (não necessariamente seu nome verdadeiro, isto é, seu nome na

²⁷ A julgar pelo post do blogueiro Bruno Maia - que escreve no blog da página do Vasco da Gama do site do Globo Esporte - escrito no dia 25/09/14, os blogueiros desse site não são remunerados para nele escreverem e não são funcionários da Rede Globo. O post, cujo título dado pelo blogueiro foi "Fora de Combate", pode ser lido no próprio blog do Bruno Maia na página do globoesporte.com. Segue o link dessa postagem: <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-vasco/platb/2014/09/25/fora-de-combate/>.

²⁸ Muitos desses links disponibilizados nos blogs do Globo Esporte são de blogs que não existem mais, como é o caso do blog Arquivo Coral, do Santa Cruz do Recife, ou que são muito pouco atualizados, como é o caso do Blog Diário Lusitano, da Portuguesa, time de São Paulo.

Carteira de Identidade), seu e-mail, seu gênero (masculino ou feminino são as opções dadas pelo site), data de nascimento e elaborar uma senha (de oito a quinze caracteres) e um login. Há links referentes ao termo de uso e à política de privacidade do Globo.com, com os quais a pessoa que está se cadastrando precisa concordar para concluir o seu cadastro. O procedimento atual para fazer comentários nos blogs existentes nesse site é o mesmo que é feito para as notícias.²⁹ Nos blogs, contudo, os comentários dos torcedores estão sujeito à moderação dos blogueiros. Na prática isso significa que determinados comentários podem ser excluídos pelos blogueiros caso estes julgarem que esses comentários são inadequados, por alguma razão. Alguns comentários são respondidos pelos blogueiros. A maioria não. Não conseguimos perceber a existência de nada parecido com isso para os comentários feitos nas notícias.

2.1 Coletando os dados

A internet é um espaço virtual muitíssimo amplo. Nesse espaço muitos são os blogs e sites que se dedicam a falar de futebol. Por razões já expostas nesse trabalho, escolhemos como objeto dessa pesquisa o site globoesporte.com. Esse site é, por sua vez, parte de um site maior, chamado de "portal" pelos dirigentes das páginas da Rede Globo na internet. Trata-se do Globo.com. Dentro do globoesporte.com há uma complexa teia de páginas, notícias e blogs. Nessa teia fizemos um corte: escolhemos analisar os comentários dos torcedores de times da Série A do Campeonato Brasileiro de 2014. Dentro desse corte fizemos um outro corte: escolhemos analisar os comentários referentes à 7ª rodada (também da Série A) desse campeonato. A ideia foi fazer um retrato que captasse o comportamento dos torcedores nesse site de forma horizontal e sincrônica. Comentários sobre o desempenho de todos os clubes da 1ª divisão proferidos por torcedores de diversas partes do país, em um momento particularmente crítico do campeonato, no qual uma derrota pode significar estar presente na zona de rebaixamento e uma vitória pode significar a aproximação desse time das primeiras colocações no campeonato, foram lidos nessa pesquisa.

O processo de coleta de dados foi lento e bastante trabalhoso. Os jogos da 7ª rodada do Campeonato Brasileiro ocorreram nos dias 24 e 25 de Maio de 2014, um

²⁹ Há poucos anos atrás os procedimentos para fazer comentários nos blogs eram diferentes dos de hoje. Não havia necessidade de cadastro no site Globo.com. Bastava que o torcedor se apresentasse com um nome no blog e escrevesse seu comentário.

sábado e um domingo, respectivamente. Esperamos até a noite do dia 26 de Maio para começar a coletar os dados, pois assim imaginávamos que já teria dado tempo suficiente de os torcedores comentarem bastante as notícias referentes ao desempenho de seus times nessa rodada do campeonato. Além disso era mais fácil recolher esses dados um dia depois de fechamento da rodada do campeonato do que fazer isso num espaço de tempo maior, já que o site globoesporte.com é constantemente atualizado com novas notícias.

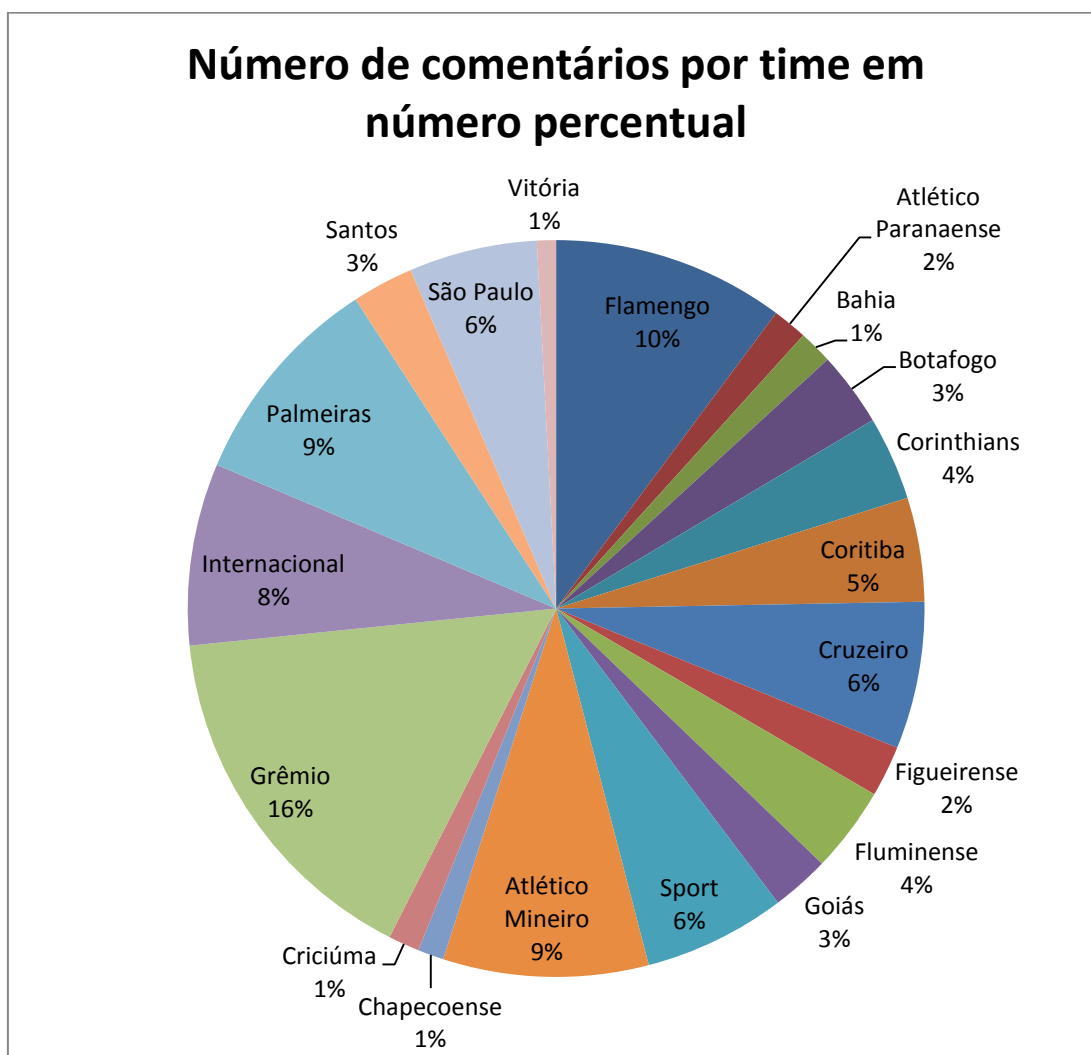
Fomos em cada página destinada aos torcedores dos clubes da 1ª divisão do site do Globo Esporte para copiar os comentários feitos sobre as notícias e colocar em um arquivo que criava no Word para cada time dessa divisão do campeonato. Como são 20 times que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro, nós criamos 20 arquivos de dados copiados e colados diretamente do site globoesporte.com.

Algumas páginas são muito mais comentadas do que outras. Em geral as páginas dos times que possuem maior número de torcedores no futebol brasileiro, como Flamengo, Corinthians e Cruzeiro, foram muito mais visitadas e comentadas do que as páginas de times como Criciúma, Chapecoense ou Vitória. Conseqüentemente, alguns arquivos ficaram com mais dados do que outros. A tabela a seguir (figura 1) mostra em um gráfico a distribuição de comentários por time em números percentuais. Antes disso é importante mostrar os números absolutos de comentários coletados nessa pesquisa por cada time de futebol da Série A do Campeonato Brasileiro colhidos nessa pesquisa na 7ª rodada:

Tabela 1

Flamengo: 268	Figueirense: 59	Grêmio: 419
Atlético Paranaense: 40	Fluminense: 99	Internacional: 210
Bahia: 39	Goiás: 67	Palmeiras: 249
Botafogo: 86	Sport: 164	Santos: 71
Corinthians: 97	Atlético Mineiro: 237	São Paulo: 148
Coritiba: 120	Chapecoense: 30	Vitória: 22
Cruzeiro: 170	Criciúma: 36	

Gráfico 1



A princípio, esse processo de coleta de dados durou em torno de quatro horas. Foi esse o tempo que levamos para copiar e colar todos os comentários feitos pelos torcedores no site do Globo Esporte dentro do recorte que fizemos (clubes da Série A e 7ª rodada do campeonato). Nas páginas dos clubes que tinha blog, nós copiamos os comentários da postagem que o blogueiro tinha escrito sobre o desempenho de seu time na 7ª rodada do campeonato e escolhemos um link de alguma notícia relacionada a esse jogo a fim de copiar os comentários que os torcedores fizeram sobre essa notícia. No caso das páginas dos clubes que não tinham blog ou que o blog não estava atualizado, fomos direto à escolha de alguma notícia sobre o desempenho do time ou algum outro fato ocorrido em relação a esse time nessa rodada para poder colher os dados. Quando

percebíamos que nas páginas de alguns times mesmo as notícias eram pouco comentadas, selecionávamos duas notícias, a fim de coletarmos mais dados sobre os discursos dos torcedores desse time. Dos 20 times que compõem a 1ª divisão do campeonato brasileiro, isso ocorreu com apenas três: o Criciúma, a Chapecoense e o Figueirense.

Em relação aos comentários que os torcedores fazem sobre as notícias no site aqui pesquisado, é importante dizer que eles são feitos no espaço que o Globo Esporte disponibiliza para os comentários de visitantes da sua página na internet. Esse espaço fica sempre abaixo das notícias. Por exemplo, no jogo entre Atlético Mineiro e Criciúma, o qual terminou empatado em 0 x 0, a notícia escolhida para a coleta dos comentários dos torcedores do Atlético Mineiro foi a crônica do jogo escrita pelo jornalista Fernando Martins y Miguel, do Globo Esporte, e publicada na página do Atlético no globoesporte.com. O título dessa crônica foi "Em jogo de poucas oportunidades, Galo e Criciúma não saem do zero". Em seguida vinha um texto descrevendo os fatos mais importantes da partida do ponto de vista do jornalista. Logo abaixo desse texto há um espaço para que os visitantes do site escrevam os seus comentários. Esse é o padrão de estruturação de todo o site.

Os próprios comentários feitos pelos torcedores podem ser respondidos por outros torcedores. Essas respostas ficam ocultas. Para o visitante ter acesso a ela, ele deve simplesmente clicar na palavra "resposta" escrita logo abaixo do comentário feito pelo torcedor. Essas respostas não podem ser abertas todas ao mesmo tempo, somente uma de cada vez. Ao tentar abrir a resposta feita em relação a um comentário ao mesmo tempo em que a resposta feita em relação a outro comentário estava aberta, esta última automaticamente era fechada por um mecanismo do próprio site, o qual nós não podíamos manipular. Isso dificultou bastante a coleta de dados, pois para nós era de suma importância ler o que um torcedor escrevia em relação ao que um outro torcedor escreve, e não conseguíamos abrir e copiar todos esses comentários ao mesmo tempo. Percebemos esse fato depois que já tínhamos feito os 20 arquivos de dados da pesquisa. Por isso, muitas foram as vezes em que precisamos resgatar os comentários dos torcedores dos arquivos de pesquisa numa nova pesquisa no Google ou no site do Globo Esporte, o que às vezes era rápido, às vezes era bastante demorado. Feito o "resgate" dos dados, nós íamos em cada comentário para o qual havia alguma resposta de outro torcedor, clicávamos nessa resposta para copiá-la e colá-la nos arquivos. Esse processo levou mais de quatro meses para ser concluído de forma definitiva para que

podéssemos, enfim, começar a análise dos dados. Ainda assim nem todas as repostas foram arquivadas, pois essa rodada gerou 3005 comentários dos torcedores, dos quais conseguimos coletar 2631 comentários, todos eles lidos e relidos.

2.3 Organizando os dados

Quando fechávamos um arquivo de dados, a tarefa seguinte consistia em ler cada comentário feito pelo torcedor e, na medida do possível, cada resposta (caso houvesse alguma) feita para cada comentário. Enquanto líamos esses comentários íamos escrevendo ao lado deles alguma palavra ou expressão que marcasse as características principais do discurso de quem tinha feito o comentário. Se o comentário tinha uma característica homofóbica era escrito ao lado dele em letras maiúsculas e em negrito a palavra "homofobia". Se o comentário tivesse alguma mensagem de discriminação de classe social (o que ocorre com frequência em se tratando de diálogos entre torcedores de futebol) escrevíamos ao lado, também em letras maiúsculas e em negrito, a expressão "corte de classe".

Conforme eram sendo criadas essas expressões, as escrevíamos num arquivo do Word em separado no qual pusemos o título "Marcadores do comportamento do torcedor na internet". Ao todo elaboramos 36 marcadores, os quais foram sendo condensados ao longo do desenvolvimento da análise dos comentários. Por exemplo, quando um torcedor fazia um comentário cujo conteúdo era homofóbico, o que quase sempre ocorre denominando-se o torcedor ou o time adversário de "gay" ou de algum outro termo que carregue o mesmo significado, atribuindo a esse termo um sentido pejorativo, escrevíamos ao lado desse comentário a expressão "gay como categoria de acusação" para sinalizar que a palavra gay ou um termo análogo a ela estava ali sendo usada como elemento de acusação, num claro gesto de homofobia. Para achar os comentários com essa marcação depois que os arquivos de dados estavam fechados nós utilizamos o recurso da tecla f5, que abre uma caixa na qual, digitando a palavra ou expressão que quisesse encontrar (no caso a expressão "gay como categoria de acusação"), encontrávamos com rapidez todos os dados que tivessem essa descrição ao lado, pois esse recurso levava diretamente ao comentário que tinha o conteúdo que nós desejávamos analisar naquele momento da pesquisa. Isso facilitou a análise desses dados, pois separar em grupos de comentários o que os torcedores escrevem no site foi um exercício de mapeamento dos dados a fim de melhor compreendê-los.

Fechados todos os arquivos de dados, coube a nós separá-los, usando o recurso da tecla f5, em outros arquivos separados, desta vez, não por times, mas por categorias de análise, as quais estão descritas no capítulo seguinte dessa dissertação. Alguns poucos discursos de torcedores foram analisados duas vezes por se mostrarem muito bons exemplos tanto no que se refere à sua forma quanto no que se refere ao seu conteúdo; ou por esse conteúdo apresentar aspectos que se encaixam em duas categorias de análise. Vale ressaltar, contudo, que evitamos ao máximo analisar duas vezes o mesmo comentário.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS

3.1 O campeonato, um retrato

Nesse capítulo faremos a análise dos dados coletados e organizados por categorias de análise. O que se lerá aqui são comentários que os torcedores fizeram no site globoesporte.com no contexto da 7ª rodada do Campeonato Brasileiro de futebol. Cabe nesse momento, portanto, uma rápida explicação de como funciona o "Brasileirão". Esse campeonato tem, ao todo, 38 rodadas, nas quais cada time joga com todos os demais duas vezes: uma em seu próprio estádio (ou seja, "em casa", para usar a linguagem do futebol) outra no estádio do adversário (isto é, "fora de casa"). Uma vitória vale para o time vencedor três pontos. Em caso de empate, os dois times ganham do jogo que terminou empatado um ponto cada um. Quando um time sai derrotado da partida ele não pontua na rodada. Se torna campeão o time que fizer mais pontos que os demais ao longo do campeonato. Às vezes acontece de o campeão sair somente na última rodada do campeonato (foi o caso do São Paulo em 2008 e do Flamengo em 2009); outras vezes o campeão sai com algumas rodadas de antecedência (foi o caso do Cruzeiro em 2003, 2013 e 2014). Os quatro primeiros colocados, isto é, o time campeão e o segundo, terceiro e quarto colocados se classificam para participar da Copa Libertadores da América. Os quatros últimos colocados são rebaixados para a Série B do Campeonato Brasileiro, que tem quatro séries: A (a chamada elite do futebol brasileiro), B, C e D (em tese, os piores times do futebol brasileiro).

Temos nessa dissertação um retrato dos comentários feitos em relação à 7ª rodada do campeonato nacional, os quais muitas vezes expressam a situação pela qual o time do torcedor estava passando naquele período da competição. Alguns times que no momento em que os dados estavam sendo coletados se colocavam na zona de rebaixamento da competição, acabaram não sendo rebaixados ao final dela. Outros times, sobre os quais a imprensa e os torcedores falavam que seriam os possíveis campeões, acabaram ou ocupando uma posição intermediária na tabela de classificação do campeonato ou se classificando para a Copa Libertadores. Como se sabe, num retrato a cena que nele é mostrada fica "congelada". No retrato de um menino tomando sorvete na década de 1930, esse ato estará imortalizado na fotografia, pois nela o menino tomará sorvete eternamente ou enquanto a fotografia durar, mesmo que na vida real o menino

tenha crescido, casado, envelhecido, tido filhos, trabalhado a vida toda e morrido (sendo esse apenas um dos inúmeros caminhos que aquele menino da foto pode ter tomado em sua vida). Da mesma forma aqui os discursos dos torcedores foram "congelados", assim como o posicionamento de seus times na tabela do campeonato e os resultados dos jogos da rodada que analisei. Um dos muitos retratos que pode ser feito da rodada do campeonato que aqui analisaremos segue na figura 3 que mostra os resultados de todos os jogos ocorridos então.

Tabela 2

Tabela de jogos - 7ª RODADA										<	7ª RODADA
RODADA	DATA	DIA	HORA	MANDANTE	#	x	#	VISITANTE	ESTÁDIO	CIDADE	
7ª rodada	24/05	Sáb	18:30	Bahia	0	x	1	Fluminense	Arena Barueri	Barueri	
7ª rodada	24/05	Sáb	21:00	São Paulo	1	x	0	Grêmio	Morumbi	São Paulo	
7ª rodada	25/05	Dom	16:00	Figueirense	0	x	1	Goiás	Orlando Scarpelli	Florianópolis	
7ª rodada	25/05	Dom	16:00	Santos	0	x	0	Flamengo	Morumbi	São Paulo	
7ª rodada	25/05	Dom	16:00	Sport	1	x	4	Corinthians	Ilha do Retiro	Recife	
7ª rodada	25/05	Dom	16:00	Atlético-PR	2	x	0	Coritiba	Willie Davids	Maringá	
7ª rodada	25/05	Dom	18:30	Chapecoense	2	x	0	Palmeiras	Arena Condá	Chapecó	
7ª rodada	25/05	Dom	18:30	Botafogo	1	x	1	Vitória	Moacyrzão	Macaé	
7ª rodada	25/05	Dom	18:30	Atlético-MG	0	x	0	Criciúma	João Lamego	Ipatinga	
7ª rodada	25/05	Dom	18:30	Internacional	1	x	3	Cruzeiro	Centenário	Caxias do Sul	

3.2 Futebol e interação social: formas, conteúdos e identidades

Pudemos perceber nas análises aqui realizadas que os torcedores fazem comentários de diversos tipos e com diversos conteúdos no globoesporte.com. Uns comentam os jogos realizados nos seus aspectos técnicos e táticos, enquanto outros culpam técnicos, jogadores ou dirigentes pelo mau desempenho de seus times na rodada. Há quem comente somente no intuito de "tirar sarro" de um torcedor de um time adversário. Há quem comente criticando os torcedores que assim procedem. Uns usam termos homofóbicos com o intuito de depreciar o time, a torcida e/ou algum jogador do time adversário. Esses são muitos. Outros reclamam da falta de "raça" dos jogadores,

que deveriam se esforçar mais durante os jogos para que seus times tenham êxitos nas partidas. Outros ironizam os torcedores cujos times estão abaixo da tabela de classificação. Outros acusam os adversários de torcerem para "times pequenos". Muitos brigam entre si para ver qual time é o maior representante de seu Estado. As interações nesse site são, em geral, repletas de sarcasmo, gozações e xingamentos. Muitas vezes o comentário do torcedor se refere à notícia veiculada pelo site ou tem um fim puramente catártico (de xingar um determinado técnico ou jogador, por exemplo), um objetivo de querer dizer alguma coisa, sem necessariamente se referir a algum comentário feito anteriormente a ele por um outro torcedor. Nesse caso a interação é com a notícia e não necessariamente com os demais torcedores, muito embora alguém possa intervir no comentário feito por um outro torcedor mesmo sem ter sido chamado a isso.

O que procuramos fazer nesse capítulo é apreender a forma pela qual o torcedor interage com os demais torcedores ou com a notícia veiculada pelo site e quais os conteúdos que estão presentes nos discursos feitos por esses torcedores nessa interação. A prática torcedora na internet possui uma lógica própria, que em parte reproduz as práticas torcedoras corporais, em parte não. Perceberemos que no globoesporte.com os torcedores criam diferentes identidades para conseguirem participar da sociabilidade nesse espaço virtual; que eles inventam interpretações de sua própria torcida e das torcidas adversárias; que constroem personagens para tripudiar dos adversários; que há aqui uma forma de torcer que se traduz numa territorialidade bastante peculiar e em conflitos entre os torcedores; que se baseiam em definições de gênero e sexualidade transformando minorias sexuais e de gênero em categorias de acusação; que eles elaboram discursos discriminatórios através de desigualdades regionais, raciais e de classe social.

3.3 Identidades torcedoras em questão

a) A apresentação de si em um espaço virtual futebolístico

Para escrever um comentário na página globoesporte.com o visitante da página deve, após realizar o seu cadastro no site Globo.com, se identificar com um nome, seja esse nome real ou fictício. Além disso, alguns torcedores anexam uma imagem ao lado do nome com o qual eles se apresentam associando a conta que criam no site Globo.com com a conta que eles possuem no facebook ou no twitter. Essa imagem pode ser uma

foto pessoal do torcedor, uma foto de sua família, dele com seus amigos ou qualquer outro tipo de imagem que ele queira usar para se identificar no site. Nos mais de 2600 comentários que lemos para essa pesquisa, vimos que a maioria dos torcedores não põe nenhuma imagem na sua identificação no site e opta também em usar nomes próprios comuns no Brasil (David, Paulo, Vitor etc.), que podem ou não ser seus nomes reais. No entanto, uma parcela significativa desses torcedores opta por usar nomes e imagens que demarcam o seu eu de uma forma diferenciada, marcando, por exemplo, a sua identificação com um clube de futebol ou alguma provocação a um clube adversário. A essas ações de identificação do sujeito no site aqui pesquisado demos o nome de *apresentação torcedora*.

A apresentação torcedora seria, então, uma "entrada em cena" (BRAGA, 2008) do torcedor no site. No cotidiano da "vida real", uma pessoa pode se apresentar da seguinte forma: "Oi, muito prazer, meu nome é Denis". No site globoesporte.com ou em qualquer outro espaço da internet que se dedique ao futebol, a apresentação do self pode ser feita por vários caminhos antes de se escrever um comentário: pode-se simplesmente escrever um nome (Denis), ou nome e sobrenome (Denis de Barros), ou se identificar com o "time do coração" nessa apresentação (Denis Vascaíno ou Denis Vascão); pode-se também, caso os mecanismos disponibilizados pelo site permitam isso, acrescentar uma imagem do escudo de um time de futebol qualquer ao lado do nome que foi posto na identificação, ou se pode anexar uma foto pessoal, na qual a pessoa esteja sozinha ou acompanhada do cônjuge, ou com os amigos e amigas, ou uma foto que mostre qual é a profissão ou preferência política dessa pessoa, entre outras informações. Pode-se também não colocar imagem nenhuma e inventar um nome próprio qualquer (Pedro, por exemplo), preservando as informações pessoais diante dos demais indivíduos que ali se apresentam.

Identificamos em nossa pesquisa alguns padrões de apresentação dos torcedores no globoesporte.com. O padrão mais evidente, como colocamos acima, é o uso de nomes próprios e a não anexação de imagens aos comentários. Isso talvez indique o grau de insegurança que a maioria dos visitantes do site sente em transmitir informações sobre si para os outros em um espaço tão amplo e desregulado como a internet. Como o globoesporte.com é um site que possui leitores em todo o Brasil, esses outros são

muitos e muito desconhecidos, o que justifica esse hipotético grau de insegurança. Seguem três exemplos desse padrão de comportamento que encontramos nesse site:³⁰

(Internacional) Rodrigo Dutra

Futebol é assim tem que aproveitar as oportunidades! E quando ela aparece tem que estar pronto pra acertar.

(Sport) Antonio Silva

Eu não canso de dizer q ferron é muito ruim, e também q a ruindade dele acaba atrapalhando os outros da defesa. O Sport só não perdeu o título da Copa do Nordeste por milagres, por q o que ferron falhou não estava no gubi. Ferron é muito fraco. Há mais de dois meses q eu venho dizendo isso em meus comentários q Ferron não é melhor q Osvaldo.

(Figueirense) Luiz Vieira

O domingo era para ser de recuperação e esperança. Não fiquem triste "AMANHÃ É SEGUNDA"

Nos exemplos expostos acima, de um torcedor do Internacional de Porto Alegre, do Sport de Recife e de um rival do Figueirense, respectivamente, os torcedores se apresentam com nomes próprios (provavelmente os seus nomes de nascimento) e não anexam nenhuma imagem nessa apresentação. Em seguida escrevem o que desejam comentar sobre algum aspecto ocorrido, que eles mesmos recortam, da 7ª rodada do campeonato nacional. Os nomes e sobrenomes usados por esses torcedores são muito comuns no Brasil, o que impede um observador externo de tirar maiores conclusões sobre esses torcedores tendo como base unicamente a apresentação deles no site.³¹

Contudo, mesmo entre aqueles que anexam imagens aos nomes que usam para se apresentar no site, a maioria não coloca imagens pessoais, mas sim outros tipos de imagens as quais transmitem informações sobre si, mas não muito, ou quase nada, servindo mais para marcar um lugar ou identificação que o sujeito queira ter nesse

³⁰ Colocamos ao lado dos nomes usados pelos torcedores os nomes dos clubes de futebol em cujas páginas os comentários desses torcedores foram escritos. Se um torcedor escreveu, por exemplo, na página de notícias referentes ao Flamengo, colocaremos ao lado de seu nome a palavra "Flamengo" em negrito e entre parêntesis.

³¹ É importante dizer que nessa parte do capítulo não trataremos do conteúdo dos comentários, somente da apresentação dos torcedores. Possivelmente alguns comentários aqui expostos terão seus conteúdos analisados nos tópicos seguintes.

espaço virtual do que para transmitir maiores informações sobre o seu eu. Entre esses torcedores, alguns padrões de apresentação foram identificados. Uma primeira forma de apresentação bastante corriqueira é o torcedor colocar no lugar de seu nome de nascimento um nome próprio referente ao seu time. Os exemplos expostos abaixo elucidarão com mais clareza o que queremos dizer:

(Flamengo) Flamengorei

Bernardo Miranda Ta,mas nem por isso vai vai escalar mal não é?o time ja é limitado,concordo com vc,e se escala pior ainda,ai fica dificil,Abç

(Flamengo) Flamengo Sempre

É só ver como melhorou com jogadores que pelo menos corre no campo, agora falta encaixar melhor o time eu colocaria a seguinte formação, Paulo Vitor, Chicão, Wallace, Samir, Léo morto ate o outro Léo se recuperar, Everton na ala esquerda, Amaral, Luiz Antonio, Mugni, Paulinho e Alecgol, no 3-5-2.

(Botafogo) Fogo Eterno

A desculpa inicial era desequilíbrio emocional. Agora é falta de condicionamento físico. O mal do Botafogo chama-se Mauricio. Todo o restante é consequência disto.

(Corinthians) Poderoso Timão

fora mano e gobbi lixo, volta Andres!

(Cruzeiro) Super Cruzeiro

Tudo voltando ao normal !! Cruzeiro brigando nas cabeças e as Frangas despencando na tabela !!! Saudações do Maior de Minas !!

(Internacional) Inter R.s.

De novo, Inter jogando um bom primeiro tempo e entregando no Segundo..O segundo gol só aconteceu pq o Fabricio não foi até a linda de fundo para cruzar, voltou a jogada e o Inter ficou com aqueles passes laterais que não levam a lugar nenhum, até alguém perder a bola e proporcionar o contra-ataque...Falta objetividade pra esse time ainda...Time que não ataca não tem como fazer gol mesmo...

Em alguns casos, o torcedor não só coloca o nome de seu time ou alguma expressão que faça referência a ele, como também acrescenta a imagem do escudo desse time ao lado de seu nome de identificação, como exemplificam os seguintes casos:



Timão Ultimate (Flamengo)

JOGO DE DOIS TIMES DA VÁRZEA
KK!!!



Verdãooooooooooooooooo (Palmeiras)

EU AINDA ACREDITO NA LIDERANÇA.



Santastico (Santos)

quem e pior damiao ou barcos ???

É comum também que torcedores usem nomes próprios e acrescentem alguma expressão que se refira ao seu time ou o próprio nome do time, acrescentando ou não uma imagem, como ocorre nos seguintes exemplos:

(Flamengo) Marcos Mengão

O jogo foi horrível. Horrroso. O mengão tá muito ruim, mas que é gostoso ver a cambada de invejos comentando aqui é.

(Cruzeiro - blog) Leoazul:

26 Maio, 2014 as 17:04

Valeu, Cruzeiroão! No segundo tempo voltou a jogar seu verdadeiro futebol, que ficou meio esquecido em 2013! E o Léo a quem muito já critiquei está fazendo por merecer um lugar na vaga (nunca pensei que ia dizer isso um dia). Que venha o time da imprensa e dos árbitros (Cúrintia)



Carlos Fluzão (Fluminense)

Alguem ainda duvida do penta?

(Sport) Fabiano Sport

Tem muito torcedor aqui no NE que gosta de goz.. com Pau dos outros!!!

(Internacional) Alex Gremio

o abel rebaixou o flu e agora o inter e nao vai ter cbf q ajude esses lixos

(Palmeiras) Alex Corinthians

E NO CLASSICO DEU CHAPECÓ

Há também torcedores que somente se identificam com um nome próprio e anexam, ao lado desse nome, o escudo de seu time:



Ricardo Silva (Corinthians)

ano que vem dupla de meia do timão Paulinho,Elias,Cristian,Jucilei os anti pira³²



Claudio Barros (Cruzeiro)

AQUI EM IPATINGA AS MENINAS DE ROSA BORRARAM KKKKKKK MAIS 100 ANOS SEM TÍTULO³³



Carlos Alberto (Flamengo)

Isso e bom acontecer pra eles verem o abismo que existe entre os doze grandes do brasil e esses clubes pequenos que so serve de vez em quando pra tirar ponto dos grandes.



Edson Oliveira (Grêmio)

O Barcos é um baita centroavante. Velocidade, força, arranque. Só tem um defeito: não faz gol!kkkkkkkkkkkkkk

³² Os "anti" aos quais Ricardo se refere em seu comentário são os torcedores rivais do Corinthians, sobretudo os torcedores dos outros times "grandes" do Estado de São Paulo, isto é, o Santos, Palmeiras e São Paulo.

³³ As "meninas de rosa" são os torcedores do Atlético Mineiro, maior rival do Cruzeiro, time pelo qual Claudio Barros torce.

Às vezes um torcedor anexa ao lado do nome que ele usa para se apresentar no site a imagem de um ídolo de seu time, isto é, de um jogador que se destacou em algum momento da história do clube. As fotos utilizadas nos dois comentários seguintes são, respectivamente, de Nilton Santos, do Botafogo, e de Sócrates, do Corinthians.



Pedro Pimentel (Botafogo)

Tira o seu da reta mesmo, Mancini. O time da 2ª etapa foi tão mal quanto o da 1ª. Quase sofremos gol por diversas vezes no 1.º tempo. A pior defesa do campeonato está na sua conta.³⁴



Rafael Drex (Corinthians)

Fica fácil como a libertadores de 81? ou como o título recente em cima do Vasco?³⁵

Como 2014 foi um ano eleitoral, alguns torcedores se apresentavam no site através de seus posicionamentos políticos na disputa entre os presidencialistas, como podemos ver nos exemplos abaixo:³⁶



Lorica Segmentata (Flamengo)

Chora não... ROUBADO É MAIS GOSTOSO.

(Corinthians) Fora Pt

JADSON JOGOU BEM DEMAIS.... Valeu o negócio com o Pato.

(Palmeiras) 00 Confirma

Ta difícil da porcada ganhar do atual rival. Como diz Milton Neves, Chapecó é a cidade que mais mata porco no mundo.

³⁴ O comentário de Pedro Pimentel se refere à colocação do técnico do Botafogo, Wagner Mancini, destacada na notícia. Para Mancini, o time carioca jogava bem no 1º tempo, mas cansava no 2º, o que prejudicava a equipe nos jogos.

³⁵ Comentário feito em resposta a uma provocação de um torcedor do Flamengo, que disse que a vitória do Corinthians sobre o Sport se deu pelo fato de o time pernambucano ser fraco. Rafael Drex resgata, então, dois episódios nos quais supostamente o Flamengo ganhou um jogo "roubado", que no futebol significa ganhar de forma ilegal, em cima de erros da arbitragem, erros interpretados quase sempre como propositalmente pela torcida adversária.

³⁶ Os torcedores que optaram por esse tipo de apresentação foram muito poucos, o que se deve, talvez, ao fato de a 7ª rodada ter ocorrido em datas ainda muito distantes dos dias das disputas eleitorais.

Interessante notar que enquanto um se apresenta mostrando a sua preferência política por um dos candidatos à presidência da república, no caso o Aécio Neves, o outro se posiciona politicamente através da oposição a um partido político, o Partido dos Trabalhadores, da candidata Dilma Rousseff.³⁷ O torcedor que se apresenta como "00 Confirma" faz uma alusão ao voto nulo ao escrever uma legenda partidária que não existe (00) e acrescentar a palavra "Confirma" escrita na tecla verde das urnas eletrônicas no Brasil, tecla esta que serve para definir o voto do eleitor.

Há torcedores que se apresentam provocando um time adversário, ou de forma ofensiva ou de um jeito performático, como podemos ver nesses exemplos:

(Flamengo) Corintianopisaemflamengusita

Meu, na moral. Em nome da FIEL afirmo que a partir de hoje o flabosta naum e' mais o generico do coringao no Rio de Janeiro. Ruim demais!!! Time sem raca, sem elenco, sem nada. A partir de hoje o flabosta e' o generico do porco no Rio. Na moral!!!!

(Atlético Mineiro) Depenador

O Brasil inteiro entende que o atletico de minas é time pequeno

(Grêmio) Palmerense Lixo

Palmeirense é lixo : TODO GAUCHO QUEIMA KKKKKKKKKK

Se nas apresentações do primeiro e terceiro torcedor a provocação ao rival está clara, já que um diz claramente que torcedores do Flamengo são pisados por torcedores do Corinthians e o outro afirma de forma direta que os torcedores do Palmeiras são lixos, o torcedor que fez o segundo comentário, provavelmente torcedor do Cruzeiro de Belo Horizonte, é mais sutil na sua provocação, fazendo referência implícita ao maior símbolo do Atlético Mineiro, o galo, ao se apresentar como depenador.

Alguns torcedores tentam se apresentar como se estivessem definindo a forma como vão participar do site, sugerindo uma coerência entre o nome com o qual se apresentam e os discursos que vão ser por eles elaborados, como mostram os seguintes exemplos:

³⁷ Durante o período de disputa eleitoral para Presidente no segundo turno, os eleitores de Dilma e Aécio protagonizaram inúmeros conflitos nas redes sociais.

(Grêmio) Sensato Coerente

O Grêmio não ganha nada há 13 anos. Dizer o quê de um time que não ganha nem estadual??? E olha que o Gauchão só tem mais um time. ST ST ST ST

(Sport) O Chato

Oxi e não era a melhor! zaga do Nordeste? kkkkkkkkkkkkkk...³⁸

(Corinthians) Irônico

JADSON COMO SEMPRE SÓ FAZ GOL E JOGA BEM CONTRA TIMES PEQUENOS, FAZER GOL CONTRA O SPORT ATÉ O SACI. E OUTRO DETALHE, MANO MENEZES SÓ PÕE O TIME PRA FRENTE QUANDO JOGA CONTRA TIME RUIM. CONTRA O CRUZEIRO SEMANA QUE VEM ELE VAI ESCALAR 5 VOLANTES E DEIXAR SÓ O GUERRERO NA FRENTE.

Há, por fim, outras apresentações torcedoras que são bem menos frequentes, constituindo, portanto, mais exceções do que regras. Houve torcedores que se apresentaram através de distinções clubísticas e/ou regionais (Tricolor Portoalegrense; Sul País; Tricolorospampas; Tricolor das Laranjeiras); com perfis falsos (Assis Negociador; Novo Pirlo; Fred Bolado);³⁹ outros ainda escolhem nomes aparentemente mais aleatórios (Punkjamaica; Vingador Web; Charuto Roxo; Power Hulk; Darkside); e outros usam expressões que revelam fortes discriminações de classe (coxananicofavela) e de sexualidade (Richarlyson.eterno.idolo.sãopaulino);⁴⁰ alguns (relativamente) poucos torcedores anexam fotos que parecem ser suas fotos pessoais nos nomes que usam para se apresentar.

É importante notar, por fim, que o universo dos comentaristas do globoesporte.com é esmagadoramente masculino, como é o universo do futebol em estádios e bares, mas talvez mais ainda masculino do que nesses lugares. Do total de

³⁸ Esse torcedor, provavelmente de um time rival do Sport, faz referência aos quatro gols sofridos pelo Sport no jogo contra o Corinthians.

³⁹ Essas três apresentações torcedoras fazem referência ao Assis, irmão e empresário do jogador Ronaldinho Gaúcho, ao jogador italiano Andrea Pirlo e ao jogador do Fluminense Fred, respectivamente. Ao lado do torcedor "Assis Negociador" aparecia uma foto do irmão de Ronaldinho, ao passo que o torcedor "Novo Pirlo" pôs como sua imagem uma foto do jovem jogador colombiano James Rodrigues, querendo dizer com isso que esse jogador é tão talentoso quanto o veterano italiano.

⁴⁰ Richarlyson, hoje jogador do Vitória da Bahia, é um jogador alvo de muita discriminação por parte de torcedores de futebol devido a sua suposta homossexualidade. Ele jogou durante muito tempo no São Paulo, clube que recebe a alcunha de "bambi" por parte de seus torcedores rivais numa tentativa de estigmatizar esse clube de futebol paulista pela homossexualidade. Falaremos um pouco mais sobre Richarlyson mais a frente.

comentários que lemos, somente umas seis ou sete pessoas se apresentavam com nomes femininos.

b) Personagens em cena: jogos de identidade e ações teatrais

Alguns torcedores fazem de seus comentários no site globoesporte.com ações discursivas com um teor relativamente artístico, criando para si personagens e agindo de forma teatral com o objetivo principal de provocar o adversário. Como vimos acima, Gastaldo (2011), ao analisar o comportamento de torcedores em bares durante jogos de futebol transmitidos nesses ambientes, percebe que alguns torcedores investem mais em suas ações no sentido de construir uma interação jocosa com os demais torcedores presentes no bar, chamando esse tipo de prática torcedora de "teatralização jocosa". Mas se em bares a teatralização torcedora ultrapassa "o limite do ato da fala, da tirada espirituosa ou da provocação com palavras" (GASTALDO 2011, p. 163), no globoesporte.com essa teatralização se dá nos limites dos discursos feitos pelos torcedores, o que significa dizer que aqui a teatralização é textual. Nesses casos, os comentários dos *torcedores personagens* formam, juntamente com o jeito como eles se apresentam, a ação teatral. Vejamos um exemplo:

(Atlético Paranaense) Capequenos Semterras

CAPequenino:"Vovô,pq temos menos títulos nacionais que o Coxa?Pq temos infinitamente menos títulos estaduais que o Coxa?É por isso que desvalorizamos o estadual,será? Pq já caímos para a segunda divisão do campeonato que falamos que é tão facil e mesmo assim não vencemos?Pq só temos que comemorar participações em torneiro (sic)? É pq não ganhamos nada? Pq nossa vida inteira mendigamos o estádio do Coxa que o senhor diz sempre que é feio e bobo?Pq precisamos de dinheiro público para ter um estádio para jogar?Pq temos bem mais derrotas em atlétibas?Pq SEM TERRA?Pq a Nike escolheu o Coxa?Pq?Pq?Buááááá!

Na própria apresentação desse torcedor já aparece a sua proposta de provocação: a partir da sigla CAP, que significa Clube Atlético Paranaense, ele constrói o nome "Capequenos" juntando o adjetivo "pequeno" a sigla "CAP". Em seguida ele elabora um diálogo fictício entre duas personagens, a "CAPequenino" e seu avô. Nesse diálogo ele faz uma série de afirmações sobre o Atlético Paranaense, que nas palavras de Capequenos vira uma terceira personagem, que representa a forma como esse torcedor vê o clube rubro-negro paranaense: um time inferior ao Coritiba em títulos nacionais e

estaduais; um clube incapaz de vencer campeonatos e que só comemora "participações em torneio" (ele escreve "torneiro"); que mendiga o estádio do Coritiba e que construiu o seu próprio estádio com dinheiro público; um time, enfim, abaixo do Coritiba. No desfecho do texto Capequenos simula as lágrimas da personagem "Capequenino", representando tanto a posição de infantilidade dele na história aqui narrada quanto a indignação que, em sua opinião, um torcedor do Atlético tem por causa da inferioridade atleticana frente ao Coritiba.

O que chamamos aqui de *torcedores personagens* é um recurso textual usado por uma parte pequena, porém significativa, dos torcedores, que criam uma espécie de identidade paralela do torcedor que comenta, ampliando as possibilidades de construção de comentários jocosos e provocativos. Um fator importante para o sucesso da performance desse tipo de torcedor é a constante presença dele nas páginas de notícias referentes aos times adversários, de tal forma que o torcedor personagem cria um lugar nessa página, a posição do "torcedor chato", aquele representante da torcida adversária que parece estar sempre a espreita, com uma piada pronta na manga. Esse lugar de "torcedor chato" é construído na interação desse torcedor com a torcida adversária e, sobretudo, com as reações que a sua forma provocadora de torcer suscita nessa torcida. Um exemplo disso são alguns comentários feitos em relação ao Capequenos na página de notícias do Atlético Paranaense:

(Atlético Paranaense) José Monteiro

Alguém por aí viu o tal capequenos???????????????

(Atlético Paranaense) Paulo Santos

Parece que ele ainda tá soluçando na portaria do prédio dele. Sabe como é, piá de prédio é assim mesmo...meio sensível, parece.

(Atlético Paranaense) Ciro Filho

Paulo Santos , ou *deve estar bolando algum texto surrealista*.⁴¹

Os comentários acima, sobretudo os dos torcedores José Monteiro e Ciro Filho, dão indícios de que a presença de Capequenos na página de notícias do Atlético Paranaense é constante e que as suas provocações são sentidas pelos torcedores

⁴¹ Todos os grifos feitos nos comentários dos torcedores são nossos.

atleticanos. Como na 7ª rodada do Campeonato Brasileiro o Atlético Paranaense venceu o Coritiba por 2 x 0, José Monteiro escreve em seu comentário "Alguém viu por aí o tal capequenos?????????" certamente para provocar e, ao mesmo tempo, responder às várias provocações que Capequenos deve ter feito em comentários passados. José parece indagar se Capequenos tem algum comentário jocoso a fazer mesmo após a derrota de seu time. Paulo Santos representa Capequenos em seu comentário como um "piá de prédio" chorão e "meio sensível", enquanto Ciro sugere, comentando as palavras de Paulo, que Capequenos deve "estar bolando algum texto surrealista", demonstrando com esse discurso o efeito de certo estranhamento que a personagem Capequenos cria nele. Nesse jogo interacional, Capequenos vira um torcedor chato e um alvo de pilhérias para a torcida do Atlético Paranaense.

Papel semelhante ao de Capequenos é exercido pelo torcedor personagem que se intitula pelo nome de O Catarina na página de notícias do Figueirense, como podemos ver no exemplo abaixo:

(Figueirense) O Catarina

DEIXE AQUI A SUA RISADA PARA A VERGONHA DO ESTADO!!!!!!! NÃO SEI PRA QUE VEM PRA SERIE A, SEUS GOLFINHOS KKKKKKK CRICIÚMA, O UNICO QUE REPRESENTA, E SEMPRE REPRESENTOU SC!

Esse comentário foi feito após a derrota sofrida pelo Figueirense no jogo contra o Goiás no Estado de Santa Catarina. O papel do "torcedor chato" sendo exercido através do torcedor personagem volta a entrar em cena aqui, dessa vez por um discurso que transforma o time adversário, no caso o Figueirense, em motivo de chacota, um objeto de risada, já que esse time é, nos termos de O Catarina, "a vergonha do Estado", um time "golfinho", termo usado por torcedores no Brasil para se referir a um time que "sobe, faz uma graça, para depois afundar", isto é, um time que tem um sucesso rápido e pontual em alguma competição para logo em seguida cair em decadência nela. Esse torcedor personagem deixa claro no final de seu comentário se tratar de um torcedor do Criciúma, um dos rivais do Figueirense em Santa Catarina.

Outros torcedores parecem desempenhar no site o papel de personagens nonsense, como ocorre no caso do seguinte exemplo:

(Flamengo - blog) O HEXA MAIS QUERIDO DO BRASIL MENGOOOOOO ☆

☆☆☆☆☆:

26 maio, 2014 as 10:07

AS GUEIXAS DOS CARECAS TÊM CARA DE OTÁRIOS. OS CARECAS SÃO OTÁRIOS.
O FLAMENGO ESTÁ UMA MERDA, SEUS OTÁRIOS!!

O HEXA MAIS QUERIDO DO BRASIL MENGOOOOOO ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

Se Capequenos é um torcedor personagem que usa de um tom teatral em seus comentários para provocar a torcida do Atlético, o "HEXA MAIS QUERIDO DO BRASIL" já faz seus comentários em um tom mais agressivo e, por vezes, ambíguo e ininteligível. Se com uma rápida pesquisa na internet conseguimos descobrir que o termo "carecas" é usado por parte dos torcedores do Flamengo para se referir à diretoria desse time, o mesmo não se pode dizer do termo "gueixa" que ele usa nesse comentário ("As gueixas dos carecas"). Além disso seus comentários no blog do Flamengo não nos permitem concluir se esse torcedor personagem é um flamenguista que vê o time do Flamengo de forma profundamente crítica ou se ele é, de fato, um torcedor adversário que está ali com o objetivo de provocar a torcida flamenguista. Seja como for, a participação desse torcedor personagem no blog do rubro-negro carioca se dá sempre no sentido de fazer duras críticas à diretoria do Flamengo, ao time e à sua torcida.

Os torcedores-personagens são, como dissemos acima, figuras numericamente minoritárias no site globoesporte.com, mas com uma presença marcante nesse espaço virtual.

3.4 Formas de torcer

a) A territorialidade das notícias esportivas

Como já foi dito acima, a página do globoesporte.com divide as notícias referentes ao futebol por time. Tomando como exemplo os times da primeira divisão do campeonato nacional de futebol, cada um desses times é representado por um ícone no site, que coincide com os escudos desses times. Ao clicar em algum desses ícones, o visitante do site é levado a uma página com vários links de notícias sobre o clube ao qual o ícone se refere. Se clicarmos, por exemplo, no ícone da Chapecoense, iremos

entrar na página do site dedicada às notícias sobre esse time catarinense. Esse é um dado muito importante para essa pesquisa, pois esse tipo de divisão de notícias feita pelo site é a base para ser construída uma espécie de *territorialização* entre parte dos torcedores, para quem as notícias do site têm dono, pois fazem parte de um lugar, que por sua vez é propriedade da torcida de um determinado time. O que chamamos aqui de territorialização e usamos como mais um descritor que nos auxilia na análise do comportamento do torcedor nessa pesquisa é a apropriação que os torcedores fazem do site de forma a (re)criar uma divisão de espaços no interior do site, atribuindo a essa divisão uma lógica territorial. Os comentários abaixo servem para ilustrar essa lógica da qual estamos falando:

(Flamengo) Marcos Mengão

O jogo foi horrível. Horrroso. O mengão tá muito ruim, mas que é gostoso ver a cambada de invejosos comentando *aqui* é.

(Cruzeiro) Italo Malcone

RECADO para todos aqueles ANTI-CRUZEIRENSES que fica *rodeando a página do maior de minas*: Some não GALERA.

(Fluminense) Fabio Bueno

O mais gostoso é ver esse bando de torcedores de outros times virem dia após dia comentar nossas vitórias kkkk !!!!!!! Porque *lá em suas páginas* é só derrota !!!!!!

É interessante notar como os torcedores Marcos Mengão, do Flamengo, e Fábio Bueno, do Fluminense, usam os advérbios de lugar "aqui" e "lá" para designarem o espaço virtual de seus times no site e o espaço virtual dos times dos adversários. Tanto Marcos quanto Fábio ironizam o fato de torcedores rivais de seus times fazerem comentários jocosos ou ofensivos nas páginas destinadas ao Flamengo e Fluminense, dizendo o primeiro que o Flamengo é alvo da inveja alheia, enquanto o segundo diz que os torcedores rivais escrevem na página do Fluminense porque "*lá em suas páginas* é só derrota". O cruzeirense Italo Malcone constrói um discurso de tom ainda mais debochado ao pedir aos torcedores "anti-cruzeirenses" - termo que ele grafa em maiúscula, para deixar clara a intenção dele em provocar os torcedores rivais do

Cruzeiro - para não "sumirem" da página do "maior de minas", que, nas entrelinhas, ele sugere ser uma vitrine de sucessos para os rivais.

Um outro elemento discursivo importante para a marcação da territorialidade no site aqui pesquisado é o que chamo de *saudações torcedoras*. É comum que torcedores saúdem demais torcedores na cultura do futebol brasileiro. Quando isso ocorre fora da internet, em geral essa saudação é feita de forma debochada. Se um torcedor de um time A encontra um torcedor conhecido seu do time B na rua após o time A ter vencido o time B em um jogo de um campeonato qualquer, é comum que o torcedor do time vencedor tire sarro de seu rival saudando-o. Se ele for flamenguista ele pode dizer "Saudações rubro negras"; se ele for torcedor do Fluminense ele pode dizer "Saudações tricolores" ou "Saudações cruzmaltinas" se ele for vascaíno, e por aí vai.

Nos discursos dos torcedores que pesquisamos, a saudação ocorre de forma um tanto diferente do que comumente acontece entre torcedores nas interações face a face. A saudação aqui pode marcar a entrada em um território composto por iguais, isto é, por torcedores de um mesmo time, como ilustram os exemplos a seguir:

(Cruzeiro - blog) José Gonçalves Costa Neto:

26 maio, 2014 as 2:51

BOA NOITE TORCEDORES CELESTES!

É com enorme alegria e satisfação que venho neste espaço realizar meu primeiro comentário de 2014. Não gosto muito de expor minhas opiniões sobre o Cruzeiro e o futebol em geral, entretanto, hoje me senti na obrigação de rabiscar umas palavras.

O Cruzeiro fez hoje sua melhor partida de 2014 fora de casa. Jogou no campo do adversário com muita movimentação e técnica, além das investidas nos pontos fracos do adversário. Poderíamos ter empatado ou perdido o jogo, mas a postura em campo deixou clara a vontade do time azul estrelado em ganhar o jogo. O meio de campo funcionou e Goulart voltou a ser a válvula de escape do time quando o Éverton Ribeiro se encontrava marcado.

(Atlético Mineiro - blog) Julio Cesar:

26 maio, 2014 as 14:04

Salve Massa ! Não é hora de malhar o Levir mas solcitemos que treine alternativa tática. Se com, ou seja, sem os melhores ele tem uma estratégia, com a volta deles, a alternativa não pode ser somente o jogador. Tardelli será sempre muito mais vigiado do que Carlos ou Marion. R10

idem !! Tardelli criou as principais jogadas e tem gente querendo que va embora (deve ser gamba ou maria).⁴² Contra Santos e Vitoria, tinha mais espaço. Aqui o Criciuma fechou. E nos contra ataques quase desandou a maionese de vez. Mesmo as principais jogadas terem saído pelas laterais, porque os caras insistiam em chegar pelo meio ?

Marion, calma, muita calma...!!!

(Corinthians - blog) Leila:

25 maio, 2014 as 21:35

Fico muito feliz com a vitória, muito importante, porém, esse time ainda não me convenceu.

Vamos ver contra o Cruzeiro, acho que será uma grande oportunidade de mudar esse perfil de instabilidade.

Vamos em frente e *VAI, CORINTHIANS!*

José Gonçalves Costa Neto, torcedor do Cruzeiro, saúda os demais torcedores com um "Boa noite torcedores celestes" em letras maiúsculas, deixando clara a sua leitura de que aquele território é ou deveria ser um lugar homogêneo e ignorando solenemente torcedores de quaisquer equipes adversárias. A mesma lógica segue o discurso do torcedor Júlio César, do Atlético Mineiro, que com o seu "Salve Massa!" marca a sua entrada no blog do Atlético saudando somente os torcedores desse time ao mesmo tempo em que se apresenta, com essa saudação, como torcedor atleticano. A torcedora Leila escreve a sua saudação no final de seu comentário, seguindo o padrão de comportamento dos demais torcedores corinthianos, que escrevem o "Vai, Corinthians!" quase sempre no final de seus comentários.⁴³

Dentro dessa lógica territorial que perpassa as interações entre os torcedores do site, escrever na página do time adversário é adentrar em um território a princípio hostil. Por isso, caso a entrada no território do outro time não tenha uma intenção de provocação por parte do sujeito que está entrando nesse território, ela deve ser feita seguindo algumas prerrogativas, alguns pequenos rituais discursivos que demonstrem que o torcedor que fala não é hostil, nem quer ser recebido com hostilidade, como mostra o exemplo a seguir:

⁴² "Gambá" e "Maria" são termos pejorativos usados para se referir, respectivamente, aos torcedores do Corinthians e do Cruzeiro.

⁴³ É digno de nota que a saudação dos torcedores do Corinthians é para o time, e não para a torcida, como em geral acontece.

(Internacional - blog) Julio:

26 maio, 2014 as 12:04

Saudações Cruzeiroenses meus amigos, venho em paz.

Vocês possuem um bom time, que impõe respeito e torço por boa sorte neste campeonato, porém gostaria de ressaltar uma coisa que como cruzeirense posso falar com conhecimento de causa sobre este jogador chamado Welington Paulista.

Time que tem este sujeito não ganha nada e joga com um a menos.

Deixei de comentar no espaço cruzeirense devido ao auxiliar do blogueiro Bellini ser mau educado e destratar os frequentadores, *mas podem ir lá que serão bem recebidos.*

Se nós não ganharmos este campeonato, torcerei por vocês.

O torcedor cruzeirense Julio escreveu no blog do Internacional logo após o time mineiro vencer o time gaúcho por 3 x 1. Ele inicia se identificando como torcedor do Cruzeiro ("*Saudações Cruzeiroenses meus amigos*") para em seguida se defender de quaisquer animosidades que poderiam advir dessa identificação usando a expressão "*venho em paz*". O comportamento de Júlio é típico de quem está entrando em um território potencialmente hostil, inimigo. Ele é visivelmente cuidadoso em todas suas colocações, mostrando sempre ao anfitrião que não quer brigas, problemas, mas somente fazer uma *visita*, isto é, estabelecer uma relação comum de sociabilidade, talvez para jogar conversa fora, como diz uma antiga expressão popular no Brasil, ou falar simplesmente de futebol, do jogo ocorrido entre as duas equipes e temas afins. Júlio ressalta a lógica territorial de seu discurso ao convidar os torcedores do Internacional a visitarem o blog do Cruzeiro, garantindo que eles serão "*bem recebidos*" caso forem, de fato, fazer a *visita*.⁴⁴

Grifo o termo *visita* por ele constituir um subdescriptor nessa pesquisa, isto é, ele é uma variação, um tipo de comportamento torcedor inscrito no descriptor *territorialização*. A visita é a ida ao território do outro para estabelecer com esse outro uma relação amigável. No caso de Júlio, o tom de seu discurso é de quem está dando um conselho a alguém, ao dizer aos torcedores do Internacional que com o jogador Wellington Paulista (que já jogou no Cruzeiro) o Internacional não iria ganhar nada e jogaria sempre "com um a menos". Outros discursos exemplificam as visitas que comumente são feitas entre torcedores rivais nas páginas do globesporte.com:

⁴⁴ A ideia de "fazer" e "pagar visitas" também foi encontrada entre mulheres frequentadoras de blogs estudadas por BRAGA (2008).

(Cruzeiro) Andre Crippa

Sou torcedor do Internacional e parabeno o Cruzeiro pela vitória, é sempre bom enfrentar um adversário de tamanha qualidade, vcs são sim candidatíssimo ao titulo. A nós nos resta admitir que temos um bom time titular e um grupo regular apenas. O resultado foi justo.

(Cruzeiro) Rogério Costa

Parabéns ao Cruzeiro! Sou flamenguista e admito (*sic*) que é o melhor time do Brasil atualmente e a maior prova que o Jayme de Almeida é um treinador fraco está aí: Marcelo Moreno artilheiro do Campeonato!⁴⁵

Percebe-se que tanto no discurso de Andre quanto no de Rogério não se abre mão de marcar a identidade pela torcida por um time adversário, no caso Internacional e Flamengo, respectivamente. Porém, os dois torcedores parabenizam o Cruzeiro imediatamente antes ou depois de se identificarem como torcedores de times rivais, ressaltando a boa equipe de futebol que o time mineiro tem. O elogio ao adversário é o tom dos discursos de André e Rogério. É digno de nota o fato de os dois torcedores usarem o verbo "admitir", um ao classificar o seu time como um grupo "regular apenas" enquanto o outro o faz antes de declarar o reconhecimento de que o Cruzeiro é "o melhor time do Brasil". "Admitir" aqui sugere uma passagem um tanto quanto penosa entre ser torcedor de um time e o reconhecimento de que o adversário é melhor.

Pode-se visitar a página do time adversário sem, contudo, simplesmente elogiá-lo, mas fazendo um comentário de teor mais crítico, tratando de aspectos mais técnicos e/ou táticos, como os exemplos abaixo mostram:

(Botafogo) Lindomar Freitas

Sou Flamenguista, mas uma coisa é verdade, Botafogo e Flamengo estão no mesmo patamar de ruindade, e se não melhorar após a pausa para a copa do mundo, um dos dois cairão para a série B; espero que ambos melhorem, pois o futebol do RJ já esta enfraquecido com o Vasco na segundona.

⁴⁵ O comentário de Rogério pode soar um pouco obscuro para quem não acompanha futebol no Brasil. O que ele diz aqui é que o técnico do Cruzeiro, Marcelo de Oliveira, é tão competente que faz um jogador "fraco" como Marcelo Moreno ser artilheiro do campeonato. Com base nessa leitura, Rogério classifica o técnico do Flamengo à época da 7ª rodada, Jayme de Almeida, como um profissional ruim.

(Flamengo) Bernardo Miranda

*Não sou rubro-negro , mas Anderson , vc queria o que com o time fraco que o flamengo tem ,com essa diretoria omissa que não esta nem ai para time e com esse técnico fraco que não tem condições de por os pés na gávea? O time é limitado , mas o técnico é mais limitado ainda...
OBS: Não vim aqui arrumar confusão , apenas expor as minhas ideias...*

(Cruzeiro) Claudio Severo

ganhar de um mixtão do internacional é facil quero ver ganhar com todos os titulares !!!!! no jogo em minas vcs verão quem vai ser campeão saudações do maior do sul !!! e parabens pela vitória ganhou o melhor neste jogo foram vcs !!!!!

Lindomar Freitas e Bernardo Miranda, ao escreverem um comentário nas páginas do site destinadas ao Botafogo e ao Flamengo, respectivamente, mantêm o mesmo padrão que vimos nos discursos dos três torcedores anteriores: primeiro se identificam como torcedores de times rivais ao da página (Lindomar como flamenguista e Bernardo como não rubro-negro, isto é, como não flamenguista). Em seguida fazem seus comentários críticos, que Lindomar endereça ao futebol carioca como um todo, enquanto Bernardo critica a avaliação, a seu ver muito aquém da realidade, que um torcedor rubro-negro faz do time do Flamengo. Os dois torcedores marcam as suas entradas em "território inimigo" com a sua identificação e com a construção de um discurso cuidadoso, sem provocações. Bernardo ainda enfatiza o fato não ter ido à página para "arrumar confusão" mas "apenas expor" as suas ideias. O desfecho do discurso de Bernardo mostra mais uma vez o clima de potencial hostilidade que alguns torcedores sentem em fazer comentários nas páginas dos times rivais. O torcedor Cláudio Severo, do Internacional, relativiza os méritos da equipe do Cruzeiro na vitória sobre seu time dizendo que a equipe gaúcha jogou sem muitos de seus jogadores titulares, sugerindo que o resultado da partida teria sido diferente em uma situação contrária a essa. Feita essa crítica, ele equilibra o tom de seu discurso parabenizando o Cruzeiro pela vitória e mantendo, assim, o tom amigável da interação.

Há nesses exemplos os quais chamamos aqui de visita um respeito (ainda que implícito) ao time adversário. Esse respeito está na estruturação que o torcedor faz de seu discurso, com o objetivo de não "arranjar confusão" com os torcedores adversários. Quando esse tipo de participação ocorre, em geral o torcedor do time rival é bem recebido pela torcida anfitriã, como mostram os diálogos a seguir:

Diálogo 1



Vai Corinthians (São Paulo)

Meu brasileiro é Zica mesmo cara até anos atrás o estádio do São Paulo era um ícone para os paulistas uns dos cartões postais da nossa cidade, sem falar na história de títulos e grandes clássicos, que no meu modo de ver sem dúvidas nenhuma são os melhores entre Corinthians x São Paulo: Porque vou criticar o estádio, seria muita sacanagem da minha parte cara, nada como uma bela reforma e uma linda cobertura vai ficar show para ambas torcidas. É lógico que o estádio do Corinthians é mais moderno e aí? Olha as diferenças de época das construções: Temos que mudar nossos conceitos já como torcedor

(São Paulo) Matheus Marinho

Certíssimo! Visão coerente *mesmo sendo torcedor de um rival*, parabéns!

Diálogo 2

(Grêmio) Mateus Santos

Sou colorado, mas realmente Barcos está deixando a desejar no ataque do Grêmio, contra o São Lorenzo nas cobranças de penalti, ele como o atacante principal devia ter acertado, e o esforço do Grêmio para contratar ele ainda não teve recompensa... mas com mais umas duas contratações o Grêmio brigaria no topo da tabela..

(Grêmio) Dionísio Cerqueira

vc sim é um digno colorado e não esses boca berta que tem por aí. e entende de futebol.

No diálogo 1, o torcedor se apresenta abertamente como corinthiano, colocando no lugar de seu nome a saudação "Vai, Corinthians!" e anexando uma foto (provavelmente sua) com o escudo desse time paulista de pano de fundo. Ele escreve na página de um time considerado um dos maiores rivais do Corinthians, o São Paulo. No entanto, o seu discurso é bastante respeitoso ao time são paulino, fazendo elogios ao estádio do Morumbi, a "casa" do São Paulo, e fazendo menção aos "grandes clássicos" entre esses dois clubes paulistas. A resposta do torcedor do São Paulo foi bastante significativa: Matheus Marinho diz que o torcedor corinthiano "mesmo sendo" um rival possui uma visão coerente. Ou seja, o fato de se tratar de um torcedor rival (que é um elemento negativo do ponto de vista de Matheus) é contra balanceado pelas colocações

respeitosas feitas por esse torcedor rival (que constituem, por sua vez, um elemento positivo), fazendo com que o saldo do diálogo seja positivo, pois Matheus conclui a sua resposta ao comentário do corinthiano com um "parabéns!", selando, assim, essa breve conversa entre esses torcedores de times rivais.

O diálogo 2 ocorre entre torcedores de dois times que são considerados por muitos jornalistas esportivos como a maior rivalidade do futebol brasileiro: Internacional e Grêmio, ambos os times de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Mateus Santos faz um comentário de ordem puramente técnica sobre o atacante gremista Barcos, logo após se identificar como torcedor colorado, seguindo o padrão que vimos nos comentários anteriores ("Sou colorado, mas..."). Ele ainda faz uma ponderação sobre o time do Grêmio quando diz que com a contratação de dois jogadores o Grêmio "brigará no topo da tabela". Nas entrelinhas o que ele disse é que o time do Grêmio não era ruim. Isso foi o suficiente para o gremista Dionísio Serqueira classificar Mateus como um "digno colorado". A "dignidade" de Mateus consiste no fato de ele não ter feito nenhum tipo de brincadeira com o Grêmio, como normalmente torcedores fazem com os times rivais. Na medida em que Mateus não procedeu dessa forma, Dionísio o reconheceu como um interlocutor e como um conhecedor de futebol.

É preciso dizer, contudo, que no globoesporte.com o contrário da visita é o *escárnio*. Se há torcedores que escrevem nas páginas dos rivais somente para fazer comentários sobre futebol ou para travar uma relação amistosa com os rivais, há outros que vão ao território virtual do outro com a única intenção de provocá-lo, de "tirar sarro" dele, de subverter seus símbolos e ironizar a sua história e a sua torcida. Se aqueles se comportam e são recebidos pelos torcedores do time rival como visitantes, estes se comportam e são vistos como invasores pelos outros, provocando *conflitos* entre frequentadores do site. Os comentários desses torcedores que se colocam num papel de provocadores costumam ser carregados de ironia e deboche, como exemplificam os discursos abaixo:

(Botafogo) Urubu Eterno

UÉ!!! FALTA PREPARO FÍSICO, JOGADOR, TORCIDA... ESSE É O B*STAFOGO RUMO AO BICAMPEONATO OPS!!! REBAIXAMENTO. KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK⁴⁶

⁴⁶ O comentário de Urubu Eterno é, ao mesmo tempo, uma provocação aos torcedores botafoguenses e uma resposta jocosa ao título da notícia estampada no site: "Mancini (nome do técnico do Botafogo) critica preparo físico do Bota: 'É visível a queda de força dos atletas'".

(Grêmio) Patrão Sul

QUE MALDADE COM O CARA È ESFORÇADO E O PRINCIPAL GOLEADOR ,SERA QUE O PROBLEMA È SÒ ELE HEIN gremistada OU O TIME TODO È MEIA BOCA ,APESAR DE COLORADO ACHO UMA INJUSTIÇA COM O CARA .MAS EMFIM SONHEM POIS DORMIR E SONHAR È O MELHOR REMEDIO PARA OS PROBLEMAS KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK⁴⁷

(Atlético Mineiro) Sangue Azul

Parabéns !!!! Empatar com o fortíssimo time do Criciúma, candidato ao título, em casa é um resultado normal. Agora fácil mesmo é ganhar do Inter de 3 x 1 na casa do adversário. Simbora Patético !!!!! Estamos no caminho certo pro BICAMPEONATO do Levir no time mais ROSA do mundo. CADÊ O FERNANDINHO ????????

É interessante notar que os três comentários seguem o mesmo padrão no que se refere à apresentação dos torcedores: essas apresentações nelas mesmas já são uma provocação à torcida adversária pois, ao escrever na página do Botafogo, o Urubu Eterno usa um dos símbolos do time do Flamengo, o urubu, para marcar a sua posição de torcedor rival, assim como o Patrão Sul (torcedor do Internacional) e o Sangue Azul (torcedor do Cruzeiro) fazem ao escrever nas páginas do Grêmio e do Atlético Mineiro, respectivamente. A provocação mais direta dentre essas apresentações está na do torcedor do Internacional, que ao se identificar como Patrão Sul diz abertamente que na região Sul do Brasil há somente um time que manda, que é o "patrão", o Internacional, e não o Grêmio, seu maior rival. O adjetivo "eterno" e o substantivo "sangue" nas apresentações do torcedor do Flamengo e do Cruzeiro dão o forte teor da provocação aos torcedores do time da página, ao se declararem profundamente identificados com os times rivais (Urubu Eterno = para sempre Flamengo; Sangue Azul = congenitamente Cruzeiro). No discurso do flamenguista o Botafogo vira "Bostafogo", enquanto no comentário do cruzeirense o Atlético Mineiro vira "Patético", o que marca o profundo teor de escárnio que esses comentários se esforçam por manter. Nos três discursos o deboche e a ironia são gritantes.

O escárnio por vezes acontece de forma teatral, quando o torcedor que está construindo a provocação investe um pouco mais na elaboração de seu discurso, o que

⁴⁷ O comentário de Patrão Sul faz referência direta à notícia veiculada no site globoesporte.com, segunda a qual os torcedores do Grêmio estavam criticando o atacante Barcos na Internet pelo fato desse jogador ter perdido uma clara chance de gol na partida contra o São Paulo.

acima, ela passa a ser uma expressão de deboche, de ironia, de convite ao conflito. Vejamos alguns exemplos:

(Atlético Mineiro) Urubu Rei

TÁ FEIA A COISA, NÉ GALO? *SRN*

(Palmeiras) Marlon Matias

dai porcas já cansaram? Mas já e nem enfrentaram os grandes aindakkkkkk *SAUDAÇÕES SOBERANA*

(Coritiba) Ricardo Oliveira

QUAL A DESCULPA AGORA, COXARADA? *SRN*

Nesses três exemplos que acabamos de ver, os torcedores fazem a saudação que corriqueiramente é feita pela torcida de seus times (Flamengo, São Paulo e Atlético Paranaense, respectivamente) para concluir seus comentários, ao mesmo tempo em que finalizam seus comentários provocativos. O torcedor Urubu Rei escreve na página do Atlético Mineiro a frase claramente debochada "Tá feia a coisa, né galo?" após o time de Minas Gerais empatar com o Criciúma, que é um time considerado "pequeno" na cultura do futebol. Logo em seguida ele escreve a sigla *SRN*, cujo significado é "Saudações Rubros Negras", marcando a sua identificação com o Flamengo, histórico rival do Atlético. Marlon Matias, por sua vez, logo após sugerir que o Palmeiras, time ao qual ele se refere pela expressão "porcas", feminizando,⁴⁹ assim, o símbolo do time paulista, que é o porco, ele escreve "Saudações Soberanas" em maiúscula, se identificando como torcedor do São Paulo, time chamado pela sua torcida de "soberano". Já o torcedor Ricardo Oliveira, ao escrever na página de notícias referentes ao Coritiba logo após seu time, o Atlético Paranaense, vencê-lo por 2 x 0, provoca a torcida do Coritiba, perguntando que "desculpa" a "coxarada" teria para explicar a sua derrota no jogo. Logo em seguida ele marca a sua identificação com o Atlético Paranaense ao escrever a sigla "*SRN*", que também significa "saudações rubro-negras".⁵⁰

⁴⁹ Mais adiante veremos que a feminização do adversário faz parte da retórica da masculinidade no futebol brasileiro.

⁵⁰ Importante notar que a sigla "*SRN*" é também usada pelo torcedor Urubu Rei do Flamengo do Rio de Janeiro. Isso evidencia que uma saudação torcedora não é propriedade de uma única torcida.

Por fim, uma outra forma muito comum de escárnio presente no globoesporte.com está no que aqui chamo de *alcunhas jocosas*, sobre a qual falaremos um pouco mais detalhadamente, por se tratar de uma ação discursiva que mexe com importantes características culturais do futebol brasileiro e por ser utilizada à exaustão pelos torcedores. Trata-se de palavras que visam qualificar alguma coisa que tem relação com o time adversário de forma pejorativa, subvertendo os valores morais que são atribuídos aos clubes de futebol, seus jogadores, seus estádios e suas torcidas. Esses valores morais são, em geral, atribuídos e mantidos por seus próprios torcedores e fazem parte da cultura do futebol brasileiro como um todo, esporte profundamente masculino e heteronormativo. Sendo assim, um torcedor considera que seu clube deve ser valente, jogar "pra cima", buscando sempre a vitória, com "garra", "justiça", sem temor, "honrando a sua camisa" (que é seu maior símbolo) e sua história. O torcedor adversário, por sua vez, cria alcunhas que negam todos esses valores para o clube que é seu adversário.

A despeito de usarmos a palavra "jocosa" para denominar esse descritor, é importante notar que nem sempre o torcedor parece ter a intenção de simplesmente brincar com o adversário, pois, como veremos, muitas dessas alcunhas possuem um teor bastante ofensivo, carregando discriminações de classe, de gênero e de sexualidade. Muitas vezes o que é visto como simples brincadeira entre torcedores de futebol são, de fato, manipulação de valores bastante discriminatórios, expressando verbalmente o desprezo que o torcedor tem com muitas minorias sociais.

É importante notar também que essas alcunhas, em sua maioria, são feitas a partir de nomes de clubes, jogadores, torcidas organizadas e estádios de futebol. Nos nossos dados de pesquisa essas alcunhas foram esmagadoramente feitas a partir dos nomes dos clubes, como no exemplo abaixo:

(Figueirense) Emanuel

"CRICIÚME TAMBEM CONTRATOU SÓ JOGADORES PEREBAS E NÃO VAI A LUGAR NENHUM COM ESTE TIMINHO DE VARZEA FATO"

A partir do nome Criciúma, time catarinense e que leva o nome de sua cidade, o torcedor Emanuel criou a alcunha "Criciúme", fazendo referência à disputa que existe entre torcedores do Figueirense e do Criciúma para definir quem é o maior time do

Estado de Santa Catarina.⁵¹ Muito provavelmente o Emanuel é um torcedor do Figueirense e considera esse time o maior de Santa Catarina, cabendo, para ele, aos torcedores do Criciúma sentir ciúmes...

Algumas vezes algo que se considera uma mancha no passado do time adversário aparece na alcunha jocosa atribuída a ele como no seguinte exemplo:

(Flamengo) Torcedor

Quando eu digo a antizada não gosta, mas é verdade. É PROIBIDO PELO REGULAMENTO DO BRASILEIRÃO MARCAR PÊNALTI PARA O FLAMENGO. Isso está escrito em algum artigo do regulamento. Depois dos pênaltis escandalosos NÃO MARCADOS contra o *fluminenC* e contra o Bahia, hoje foi a vez do Léo Moura ter sido puxado e depois derrubado na área quando ia marcar o primeiro do Flamengo, MAS O JUIZ NÃO ASSINALOU O PÊNALTI. O Flamengo atravessa campeonatos inteiros sem bater um pênalti sequer. Alguém ainda duvida que é proibido?

Nesse exemplo, o torcedor flamenguista usa a queda do Fluminense para a Série C do Campeonato Brasileiro, fato que ocorreu em 1998, como a base para a criação de sua alcunha para esse time, escrevendo o nome desse clube carioca em letras minúsculas substituindo, na última sílaba, o "se" pela letra C em maiúscula. A ideia aqui é apequenar o Fluminense e enfatizar o que é visto por muitos de seus adversários como uma mancha na história desse clube carioca: a queda para uma divisão inferior do campeonato nacional mais importante do Brasil; a saída, portanto, do Fluminense do grupo de times que são considerados a elite do futebol brasileiro; o período, enfim, no qual o Fluminense era um fracasso, o exato e extremo oposto do que se espera de um time de futebol.

Nesse exemplo também podemos perceber que o passado é objeto de constante interpretação e manipulação por parte de um torcedor, sobretudo quando o objetivo é subverter a imagem do time adversário. O exemplo seguinte mostra isso de forma quase teatral e bastante certeira:

(Internacional) Wemerson Souza

"Esquenta não tem time pior...O *Patético mineiro*...KKKKKKKKKKK...Rajajajaja"

⁵¹ Essa disputa aparece muito nos discursos dos torcedores de Figueirense e Criciúma no site estudado nessa pesquisa.

No discurso de Wemerson Souza, torcedor do Cruzeiro de Belo Horizonte, sugere que seu time rival, o Atlético Mineiro, não deve ser levado a sério, pois historicamente o Cruzeiro tem mais títulos nacionais e internacionais do que o Atlético. Daí ele substituir o nome Atlético pelo adjetivo "patético", ao mesmo tempo em que, no final do comentário, ao colocar seus risos ele escreve "Rajajajajajaja" ao invés de "kkkkkkkkkkkkk" ou de "hahahahaha", como é mais comum na internet. O objetivo é bem simples: o "Rajajajajajaja" de Wemerson faz referência à derrota sofrida pelo seu rival para o clube marroquino Raja Casablanca, no campeonato mundial de 2013. Essa derrota foi considerada por muitos uma vergonha, já que o Atlético Mineiro, por ser de um país com "mais tradição" no futebol do que o Marrocos, supostamente deveria fazer jus a isso e vencer com facilidade o time marroquino no campeonato mundial. Qualquer torcedor que acompanha futebol entende essa piada muito rapidamente, sobretudo os atleticanos de Minas...⁵²

No exemplo seguinte, temos uma clara subversão dos valores que um torcedor espera que um time de futebol tenha dentro de campo:

(Bahia) Marcos Borges

JAHIA A SEGUNDA DIVISÃO ESTÁ LHE ESPERANDO!!! O LUGAR QUÊ NÃO DEVERIA TER SAÍDO, TIME PEQUENO, NANICO. TEU LUGAR É A SÉRIE B jahia. VITÓRIA O MAIOR DA BAHIA, MAS CONHECIDO NO BRASIL, MAS ESTRUTURA, MAS RESPEITADO, MAS TRADIÇÃO, PERNAMBUCO É VITÓRIA E SPORT JUNTOS.

Nesse exemplo um torcedor do Vitória ironiza o seu time rival, o Bahia, sugerindo que, ao contrário do que um time de futebol deve ser, um time vencedor, campeão, o seu rival nunca consegue avançar em seus objetivos. Daí ele trocar a letra "b" do nome do clube Bahia pela letra "j", criando a alcunha "Jahia" (Já ia). Para

⁵² Lendo os comentários que torcedores cruzeirenses escrevem em sites da internet dentro e fora do recorte dessa pesquisa, pudemos constatar que é uma argumentação comum entre esses torcedores de que o Cruzeiro é melhor do que o Atlético Mineiro pelo fato daquele ter mais títulos nacionais e internacionais que este. Daí termos inferido a interpretação feita acima da gozação que o torcedor Wemerson Souza fez em relação ao Atlético, chamando esse time pela alcunha jocosa de "Patético mineiro".

Pode-se dizer também, através de uma alcunha jocosa, que o time adversário é um time de "sofredores", como no exemplo a seguir:

(Sport) Fabiano Sport

Uma jornada infeliz e só!! O que eu lamento é que o Eduardo começa a se perder! Renan Oliveira e *Ruimtele*? Complicado! Além disso o Ferron teve uma tarde péssima, pois pelo menos dois gols saíram em cima dele! O Coringa é um bom time, mas não é essa coisa toda! Perdeu em casa para o lanterna Figueira e empatou com o Atletico! Vai brigar por uma Sul-americana no Máximo! Quanto aos corneteiros do *NaCruz*, dizer o que? Um já alcançou um grande feito, que foi empatar 7 seguidas! Agora começam as derrotas! O outro Ainda não disse a que veio!⁵⁴

Fabiano Sport, que já na sua apresentação deixa claro que é um torcedor do Sport de Recife, usa o nome de um dos times rivais, o Santa Cruz, para criar a alcunha "NaCruz", fazendo uma pilhéria muito comum entre torcedores no Brasil: a provocação de que a torcida adversária sofre ao torcer por seu time, que é ruim, que só perde, que só traz desgosto a seus torcedores. Com isso Fabiano sugere de forma bem humorada e sutil que um torcedor do Santa Cruz, time da Série B do Campeonato Brasileiro e que muito recentemente frequentou a Série D desse mesmo campeonato, não pode falar de uma derrota do seu rival, já que seu time só o faz sofrer...

Nesse comentário Fabiano também lança uma alcunha jocosa contra um jogador de seu próprio time, o meio-campista Rithely, que para ele não é um jogador bom o suficiente para jogar no Sport. Daí ele pôr nesse jogador a alcunha de "Ruimtele".

No exemplo seguinte é possível notar como que essas alcunhas pejorativas criadas pelos torcedores podem entrar em um contexto de disputa entre qual é a melhor equipe de uma cidade ou de um Estado, algo que é bastante comum nas interações entre torcedores no Brasil:

(Coritiba) Alberto Pereira

Kkkkkkk... *Verdinhos patéticos*... Chupa coxa!!! Quem manda nessa cidade sou eu... Furacão da Baixada... Dono da maior torcida do estado, do estádio mais moderno do país, sede de copa do mundo, não falido como vocês, não vergonha nacional, não de torcidinha almofadinha, não

⁵⁴ Ao usar a expressão "corneteiros do Santa Cruz", Fabiano se refere aos torcedores do time rival do Sport que fizeram pilhérias sobre esse time após a derrota por 4 x 1 sofrida diante do Corinthians.

ao Coritiba como "coxananicofavela",⁵⁵ com a clara intenção de usar a palavra "favela" de forma pejorativa, além de dizer que o Coritiba é um time "pequeno".

É muito comum que os torcedores construam alcunhas que sugiram que o time adversário é um time de "viados", de "bichas", de "gays". O exemplo a seguir deixará mais claro o que estou colocando:

(Figueirense) Atleta Geo

Emanuel está certo. Guto Ferreira não tem o perfil de série A. Tem o perfil do *FigayrenC*.
Kkkkkkkkkkkkkkkk

Nesse exemplo, o torcedor que se apresenta como Atleta Geo substitui a sílaba "guei" de Figueirense pela palavra inglesa "gay", uma das palavras usadas para denominar homossexuais, além de fazer referência ao fato de esse time catarinense já ter sido rebaixado para a Série C do Campeonato Brasileiro, o que, como vimos, é visto como algo vexatório entre os torcedores. O exemplo a seguir é idêntico a esse:

(Fluminense) Netércio Júnior

FLUZÃO PENTACAMPEÃO! ***** PIADA DO DIA! KKKKKKKK *****
ESQUECERAM DE AVISAR PARA CRUZEIRO, INTERNACIONAL, GREMIO E
FRANGAS (CAM) QUE TEM TIME MUITO MELHORES E NÃO ROUBAM E NEM
FAZEM TAPETÃO ***** PAGUEM AS SERIES B BANDO DE *FLORZINHAS*
*****O BRASIL HOJE TEM NOJO DESSE TIMECO DO
FLORMINENCCCCCCCC *****POR ONDE CONVERSO TODO MUNDO
INDIGNADO COM ESSA PALHA6X1ÇADA QUE FIZERAM NO BR DO ANO PASSADO,
ESSA ENGANÇÃO TODA ***** POR CONTA DESSA BAGUNÇA TODA TEM
GENTE TORCENDO CONTRA O BRASIL NA COPA (NÃO É O MEU CASO) POR
CAUSA DA CORJA: CBF. STJD E CLUBES LADRÕES!⁵⁶

Ao usar a palavra "flor" para substituir a sílaba "Flu" de "Fluminense", o torcedor Netércio Júnior faz a mesma coisa que o torcedor Atleta Geo fez ao se referir ao Figueirense: sugere que o Fluminense é um time de "mulherzinha", um time de "florzinhas", sendo a palavra "flor" aqui usada como um símbolo do feminino e da

⁵⁵ Ver página 51 desta dissertação.

⁵⁶ Netércio faz em seu discurso referência a episódios polêmicos que envolveram o Fluminense nos campeonatos nacionais de 1996, 1999 e 2013, sobre os quais nós falaremos pormenorizadamente mais adiante, quando o discurso desse torcedor será objeto de nova análise sobre outros aspectos dele.

homossexualidade, duas coisas que no imaginário torcedor não faz ou não deve fazer parte da cultura do futebol. Cabe notar também que Netércio se refere ao Atlético Mineiro (CAM - Clube Atlético Mineiro) pela alcunha de "frangas", invertendo a imagem do galo, símbolo desse clube mineiro.⁵⁷ Além disso, mais uma vez é feita uma referência ao fato de o Fluminense já ter sido rebaixado para a Serie C em sua história.

Utilizando mais um exemplo da alcunha usada por um torcedor de um clube rival do Figueirense de Santa Catarina, temos o seguinte comentário:

(Figueirense) Giovanni Ferrari

Última notícia: Chapecoense passa a lanterna para a *fi-gay-rinha*. KKKKKKKKK

Nesse discurso de Giovanni Ferrari, que mais uma vez utiliza a palavra inglesa "gay" para criar uma alcunha de intenção pejorativa para o Figueirense, o diminutivo marcado pelo sufixo "inha" funciona aqui como um elemento que visa piorar a imagem do Figueirense, pois além de este ser um time de "gay" é também um time menor diante dos demais times brasileiros, sendo esse um fator agravante na imagem negativa que Giovanni quer criar sobre seu rival, ação discursiva essa análoga ao que é feito nas alcunhas "figayrenC" e "florminenC".

O mesmo teor homofóbico desse tipo de discurso do torcedor pode ser claramente notado também no exemplo a seguir:

(Sport) Reginaldo Filho

RAPAZ, A ALEGRIA DESSAS *TRICOBÁRBIES* É VER O MAIOR DO NORDESTE TROPEÇAR, MAS AQUI VAI UM RECADINHO: O SPORT ESTÁ NA SÉRIE A, NÃO ESTÁ NA ZONA DE REBAIXAMENTO, TEM UM JOGO A MENOS, E JÁ GANHOU DOIS TÍTULOS ESTE ANO, SÓ PRA LEMBRAR!!!

Ao ler provocações de torcedores rivais em decorrência da derrota que o Sport Clube do Recife sofreu para o Corinthians em Pernambuco pelo placar de 4 x 1, Reginaldo Filho identifica esses torcedores rivais com o time tricolor do Santa Cruz, um

⁵⁷ No hino do Atlético Mineiro vemos os seguintes versos: "Clube Atlético Mineiro/Galo forte vingador". Esses versos sintetizam o ideal de masculinidade que percorre o imaginário do torcedor de futebol: o do macho (no caso, o galo) ativo, forte e "vingador", que, portanto, se impõe e não leva desaforo para casa.

"porco", pelo qual o clube paulista é informalmente conhecido e, trocando a letra "o" pela letra "u", forma a alcunha "porcu", usando a palavra "cu" da linguagem coloquial da língua portuguesa, no mesmo sentido que essa palavra foi usada nos comentários analisados acima, isto é, significando passividade, sugerindo que o Palmeiras é um time frágil, facilmente dominado pelos adversários.⁵⁹

No comentário seguinte, o alvo de uma alcunha jocosa é o time da Chapecoense:

(Chapecoense) Sigmar Rodrigues

É isso aí *chupacuense*..... deixa a lanterna pro *figay*. A ponte Hercílio Luz agradece... kkkkkkkk

Mantendo a lógica dos comentários que usam o termo "cu" como símbolo de submissão e passividade, Sigmar Rodrigues constrói uma alcunha de tom bastante agressivo, substituindo as sílabas "Chape" de Chapecoense pelo verbo conjugado "chupar" ("chupa") e trocando sílaba "co" pelo termo "cu". O ato de "chupar cu" aqui é considerado algo hilário e, no limite, desonroso, associado ao sexo anal, que em geral é praticado por mulheres e por homossexuais, sujeitos que não possuem um lugar de prestígio no imaginário da cultura do futebol brasileiro.

Uma alcunha pode ser lançada também a um estádio, como no exemplo a seguir:

(Santos) Claudio Rodrigues

no *morumbixa*, com chuva até que tinha muita gente, venderam a vila para a fifa.

O torcedor do Santos Claudio Rodrigues comenta o baixo público que o jogo Santos 0 x 0 Flamengo teve na 7ª rodada do Campeonato Brasileiro, que aconteceu no estádio do Morumbi, pertencente ao São Paulo. Um termo pejorativo comumente usado pelos torcedores rivais do São Paulo para se referir a esse clube é "bambi", o qual, originalmente, denomina uma famosa animação da Disney que conta a história de um frágil cervo órfão que vive sozinho numa floresta, mas no contexto dos discursos dos torcedores rivais do tricolor paulista significa "bicha", "gay", "mulherzinha". O que Claudio faz aqui em seu discurso homofóbico é passar essa ideia para o nome do estádio do São Paulo, que no seu comentário vira "morumbixa", isto é, o "estádio de bichas".

⁵⁹ É relevante notar que, na linguagem popular, o termo "cuzão" significa "lerdo", "passivo", "sem atitude", assim como o termo "banana".

E não é porque os torcedores são paulinos são constantemente alvos de pilhérias homofóbicas que eles sejam menos homofóbicos ou não homofóbicos de todo. O exemplo a seguir mostra um discurso de um torcedor do São Paulo:

(São Paulo) Soberano Tricolor

Mais uma vez acontece o natural: o time gigante esmaga o pequenino....*g-a-yuchos*.

Diante da vitória do São Paulo sobre o Grêmio do Rio Grande do Sul, o torcedor que se apresenta como Soberano Tricolor tripudia do rival a partir de sua origem regional, criando uma alcunha sexualmente discriminatória: "g-a-yuchos". Interessante como esse torcedor fez questão de destacar a palavra "gay" separando as letras "g", "a" e "y" para deixar clara a "brincadeira" feita por ele e questionar, no plano do simbólico, a masculinidade dos torcedores do Grêmio e dos homens do Rio Grande do Sul como um todo.

Por fim, um outro aspecto do comentário do Soberano Tricolor é também base para a construção de alcunhas jocosas, sobre o qual nós falamos superficialmente acima: a ideia de que, entre os times de futebol, há os que são maiores, mais tradicionais e mais importantes e os que não têm esse mesmo status. Falando na linguagem do futebol brasileiro, há nesse esporte "times grandes" e "times pequenos". No discurso dos torcedores, a grandeza ou a pequenez de um time aparece constantemente. Quando o torcedor se refere ao seu próprio time ele, em geral, fala que esse time é grande; em contrapartida, quando se refere ao adversário, o time é quase sempre visto como pequeno. Vejamos o exemplo a seguir:

(Internacional) Marco Veloso

Gostaria de saber quando o *MICROINTER* vai perder a VIRGINDADE NOS PONTOS CORRIDOS. 35 anos sem brasileiro já é demais. Aliás, ter MENOS TITULOS NACIONAIS que o *tapeten-c* é VERGONHOSO

Na alcunha que Marco Veloso lança sobre o Internacional de Porto Alegre ele faz alusão ao fato de esse clube nunca ter conquistado um título do Campeonato Brasileiro no novo formato que esse campeonato adquiriu a partir do ano de 2003, a chamada "era dos pontos corridos", na qual todos os times jogam contra todos, se

sagrando campeão quem tiver mais pontos. Essa alusão é feita através de uma metáfora de conteúdo sexual na qual ele, ironicamente, pergunta quando o Inter irá "perder a VIRGINDADE NOS PONTOS CORRIDOS". Além disso ele lembra que esse time já há muito não conquista o campeonato nacional, numa clara tentativa de neutralizar os títulos internacionais recentes que o Internacional conquistou, como as copas Libertadores de 2006 e 2010, o Mundial da FIFA de 2006 e o Copa Sul-americana de 2008. Fazendo uma comparação com o "tapeten-c", isto é, Fluminense do Rio de Janeiro, Marco Veloso argumenta ainda que o Inter tem menos títulos brasileiros que o time carioca, o que, ao que parece, é vergonhoso pelo fato de o Fluminense já ter frequentado a Série C e de supostamente ter se beneficiado por manobras jurídicas e/ou políticas em campeonatos passados, o que o torna um time "menor". Então, esse torcedor justifica jocosamente a alcunha que ele lança sobre o Internacional: "MICROINTER". É interessante notar como ele coloca algumas palavras em maiúscula, deixando clara a intenção de enfatizar as ideias que ele quer lançar com seus discursos.

O exemplo a seguir traz uma alcunha cuja base ideológica se refere às diferenças entre zonas rurais e urbanas:

(Internacional) Everaldo Ramos

ASSISTIR A DERROTA DO *INTERURAL* E SEUS FAROFEIROS,,,,,"" NÃO TEM
PREÇO"""""" PUTZS GRILLA TCHEEEEEEEEEEEEEEEEEEE,,, AI QUE
RAIVAAAAAAAAAAAAAAAAA.

Ao tentar qualificar o Internacional como um time pequeno de forma um tanto quanto teatral, Everaldo Ramos não parte dos títulos que esse time já conquistou ou deixou de conquistar em sua história como fez Marco Veloso, o torcedor do comentário anterior. Ele simplesmente coloca o Inter como um time "rural", tentando atribuir a essa palavra um sentido pejorativo, sendo o positivo ser um time "urbano", um time da capital, e não um time do interior. Talvez esse comentário sugira que haja entre parte dos torcedores de Grêmio e Internacional (partindo do pressuposto que Everaldo seja um torcedor do Grêmio) uma disputa discursiva sobre quem entre esses dois é, de fato, o time da capital, mesmo que as sedes de ambos os times fique em Porto Alegre, a maior cidade e capital do Rio Grande do Sul.

Vimos, portanto, que as alcunhas jocosas são instrumentos discursivos usados pelos torcedores com o fim de "brincar" com a imagem dos clubes rivais, subvertendo essa imagem, questionando-a, ironizando-a, tirando dela todo crédito. Isso pode ser feito de diferentes formas: interpretando algum episódio passado do time adversário, como muitos torcedores rivais do Fluminense do Rio de Janeiro fazem com esse time, acusando-o de ter se favorecido de manobras jurídicas e/ou políticas para se beneficiar em campeonatos nacionais de futebol ("tapeten-c"); ou se baseando em períodos nos quais o despenho do clube rival era muito ruim, resultando em fracassos e rebaixamentos ("Vicetória", "fluminense-C"); ou ainda usando os termos heteronormativos do futebol para pilheriar o time, a torcida ou um jogador adversário ("gaylorados", "Florminen-C", "figayren-c", "tricotárbies", "Neto Baiânus"); ou dizer que o time adversário é um time "menor" ("Microinter"; "Interrural"); que a torcida ou o time adversário não merece respeito ("verdinhos patéticos"; "Patético Mineiro"); ou que o time adversário é inferior por ser "menor" e de classes populares ("coxananicofavela"); pode-se dizer também que o time adversário não aceita derrotas ("botachoro") ou que ele nunca conquista nada a que se propõe conquistar, não chegando, assim, a lugar algum ("Jahia").

b) Embates midiáticos: por que brigam e como brigam os torcedores na internet

A *invasão de território* é o princípio dos conflitos existentes entre os torcedores que comentam no globoesporte.com. Se o torcedor visitante é recebido com cordialidade pelos anfitriões, os invasores são, via de regra, vistos como *persona non grata* na página do site cujo conteúdo não se refere diretamente ao seu time de futebol, pois eles estariam fora de seus lugares no site, que seria as páginas de notícias referentes a seus respectivos times e somente essas páginas. O exemplo abaixo mostra o que aqui está sendo dito:

Diálogo 3

(Flamengo -blog) Antonio Carlos de Carvalho:

26 maio, 2014 as 18:36

Como eu venho vaticinando....

FALTAM 31 JOGOS PRO FLATULENGO IR PRA ONDE JÁ DEVERIA TER IDO EM 2001:

A SÉRIE B!!!

Prezado Tonico:

1. *SE VOCE FOR VASCAIDO* FALTAM 31 JOGOS PARA CONTINUAR NA SEGUNDA DIVISÃO.

2. *SE VOCE FOR TRICOLETE* FALTAM 31 JOGOS PARA VIRAR CAVALO PARAGUAIO E APELAR PRO TAPETÃO!

3. *SE VOCE FOR BOTAFOGUENSE*, SINTO MUITO MAS VC NÃO EXISTE, ARRUME UM TIME PRA TORCER!

4. SE VOCE NÃO FOR NENHUM DOS CITADOS ACIMA, FALTAM 31 SEGUNDOS PARA VC IR TOMAR NO C.....!

AQUI O ESPAÇO É DO MENGÃO, PELA-SACO!

Na resposta que o blogueiro Arthur Muhleberg, que dirige o blog do Flamengo no globoesporte.com, dá ao torcedor Antônio Carlos, que entra no blog do Flamengo provocando a torcida desse time ao chamá-lo de "Flatulengo", fica, mais uma vez, evidente a lógica territorial que estrutura a participação dos torcedores nesse site, pois escrevendo em letras maiúsculas, o que muitas vezes corresponde aos gritos das interações face a face, ele primeiro identifica cada rival histórico do Flamengo no Rio de Janeiro (Vasco, Fluminense e Botafogo) usando alcunhas jocosas para dois desses rivais ("Vascaído" e "Tricolete"), para o caso de Antônio Carlos ser torcedor de algum desses times; lança um comentário mordaz para cada uma dessas equipes, sugerindo que nenhuma delas tem "moral" diante do time do Flamengo (Vasco está na segunda divisão, portanto não tem moral diante do Flamengo; Fluminense altera resultados de jogos de futebol por via jurídica ou política, portanto não tem moral diante do Flamengo; Botafogo conquista poucos títulos, "não existe", portanto não tem moral diante do Flamengo); para o caso de Antônio não ser torcedor de nenhuma dessas equipes, Arthur usa o recurso da ofensa máxima da cultura masculina brasileira, o "vai tomar no c...", isto é, a colocação do outro na posição de passivo sexual, lugar de desonra dentro dessa cultura, para logo em seguida dizer que aquela página não era o seu lugar, por ser o espaço do Flamengo ("AQUI O ESPAÇO É DO MENGÃO, PELA SACO").

Esse exemplo que acabamos de ver é de suma importância para essa pesquisa, pois ele mostra com clareza o fato de os conflitos entre os torcedores do site globoesporte.com se desenrolarem muito em função da defesa da moral de um time de futebol. Isso ocorre porque o torcedor que invade a página de um time adversário (no exemplo citado, o blog do Flamengo) o faz, como já foi dito acima, sobretudo na parte que trata das *alcunhas jocosas*, para escarnecer desse time, mexendo com a moral dele, provocando, assim, a sua torcida. O que denominamos aqui por moral são as hierarquizações que feitas pelos torcedores entre os diferentes times que compõem o futebol brasileiro. O sentido dessa noção de moral pode ser apreendido pelos discursos dos torcedores na internet e fora dela. Diz-se, mais implícita do que explicitamente, no futebol brasileiro que um time "tem moral" quando ele já conquistou muitos títulos, isto é, quando ele já foi campeão de muitos campeonatos; se ele conquistou muitos títulos, ele tem "história", um outro fator importante para a construção da moral de um clube de futebol no Brasil; quando ele atravessa uma "boa fase", isto é, quando ele está ganhando muitos campeonatos ou disputando-os sempre com reais chances de ser campeão; quando um time tem uma boa estrutura material e financeira; ou quando um time não tem nenhuma "mácula" em sua história, como ter conquistado campeonatos em cima de erros de arbitragem ou ter conquistado por vias jurídicas e/ou políticas algum resultado favorável a si dentro das quatro linhas. Os exemplos abaixo esclarecerão melhor esse ponto de nossa argumentação:

Diálogo 4

(São Paulo) Leonardo Xavier

Esse time aí que *tomou 5 gols* é?

(São Paulo) Jaquisson Cruz

Esse time aqui é o 6-3-3 é?

(São Paulo) Leonardo Xavier

Jaquisson Cruz - Tá, mas e as Goleadas? Foi 5 mesmo?

(São Paulo) Jaquisson Cruz

Ganha um 6-3-3, daí talvez vc *terá a moral* de zoar o SP, abraço!

Diálogo 5

(Internacional) Bruno Ziero

Essas cruzeirenses tão muito assanhadas pro meu gosto, só foi ganhar um campeonato que acham que eh o melhor do mundo... Libertadores iam ser facilmente campeoes, cade? O brasileiro eh um campeonato muito disputado, ganharam hj do inter no RS mas amanha perde em casa pro figueirense. E só pra terminar: *Cadê o mundial?* kkkkkkkkkkk não tem hoje, não vai ter amanha, e não terá nunca!!

(Internacional) Marco Veloso

E O BRASILEIRO DO INTER VAI SAI QUANDO MESMO? *QUANDO VAO PERDER A VIRGINDADE NOS PONTOS CORRIDOS?? 35 ANOS??*

(Internacional) Bruno Ziero

Não adianta querer discutir com o campeão de tudo, se acham do nivel do inter mas não possuem titulos como mundial e sul americana... *Sejam campeões do Brasil invictos e depois venham conversar.* Além disso, vale lembrar o titulo roubado discaradamente do inter em 2005. Realmente deve ser muito ruim discutir com torcedor colorado...

Diálogo 6

(Atlético Paranaense) Luiz Freitas

tem atlético no paraná????

(Atlético Paranaense) Elcio Carneiro

e tem sim e retardado como vc tambem.

No diálogo 4 o torcedor Leonardo Xavier escreve na página do site destinada a notícias do São Paulo uma provocação ao fazer referência a uma derrota pelo placar de 5 x 2 que o time paulista sofreu diante do Fluminense na 6ª rodada do Campeonato Brasileiro, ou seja, na rodada anterior a que está sendo analisada nessa pesquisa. Como derrotas por goleadas são vistas como algo humilhante no futebol, Leonardo resgata esse episódio recente ocorrido com o time do São Paulo para desmoralizar esse time diante de seus torcedores no site. A resposta do torcedor são-paulino Jaquisson Cruz não tarda a aparecer: ao responder com a pergunta irônica "Esse time aqui é o 6-3-3 é?" ele resgata os campeonatos mais importantes que seu time já conquistou em sua

história, isto é, o seis títulos de campeonatos nacionais, os três títulos da Copa Libertadores da América e os três títulos intercontinentais, popularmente conhecidos no Brasil como "campeonatos mundiais".⁶⁰ Ou seja, diante da provocação desmoralizante que Leonardo tenta impor ao clube São Paulo, Jaquisson resgata o "passado de glórias" desse clube, defendendo seu time diante de um ataque rival. Com a insistência de Leonardo em lembrar a goleada sofrida pelo São Paulo na rodada anterior, Jaquisson finaliza a discussão, dizendo que Leonardo deveria primeiro ganhar um "6-3-3" para só assim "ter moral de zoar" o São Paulo. Jaquisson sugere com esse discurso que um torcedor rival só poderá escarnecer de um torcedor são-paulino se o clube pelo qual ele torce for tão ou mais vencedor que o São Paulo, ou, nos termos da cultura do futebol, "ter tanta moral" quanto o São Paulo tem. Imprescindível notar com esse discurso que a palavra moral aqui é tanto categoria de análise dessa pesquisa, quanto um termo usado no embate entre torcedores de futebol.

Lógica parecida é evidenciada no diálogo 5 entre Brunno Zieiro e Marco Veloso. Brunno, torcedor do Internacional de Porto Alegre, tenta neutralizar a vitória do Cruzeiro sobre o Inter por 3 x 1 no Rio Grande do Sul dizendo que essa vitória não queria dizer que o time mineiro seria campeão do Campeonato Brasileiro e que, além disso, o Cruzeiro não tem "mundial", isto é, que o time de Minas Gerais nunca conquistou o torneio intercontinental vencido pelo Inter em 2006. Ao responder a essa provocação, Marco, torcedor cruzeirense, tenta relativizar a moral do Internacional trazendo para a discussão o fato de o time gaúcho não conquistar há muitos anos o Campeonato Brasileiro, tendo sido em 1979 a última conquista do Inter nessa competição. A essa colocação ele acrescenta o fato, ao qual ele aparenta dar muita importância, de o Inter não ter sido campeão brasileiro desde que esse campeonato passou a ser disputado no formato de pontos corridos, o que passou a ocorrer a partir de 2003. A isso Brunno responde aludindo a uma série de feitos que o Internacional realizou em sua história, dentre os quais ter sido supostamente "campeão de tudo", título que a diretoria do time gaúcho passou a reivindicar após a conquista da Copa Sul-americana em 2008, dizendo que o Inter conquistou todos os títulos possíveis a serem

⁶⁰ Historicamente o que é chamado pelos torcedores brasileiros de "campeonato mundial" ou somente de "mundial" são os confrontos que por muitos anos ocorreram entre o melhor time da Europa e o melhor time da América do Sul numa temporada. Durante muitos anos esse torneio era resumido a somente um jogo entre o campeão europeu e o campeão sul-americano e não era organizado pela FIFA, a Federação Internacional de Futebol. Atualmente esse torneio reúne também times da África, Américas Central e do Norte, Oceania e Ásia e é organizado pela FIFA. O "campeonato mundial" é muito valorizado pelos torcedores brasileiros.

conquistado por um time brasileiro; e ter sido campeão nacional sem ter perdido um jogo sequer, fato ocorrido justamente em 1979, o último título brasileiro conquistado pelo Internacional. A lógica da argumentação de Brunno é a mesma que é usada pelo torcedor do São Paulo Jaquisson: enquanto o Cruzeiro não estiver a altura do Inter, com a mesma "moral" que o time gaúcho tem, um cruzeirense jamais poderá discutir com um torcedor colorado. Ele não usa explicitamente a palavra "moral" em seu discurso, mas o sentido que esse termo ganha nas palavras dos torcedores brasileiros está presente em sua argumentação.

No diálogo 6 o torcedor Luiz Freitas ao perguntar de forma bastante irônica se existe "atlético no paraná" ele quer, de fato, fazer uma provocação aos torcedores do Atlético Paranaense sugerindo que esse time é tão insignificante para o futebol nacional que sequer se pode notar a sua existência. Há também aqui uma referência implícita ao outro atlético do Campeonato Brasileiro de 2014, o Atlético Mineiro, que é posto, nas entrelinhas do discurso de Luiz, como um atlético grande, visível, imponente, o contrário do que seria o Atlético do Paraná. A resposta do torcedor Elcio Carneiro não poupa agressividade diante da gozação que Luiz faz com seu time: ele afirma que no Paraná tem atlético e tem "retardados" como Luiz também. A resposta de Elcio é emblemática do que muitos torcedores fazem ao responder comentários jocosos sobre seus times: a pilhéria é respondida com discursos de tom violento.

Via de regra, todos os times brasileiros são, ao mesmo tempo, "morais" e "imorais", pois para uma torcida seu time tem história, tem ídolos, tem títulos, tem conquistas louváveis e irretocáveis, enquanto o time adversário sempre ou quase sempre ganha "roubado" (diz-se que um time ganhou "roubado" quando sua vitória ocorreu em decorrência de erros de arbitragem, que para os torcedores adversários sempre está "comprada" pelo time rival), não vence dentro de campo "como um homem deve fazer", mas somente fora dele, não tem títulos suficientes e tampouco uma história comparável a sua. Quando um torcedor vê que a moral de seu time foi atacada por um torcedor adversário, ele costuma reagir no sentido de defender seu time ou de questionar a moral do time do invasor, de sua torcida ou do próprio invasor que está adentrando no espaço virtual alheio. Para isso ele manipula fatos ocorridos na história do clube pelo qual ele torce ou na história do clube do torcedor com quem ele está discutindo naquele momento a seu bel prazer, enaltecendo seu time ante às provocações de um rival na mesma medida em que ele tenta desmoralizar o time rival. Jaquisson e Brunno praticam em seus discursos essa espécie de "memória seletiva", construindo a imagem de seus

próprios times como sendo entidades futebolísticas muito maiores do que quaisquer outras.

Segue abaixo um outro bom exemplo desse tipo de conflito, que é muito frequente entre torcedores do site globoesporte.com. Nele retomaremos o discurso feito pelo torcedor que se identifica pelo nome de Netércio Júnior na página do Fluminense, o qual já reproduzimos acima nessa dissertação. Daremos, porém, um novo olhar a esse discurso:

Diálogo 7

(Fluminense) Netércio Júnior

FLUZÃO PENTACAMPEÃO! ***** PIADA DO DIA! KKKKKKKK
***** ESQUECERAM DE AVISAR PARA CRUZEIRO, INTERNACIONAL,
GREMIO E FRANGAS (CAM) *QUE TEM TIME MUITO MELHORES E NÃO
ROUBAM E NEM FAZEM TAPETÃO ***** PAGUEM AS SERIES B BANDO DE
FLORZINHAS ******O BRASIL HOJE TEM NOJO DESSE TIMECO DO
FLORMINENCCCCCCCC *****POR ONDE CONVERSO TODO MUNDO
INDIGNADO COM ESSA PALHA6X1ÇADA QUE FIZERAM NO BR DO ANO
PASSADO, ESSA ENGANAÇÃO TODA ***** POR CONTA DESSA BAGUNÇA
TODA TEM GENTE TORCENDO CONTRA O BRASIL NA COPA (NÃO É O MEU
CASO) POR CAUSA DA CORJA: CBF. STJD E CLUBES LADRÕES!

O discurso desse torcedor começa por ironizar as pretensões do Fluminense em conquistar o quinto título nacional de sua história, pois Netércio afirma haver times melhores do que a equipe carioca na disputa desse campeonato. Logo em seguida ele faz uma série de colocações que visam desmoralizar o Fluminense, usando episódios ocorridos no passado (inclusive num passado recente) para classificar o clube carioca como uma instituição desonesta. Para entendermos melhor as colocações que Netércio faz em seu discurso, precisaremos fazer uma rápida digressão com o objetivo de explicar em que consiste a suposta falta de moral do Fluminense no olhar desse torcedor.

Acontece que em 1996 e 1999 o Fluminense esteve envolvido no que se costuma chamar no futebol brasileiro de "virada de mesa". Para falarmos de forma sucinta, a "virada de mesa" é a alteração de partes dos resultados de um campeonato de futebol

por ações extracampo, em geral por articulações políticas entre os dirigentes de clubes de futebol. Em 1996 o Fluminense foi rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro devido ao péssimo desempenho que o time carioca obteve nessa edição do campeonato. Mas mesmo assim o Fluminense disputou a primeira divisão desse campeonato em 1997, se valendo sobretudo da sua força política dentro das relações entre dirigentes de clubes de futebol na CBF. Apesar disso, o Fluminense voltou a ser rebaixado em 1997 e em 1998, tendo disputado a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, foi novamente rebaixado, dessa vez para a terceira divisão do Campeonato Brasileiro, na época a divisão do campeonato que reunia os piores times do Brasil. O Fluminense disputou a terceira divisão em 1999, tendo se sagrado a equipe campeã dessa competição. Na ordem natural das coisas a equipe tricolor deveria ter disputado a segunda divisão da edição do ano 2000 do campeonato nacional. Porém nesse ano a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) estava envolvida em questões jurídicas que a impediu de organizar o campeonato brasileiro de futebol. Com isso, o chamado Clube dos 13, uma instituição que reúne os dirigentes dos times politicamente mais fortes do futebol brasileiro, organizou um campeonato, a Copa João Havelange, que correspondia a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2000. O Fluminense participou dessa copa como time convidado, tendo, assim, retornado a primeira divisão do futebol nacional sem nunca ter sido campeão da segunda divisão.

Mais recentemente, o Fluminense foi novamente rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro na edição de 2013. No entanto esse resultado foi novamente alterado a favor do time carioca, dessa vez pela via jurídica. Ocorreu que a Portuguesa, uma equipe de futebol de São Paulo, escalou de forma irregular um de seus jogadores na última rodada desse campeonato, penalidade que, de acordo com as regras do campeonato, deveria ser punida com a perda de três pontos pelo time infrator. Na forma como as circunstâncias do torneio estavam configuradas então, caso a Portuguesa fosse julgada e punida, ela seria rebaixada e o Fluminense permaneceria na primeira divisão do campeonato nacional. Com a intervenção dos advogados do Fluminense, a Portuguesa foi, de fato, punida pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) e o Fluminense disputou a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2014.⁶¹

⁶¹ Sobre as viradas de mesa de 1996 e 1999, ver o artigo do jornalista Leonardo Bertozzi no link http://espn.uol.com.br/post/164409_chega-de-hipocrisia-viradas-de-mesa-foram-apoiadas-por-todos-os-grandes-clubes-brasileiros e o livro do historiador Marcos Guterman *O futebol explica o Brasil* (2009). sobre o ocorrido de 2013, ver o artigo dos jornalistas Richard Souza e Vicente Seda no link

Esses episódios são constantemente usados por torcedores de times adversários do Fluminense em embates com torcedores desse time, com o objetivo de construir a imagem do clube tricolor carioca como uma instituição corrupta, que conquista vitórias fora de campo, "no tapetão". Entendemos assim o motivo e a força da alcunha de "TAPETEN-C" (que vimos acima) pela qual esses torcedores se referem ao time tricolor. O discurso de Netércio exemplifica de forma clara as argumentações que recorrentemente são usadas pelos torcedores para desacreditarem o Fluminense, sobretudo quando Netércio usa a expressão "pague a Série B", se referindo à participação do Fluminense na Copa João Havelange e a ascensão desse time à primeira divisão do campeonato nacional no ano 2000 sem ter disputado a segunda divisão. Daí ele construir o seu discurso sempre no sentido de dizer que o Fluminense é um time sem "moral". Nesse caso, um time com moral seria um time que vence e perde em campo, nunca fora dele, mesmo que essa vitória extracampo seja legítima, como foi o caso do episódio envolvendo a Portuguesa citado no parágrafo anterior. Seria, então, o contrário do que o Fluminense supostamente é.

É importante notarmos ainda que nos "tapetões" nos quais o Fluminense esteve de alguma forma envolvido houve também a participação de dirigentes de outros times de futebol, além de outros clubes já terem sido beneficiados por esses e por outros "tapetões" no futebol brasileiro. Contudo o olhar do torcedor adversário está sempre focado em enfatizar o envolvimento do Fluminense nesses episódios ao mesmo tempo em que se ignora a contribuição que dirigentes de outros times deram nesse processo, assim como o fato de outras equipes também terem sido beneficiadas nesses mesmos episódios.

O comentário de Netércio gerou um embate relativamente longo entre ele e alguns torcedores do Fluminense, o qual reproduziremos aqui parcialmente para em seguida analisarmos:⁶²

(Fluminense) São Castilho

Netércio....kkkkk....sacanagem do *amante da sua mãe* colocar este nome.*****SDS TETR4*****

<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/12/portuguesa-perde-quatro-pontos-e-rebaixada-e-fluminense-se-salva.html>.

⁶² BRAGA (2008) chama de *thread* a corrente de comentários que um determinado comentário gera na internet.

(Fluminense) Darwin Figueira

KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK

(Fluminense) Netércio Júnior

Sérgio Pires KKKKKKKKKKKK CHUPA FLOR. PAGUE A SEGUNDA DIVISÃO ANTES QUE A FALÊNCIA VENHA!!!! KKKKK

(Fluminense) Reginaldo Souza

Darwin Figueira OUTRO INOCENTE que *parece hiena..ri de tudo.....*

(Fluminense) Reginaldo Souza

Netércio Júnior o Fluminense não deve nada, está é esperando o trôco, heheheheh!!!

(Fluminense) Lucas Correia

segunda divisãoooooooooooooooooooo

Essa série de discursos desencadeada pelo comentário inicial de Netércio exemplifica como os conflitos entre torcedores costumam se desenvolver no site globoesporte.com. Ao mexer com a moral do Fluminense, alguns torcedores reagiram atacando Netércio de diferentes formas: comentários de conteúdo machista ("sacanagem do amante da sua mãe colocar este nome"), classista ("deve ser do FRAMENGO esse timeco") e pessoal ("Um cara com esse nome tem realmente que ser revoltado"). A esses comentários Netércio lança, sempre com letras maiúsculas, para deixar clara a sua proposta de provocação, outros comentários repetindo sentenças ditas no seu comentário principal, às quais ele acrescenta xingamentos homofóbicos ("PAGUE A SÉRIE B, FLORZINHA!!!!!!"). O único torcedor que foge dessa lógica difamatória e/ou irônica dos discursos vistos acima é Fidelis Júnior, que tenta defender o Fluminense trazendo para a discussão fatos ignorados por Netércio (provavelmente de forma proposital) sobre as rodadas finais do Campeonato Brasileiro de 2013. Lucas Correia é o único torcedor que faz coro com Netércio, endossando a provocação feita pelo primeiro ao fazer mais uma menção enfática ao fato de o Fluminense não ter conquistado o acesso à primeira divisão do campeonato nacional pela disputa da segunda divisão ("segunda divisãoooooooooooooooooooo"). Vale notar, por fim, que não foi somente Netércio que recebeu respostas de tom agressivo por parte de outros

participantes do site. O torcedor Darwin Figueira ao fazer um comentário bastante ambíguo para o contexto da conversa ("KKKKKKKKKKKKKKKKKKKK") é chamado de "hiena" pelo torcedor Reginaldo Souza, quem parece criticar a posição ambígua que Darwin ocupou na conversa.

Numa comparação com os diálogos 4 e 5 que foram analisados anteriormente, é relevante percebermos que, enquanto nesses exemplos o embate entre os torcedores fica mediado pelo embate simbólico entre os times ("quem é mais campeão", "quem tem mais moral"), as respostas direcionadas a Netércio possuem um teor mais pessoal, ora ironizando seu nome, ora ofendendo-o através da imagem de sua mãe. O mesmo ocorre com Darwin Figueira.

Um outro fator importante gerador de conflitos entre os torcedores que frequentam o globoesporte.com são as discussões sobre as qualidades técnicas (ou a falta delas) de um determinado jogador. Um alvo de muitas críticas na 7ª rodada do campeonato nacional foi o atacante argentino Barcos do Grêmio de Porto Alegre. Na partida contra o São Paulo ocorrida nessa rodada, Barcos perdeu algumas "chances claras" de gol, o que significa dizer que ele não concretizou uma chance real de marcar um gol para o seu time. Isso foi o objeto de muitas reclamações e intensos embates entre torcedores gremistas no site, os quais se dividiram entre quem criticava o jogador argentino e quem o defendia das críticas.

Diálogo 8

(Grêmio) Magnus Petry

o quanto estamos mergulhados na cultura utilitarista e do descartável? a nossa vida profissional tbm não feita só de sucesso.São poucos aqueles que elogiam e reconhecem os valores do jogador Barcos. Um líder nato, importante para a união e motivação da equipe, batalhador, ninguém vê ele esperando a bola na área, ele corre, ele ajuda em todos os setores do campo...Enfim,*mesmo em algo tão simples como torcer para um time devemos ser humanos e apoiar mais os nossos jogadores.*

(Grêmio) Michael

Paciência tem limite!!! o cara não para de errar gol!! concordo que o cara é um lider no grupo,.. mas a questão é que ele não faz o papel dele como centro avante... ele precisa fazer gol!!!!

(Grêmio) Luciana Santos

tu ta de palhaçada, né???

(Grêmio) Giovani Silva

E o melhor do gremio, ainda reclamam? que centroavante no brasil ja fez 17 gols esse ano? da para contar nos dedos.....

(Grêmio) Opinião Sincera.

700.000 por mês para fazer gols em times pequenos.....também quero !!.

(Grêmio) Fabiano Colla

Não quero um líder em campo, quero um goleador pq foi para isso q esse câncer foi contratado, já o Moreno é artilheiro do campeonato, é do Grêmio e foi mandado embora sem maiores explicações pra dar lugar pra um cara mais caro e totalmente incompetente. E ainda tem torcedor que apóia esse tipo de jogador. Vai dormir seu Zé Ruela.

(Grêmio) Fabiano Colla

Giovani Silva só pra lembrar *pra ti q parece ser mais uma das viúvas desse morto do Barcos...12 gols foram no charmoso gauchão, UM na Libertadores e 2 na super Chapecoense. Agora se tu gosta do Barcos, paciência, tem gosto pra tudo mesmo.*

(Grêmio) Antonio Foscarini

Fabiano Colla *VAI TE CATAR PRA VC OJONAS TAMBEM ERA RUIM EM QUANTO ESTAVA NO GREMIO DEPOIS QUE SAIU POR CULPA DA TORCIDA ELE FICOU BOM VAI ACONTECER A MESMA COISA COM BARCOS. OK*

Antes de procedermos a nossa análise, precisamos ter em mente que os comentários feitos pelos torcedores na página de notícias do Grêmio e que foram coletados para a realização dessa pesquisa foram profundamente influenciados pelo artigo que foi escrito e que deu margem a esses comentários, cujo assunto era as duas chances supostamente claras de gols desperdiçadas pelo atacante Barcos e as reações que isso estava gerando nas redes sociais da internet.⁶⁴ Percebemos no diálogo acima

⁶⁴ O título do artigo que gerou os comentários acima foi "Cornetas invadem web, e gremistas pedem #foraBarcos após gol perdido". Esse artigo está disponível no link: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/05/cornetas-invadem-web-e-gremistas-pedem-forabarcos-apos-gol-perdido.html>.

que o conflito entre esses torcedores gremistas se desenrola a partir da defesa que o torcedor Magnus Petry faz do atacante Barcos, que começa por questionar a "cultura utilitarista e do descartável" na qual, segundo ele, estamos mergulhados, além de colocar Barcos como um trabalhador como outro qualquer ("a nossa vida profissional tbm não feita só de sucesso"), defender as qualidades que ele enxerga nesse jogador ("Um líder nato"; "batalhador") para, por fim, defender que, como torcida, os gremistas deveriam dar mais apoio a seus jogadores. Esse comentário gera uma série de outros comentários entre torcedores que concordam com Magnus e os que dele discordam. Para Luciana Santos parece inconcebível que alguém possa defender um jogador que não conclui com êxito oportunidades claras de gols, fato esse que gera uma indignação na torcedora, o que fica explícito em sua resposta "tu tá de palhaçada, né???", que significa, por sua vez, que um comentário que visa defender um jogador ineficiente não pode ser levado a sério. O torcedor que se intitula pelo nome de Opinião Sincera coloca em seu discurso a suposta quantia que Barcos recebe por mês para jogar no Grêmio, dizendo, em seguida, que ela é alta demais para ele "só fazer gols em times pequenos". O torcedor Fabiano Colla é ainda mais agressivo em seu comentário ao afirmar não querer um líder em campo, mas um "goleador", pois foi com esse objetivo que o "câncer" Barcos foi contratado. Assim como Luciana, Fabiano parece não compreender como um torcedor gremista poderia apoiar Barcos nessas condições, concluindo com um "Vai dormir seu Zé Ruela" a sua resposta ao comentário de Magnus.

Interessante notar que no segundo comentário feito pelo torcedor Fabiano, dessa vez numa resposta ao comentário do torcedor Giovani Silva, ele, após sugerir de forma debochada que Giovani seria "mais uma das viúvas desse morto do Barcos", pondera o discurso de Giovani ao dizer, com bastante ironia, que doze dos dezessete gols de Barcos foram feitos "no charmoso gauchão", "UM" (em maiúscula) na Taça Libertadores da América e dois na "super Chapecoense". Estamos aqui diante da hierarquização muito comumente feita pelos torcedores dos times do futebol brasileiro e da qual falamos acima. O "charmoso gauchão" ao qual Fabiano se refere em seu comentário se trata do campeonato estadual de futebol do Rio Grande do Sul. Os campeonatos estaduais no Brasil são compostos por uma maioria de times com baixos recursos financeiros, sendo, por isso, considerados times "pequenos" por muitos torcedores e jornalistas, muito embora alguns desses clubes, como o América do Rio de

Janeiro e o Brasil de Pelotas do Rio Grande do Sul, sejam muito tradicionais. Essa é a mesma lógica usada por ele ao se referir de forma irônica a Chapecoense, um clube do futebol catarinense que não tem nem muitos recursos financeiros e nem é considerado tradicional no futebol nacional. Por conseguinte Fabiano considera os gols que Barcos marcou no campeonato gaúcho e na Chapecoense menos importantes dos gols que ele poderia marcar em clubes "grandes" do Campeonato Brasileiro ou na Libertadores da América. Portanto, de nada vale para ele os dezessete gols que Giovani usa em seu discurso para defender a imagem do atacante Barcos se a maioria desses gols não foi marcado contra "times grandes". Por fim, esse comentário de Fabiano gera a resposta, quase toda ela em letras maiúsculas, do torcedor Antônio Forascarini, a qual finaliza esse embate dizendo para Fabiano "te catar". Antônio se alinha ao discurso de Magno e Giovani ao lembrar do jogador Jonas quem, segundo ele, foi demitido do Grêmio "por culpa da torcida", que o acusava de ser um mal jogador, mas que quando foi jogar em um outro clube "ficou bom", sugerindo, com isso, que o caso do atacante Barcos é semelhante ao caso de Jonas, podendo acontecer com aquele o que supostamente ocorreu com este, e que Barcos deveria receber o apoio da torcida ao invés de cobranças.

Esse diálogo o qual acabamos de analisar mostra um importante aspecto da cultura do torcedor no Brasil: a disputa pela definição do que é ser torcedor. No geral, os torcedores brasileiros são fieis ao clube, isto é, às entidades metafísicas as quais damos o nome de Vasco, Flamengo, Grêmio, São Paulo, Santa Cruz, Sport etc. mas não ao time, ou seja, aos jogadores que vestem os uniformes e jogam futebol para representar essas entidades metafísicas em competições dos mais variados tipos.⁶⁵ Por isso, um jogador se torna importante para uma torcida na mesma medida em que ele contribui para os sucessos do clube. A partir do momento em que essa contribuição não for mais regular, é muito comum que ele se torne alvo de fortes críticas por parte da torcida do clube cuja camisa ele veste.

Isso muitas vezes cria uma disputa entre torcedores acerca do que é torcer por um time. No Rio de Janeiro, por exemplo, houve por volta dos anos de 2006 e 2007 a formação de grupos de torcedores que se propunham a frequentar os estádios para apoiar seus times de forma incondicional, entoando a todo o tempo da partida cânticos

⁶⁵ A palavra "time" é usada pelos torcedores ora no sentido de clube, ora no sentido de equipe. Na escrita dessa dissertação, por motivos de estética textual, estamos usando tanto o termo "clube" quanto o termo "time" para nos referirmos aos clubes de futebol pelos quais as pessoas torcem.

de louvor ao clube do coração, aos moldes do que é feito por torcidas organizadas na Argentina, as chamadas "barras-bravas".⁶⁶ As torcidas "Guerreiros do Almirante", do Vasco, "Loucos pelo Botafogo", do Botafogo, "Urubuzada", do Flamengo e "Legião Tricolor", do Fluminense foram frutos dessa proposta de torcer inspirada em barras-bravas argentinas como a "La 12", do Boca Juniors e a "Los Borachos del Tablon", do River Plate. Esse processo de "argentinização" das torcidas cariocas surgiu muito em função da oposição que esses torcedores passaram a fazer às tradicionais torcidas organizadas da cidade do Rio de Janeiro, instituições cujos integrantes costumam vaia o time ou um determinado jogador do time dependendo das circunstâncias da partida ou do campeonato que está sendo disputado.⁶⁷

Além do exemplo analisado no diálogo 7, essa disputa sobre a definição do torcer gera outros embates, como o que podemos ver no exemplo seguinte:

Diálogo 9

(Flamengo) Deni Lima

SERÁ QUE NÃO TEM NENHUM HOMEM-BOMBA (TERRORISTA DO ISLÃ) DISPONÍVEL PARA EXPLODIR A GÁVEA COM TODA DIRETORIA DENTRO DO CLUBE? EU VENDO A MINHA ALMA PARA O INFERNO E PAGO E ESSE GENEROSO CIDADÃO

(Flamengo) Gil Ramos

QUER UM FLAMENGO FORTE??? SEJA SÓCIO E PARE DE RECLAMAR.

(Flamengo) Mitchell Vieira

o modinha, para de reclamar.....vai se matar então!

⁶⁶ Alguns desses torcedores interpretam seus grupos como uma tentativa de resgate de uma torcida "mais vibrante", que, segundo eles, não existia mais nos estádios do Rio de Janeiro no momento em que eles surgiram. Redes sociais da internet como o extinto Orkut e o Facebook foram importantes para a formação dessas torcidas, como se pode ler no texto escrito por um membro da Legião Tricolor no seguinte link: <http://www.flumania.com.br/legiaotricolor.htm>.

⁶⁷ O historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda fala em sua tese de doutorado "O clube como vontade e representação" que o surgimento da Torcida Jovem do Flamengo ocorreu muito em função da reivindicação do direito a vaia e aos xingamentos que os jovens flamenguistas frequentadores do Maracanã faziam diante dos torcedores mais velhos da Charanga no final da década de 1960. Os charangueiros defendiam a ideia de que o papel da torcida deveria ser o de apoio ao time, não de vaias e protestos. Percebe-se, com isso, que as disputas na definição do que é torcer datam de algumas décadas atrás, pelo menos no Rio de Janeiro.

Diante da colocação propositalmente hiperbólica de Deni Lima, que traduz seu descontentamento com a difícil situação que o time do Flamengo enfrentava na 7ª rodada do Campeonato Brasileiro escrevendo, em maiúscula, seu desejo de que um "terrorista do islã" explodisse a sede do clube rubro-negro "com toda diretoria dentro", o torcedor Gil Ramos estabelece, num discurso também em letras maiúsculas, a responsabilidade da torcida para construir "um Flamengo forte", o que para ele se faz se associando ao clube e parando de reclamar. Mitchell Vieira, com um discurso agressivo e debochado, acusa Deni de ser "modinha", isto é, de ser um torcedor que só apoia o time quando este está bem, abandonando-o em momentos de maus resultados. Enquanto Gil estabelece a agência individual como o critério de definição da prática torcedora, Mitchell deixa implícito no seu comentário de que o torcedor de verdade é aquele que apoia o time em quaisquer circunstâncias, caso contrário ele é "modinha", isto é, faz parte do tipo de torcedor que torce somente quando o time "está bem" e reclama quando o time "está mal".

Quando a essa disputa entre o que é ou não ser torcedor se soma à lógica territorial que permeia o site globoesporte.com e sobre a qual já falamos acima, cria-se uma situação um tanto quanto tensa, na qual alguns torcedores passam a desconfiar da existência de torcedores rivais "disfarçados" de torcedores do time da página ou do blog que está sendo comentado, como mostra o seguinte exemplo:

Diálogo 10

(Cruzeiro - blog) 1 André Ávila:

25 maio, 2014 as 23:26

FIM DE PARTIDA!!

Isso que é jogar com inteligência!!

Aposto que todo mundo enlouqueceu quando o Marcelo Oliveira colocou o Tinga no jogo.

RETRANCA faz partida de ESTRATÉGIA, porra!

Quanto ao Marcelo Moreno, que boliviano miserável esse.

Tá me fazendo queimar a língua a cada partida!

O Willian fuzilou o GRANDIOSO DIDA à queima-roupa com frieza!!!

Parabéns a todos do Cruzeiro!!!!!!!!

QUE JOGO MAGNÍFICO QUE FIZEMOS!!!!!!!!

RUMO AO TÍTULO!!!!!!!! RUMO AO TETRA!!!!!!!!

JUNTOS SEREMOS INVENCÍVEIS!!!!!!!!

Que venha todo mundo, pois TRUCIDAREMOS DE NOVO ESTE ANO!!!!!!!!

Sempre estaremos para proteger a tradição do Cruzeiro de ser campeão e chicotear medíocres que mereçam.

O embate entre André Ávila e Marcondes começa quando este lança um comentário provocador sugerindo que André, que se coloca no blog cruzeirense como torcedor desse time, é na verdade, uma "franga infiltrada", isto é, um torcedor do rival Atlético Mineiro que se passa por cruzeirense. Marcondes chega a sugerir a existência de um grupo de atleticanos que frequenta o espaço virtual cruzeirense do site para tentar "detonar" o Cruzeiro, sem sucesso, devido à grande fase que o time azul vivia no campeonato. André reage à provocação dizendo que suas críticas são "para o bem do Cruzeiro" e que a grandeza de uma torcida está relacionada diretamente à capacidade que ela possui em apontar "os erros" do time "até mesmo na vitória". Então, o embate entre André e Marcondes revela, mais uma vez, uma disputa entre torcedores do site para ver quem é de fato um verdadeiro torcedor e quem é "modinha" ou um rival "disfarçado". Esse clima de desconfiança criado pela junção entre essa disputa e a apropriação territorial que os torcedores fazem no uso do site é também uma fonte de conflitos entre torcedores.

As provocações feitas entre torcedores após um jogo constituem um outro motivo de conflito. É muito comum que um torcedor do time vencedor da partida entre na página de notícias do time perdedor com o objetivo de "tirar sarro" da torcida desse time. No exemplo abaixo, após a vitória do Corinthians sobre o Sport pelo placar de 4x1 no estádio do time pernambucano, um torcedor do time paulista fez o seguinte comentário na página do site destinada a notícias sobre o Sport:

Diálogo 11

(Sport) Cássio Corinthiano

Tira esse time horrível da frente do meu TIMÃO!

Uma vitória por três gols de diferença e "fora de casa" foi a base para Cássio construir o seu discurso altamente provocador ao fazer a contraposição entre o "time horrível" do Sport e o "TIMÃO" do Corinthians, sugerindo que o time do Sport não é nada diante do Corinthians. As repostas à provocação de Cássio foram imediatas certas:

(Sport) Tiago Guimarães

não esqueça que *vc é meu vice em 2008*

(Sport) Tiago Silva

Bota a tua mãe de quatro na minha frente. Aquela vaca.

Tiago Guimarães usa o mesmo recurso que, como vimos nos exemplos anteriores, muitos torcedores usam para defender seus times ante a provocação de um rival: o apelo a algum episódio do passado. Enquanto uns torcedores fazem isso para questionar a moral de um time adversário, como foi o caso de Netércio, outros o fazem no sentido de defender a moral de seu próprio time, como foram os casos de Jaquisson e Brunno. Após uma derrota humilhante para os padrões do futebol, coube a Tiago lembrar da final da Copa do Brasil de 2008 na qual o Sport venceu o Corinthians pelo placar de 2 x 0, se sagrando campeão da competição. Nos termos postos por esse torcedor, o Corinthians foi e sempre será "seu vice de 2008", ocupando, por conseguinte, uma posição subalterna diante do Sport. Já Tiago Silva, a exemplo do que fez o torcedor que se denomina por São Castilho, elabora um comentário fortemente agressivo e machista, chamando a mãe de Cássio de "vaca" logo após dizer para Cássio pô-la "de quatro" na sua frente.

Conflitos também podem ser gerados quando a vitória de um time é questionada ou desmerecida por uma torcida rival, como mostra o exemplo a seguir:

Diálogo 12

(Corinthians) Petterson Silva

TAMBÉM MEU VELHO, *PEGARAM O ÍBIS DO NORDESTE/BRASIL* TEM QUE DEITAR RIR E ROLAR

(Corinthians) Rafael Drex

Pegamos o Boca jrs na final da libertadores tbm,*o IBIS DA ARGENTINA.*

(Corinthians) Paulo Camargo

Mas que diabos tem haver (sic) Boca Juniors com Sport Recife, seu animal?

(Corinthians)Rafael Drex

Paulo Camargo *pra você que não entende o que lê*, não tem nada.

Quando Petterson Silva tenta diminuir a importância da vitória do Corinthians sobre o Sport por 4 x 1 dizendo que o time pernambucano era "o Íbis do Nordeste", associando, assim, o Sport a um time um tanto quanto folclórico do futebol brasileiro, também do Estado de Pernambuco, considerado e autointitulado "o pior time do mundo", o Íbis Sport Club,⁶⁸ o torcedor que se apresenta como Rafael Drex reage lembrando a vitória que o time corinthiano conquistou diante do tradicional clube argentino Boca Juniors em 2013, se sagrando campeão da Libertadores da América, querendo afirmar com isso a qualidade do time paulista independente de qual seja o adversário. É importante notarmos que Rafael segue a mesma lógica de manipulação de episódios da história do futebol, no caso da história de seu time do coração, para defender a qualidade e o mérito da vitória conquistada pelo Corinthians sobre o Sport Club do Recife. Diante da não compreensão do torcedor Paulo Camargo do comentário feito por Rafael, esse torcedor atribui ao seu interlocutor a culpa por essa incompreensão, acusando-o de ignorância, analfabetismo e burrice.

3.5 Conteúdos da sociabilidade torcedora: um mundo masculino, racista e dividido

a) A retórica da masculinidade: o feminino e a passividade sexual como elementos discursivos de depreciação

Uma das lembranças mais curiosas e vivas que tenho do futebol é a de uma camisa amplamente vendida por ambulantes no entorno do Estádio Mário Filho, o Maracanã, lá pelos idos de 2005 e 2006. De fato o que me chamava a atenção naquela época e que me vem à memória hoje era a imagem que a camisa estampava: tratava-se de um desenho no qual uma personagem do gênero masculino estava de pé, vestindo uma camiseta do Vasco, com os fortes braços estendidos e cruzados, cujas mãos formavam o símbolo de uma das principais torcidas organizadas vascaínas (as mãos com os "dedos do meio" à mostra), enquanto uma personagem feminina, com nádegas proeminentes e vestindo a camisa do Flamengo, clube rival do Vasco no Rio de Janeiro,

⁶⁸ Há um texto no site ludopédio que fala sobre o Íbis e que pode ser lido no link a seguir: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquivancada/artigo/1111>. Esse clube tem um blog que funciona como seu "site oficial" que pode ser acessado no seguinte link: <http://ibis-pe.blogspot.com.br/>.

estava diante da personagem vascaína, de joelhos e lhe fazendo sexo oral. Não demorei a perceber ao longo dos jogos que frequentava no Estádio do Maracanã que havia camisas com essa mesma imagem feitas para consumidores que torciam para outros times do futebol carioca, como o próprio Flamengo. Variavam, é claro, o símbolo feito pela personagem masculina e a camisa vestida pela personagem feminina.

Muito longe da imagem da mulher decidida, ativa, dominadora e "dona de si mesma" que se pode apreender nas letras de muitas músicas funk do Rio de Janeiro, a mulher representada na imagem descrita no parágrafo anterior é colocada numa posição de subjugação. Ela é a mulher que torce por ou que representa um determinado time, que se encontra de joelhos diante de uma figura masculina que, por sua vez, torce por um time adversário do seu e para quem ela está proporcionando prazer. Dentro do contexto das rivalidades do futebol brasileiro e dos termos majoritariamente masculinos pelos quais esse esporte é vivido no Brasil, não há lugar para ambiguidades no ato de oferecer o sexo oral retratado nesse desenho. Nele as mulheres eram representadas como *passivas sexuais*, isto é, as dominadas, enquanto os homens apareciam como os *ativos sexuais*, ou seja, como os dominadores. O feminino aqui, associado a um time adversário, é símbolo de desvantagem, de humilhação.

Quase dez anos depois de ter visto essas camisas, no processo de realização da presente pesquisa, pudemos constatar, como veremos nos exemplos abaixo, que nos discursos da maioria dos torcedores no site globoesporte.com há dois padrões de ofensa que são por eles usados: a *feminização do adversário* e a colocação discursiva desse adversário na posição de *passivo sexual*. Vamos falar do primeiro padrão de ofensa.

O que chamo aqui de *feminização do adversário* é o tratamento discursivo de conteúdo irônico, debochado e/ou agressivo (aspectos esses que são, em geral, frequentes nos comentários dos torcedores no site pesquisado) que os torcedores dão aos seus adversários usando substantivos e adjetivos escritos sempre no feminino. Nos discursos dos torcedores do globoesporte.com, o feminino parece ser, em si mesmo, algo depreciativo, um elemento que inferioriza uma alteridade futebolística, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(Sport) Manoel Santos

O neto baiano virou neta baiana,ta frouxo frouxo, e o sport ta uma poiiicaria, segundona a vista.

(Sport) Italo Malcone

O CRUZEIRO É ASSIM: joga tão superior aos outros, que segundo os torcedores de outras equipes irão dizer que este é o pior campeonato brasileiro dos últimos tempos... Quero homenagear todos aqueles torcedores *ROSANAS* e de outras equipes que ficam por aqui, na página do *MAIOR de MINAS*. rrsr.

(Sport) Breno Menezes

5 mil...vcs são a vergonha de SC...isso da no treino do criciuma.... *chora alvinegras*

No comentário de Manoel Santos, o jogador do Sport Clube do Recife Neto Baiano é simbolicamente travestido ("neto baiano virou neta baiana") devido ao fato de ele não ter contribuído para evitar a acachapante derrota que o time pernambucano sofreu diante do Corinthians na 7ª rodada do Campeonato Brasileiro. Manuel sugere, portanto, que Neto Baiano não agiu "como homem" no jogo, pois não se impôs diante do adversário, se tornando um jogador "frouxo frouxo". O comentário do torcedor cruzeirense Italo Malcone se refere aos torcedores do Atlético Mineiro pelo nome feminino Rosana, termo pelo qual muitos dos torcedores do Cruzeiro se referem aos torcedores do Atlético. Esse nome, que é lançado como dardo pelos cruzeirenses em suas provocações aos atleticanos, foi construído a partir de um dos uniformes reservas do Atlético, cuja cor é predominantemente rosa, uma cor muito associada à feminilidade no Ocidente. É significativo que um nome feminino bastante comum no Brasil seja utilizado como um termo de provocação pelos torcedores de times de futebol. A provocação e/ou ofensa aqui está simplesmente no fato de se chamar o adversário por um nome próprio feminino.⁶⁹ Já Breno Menezes, torcedor do Criciúma, ao ironizar o baixo público do jogo entre Figueirense e Goiás, manda os torcedores adversários chorar, se referindo à torcida do Figueirense no feminino ("chora alvinegras").

Uma característica importante do comentário de Breno é o fato de que no discurso dele a feminização do adversário vir com um elemento agravante, algo que o inferioriza mais do que o simples uso do feminino: o torcedor do Figueirense na

⁶⁹ Essa parece ser uma particularidade do futebol mineiro, no qual os torcedores do Atlético Mineiro, chamados de "Rosanas" pelos cruzeirenses, devolvem a ofensa com um outro nome próprio feminino ao chamar seus adversários de "Marias". Nos discursos de torcedores de times de outros estados, a feminização do adversário não se dá pelo uso de nomes próprios femininos, pelo menos não vimos nenhum outro caso desses nos dados que recolhemos para essa pesquisa.

representação dele não é só "alvinegra" como deve também "chorar". Muitas vezes o feminino é representado nos discursos dos torcedores num contexto simbólico de humilhação, de inferiorização diante de um outro masculino e dominador, como nos exemplos abaixo:

(Coritiba) Bruno

ENQUANTO ISSO EM MARINGA PASSOU UM FURACÃO EM METEU 2 NAS PAKITINHAS XORONAS,..E FOORA O BAAAILE!!!

(Coritiba) Sul Pais

Coitadas das iludidas,coxa domino o 1 tempo e levo 2 gols de bobeira,um contra e outro desvio,deixa eles pensarem q tem time q no final do ano vão ta no lugar aonde nunca deveriam ter saído a serie b, SEMPRE COXA

(Coritiba) Milton Bregoch

Nossa, além da *paquita ser beijoqueira é muito burra*. Não ganham Atletiba desde o ruralzão 2012, últimos 3 confrontos levaram sapeco. *Chora, chora e chora e chora* mais ainda quando acabar o campeonatoe vcs irem pra segunda divisão que é de onde nunca deveriam ter saído, time lixo!!! SRN!!!

No comentário do torcedor Bruno, do Atlético Paranaense, ele se refere à torcida do Coritiba pelo termo "pakita" (sic), termo esse que denominava as dançarinas e assistentes de palco da apresentadora de programas infantis Maria das Graças Meneguel, a Xuxa, muito popular no Brasil dos anos 1980 e 1990. É importante notar que esse termo é usado no diminutivo e é acrescido do adjetivo "xoronas", criando uma representação do feminino que mescla infantilização e inferiorização, pois as "pakitinhas" aqui choram diante do "furacão" que as derrotou no jogo entre Atlético Paranaense e Coritiba, vencido pelo Atlético-PR por 2 x 0. Já Milton Bregoch, também torcedor do Atlético, usa o mesmo termo ("paquita") acrescentando, por sua vez, os adjetivos "beijoqueira e burra", criando, assim, a imagem de uma mulher "imoral", que não possui critérios na hora de escolher um homem para ficar, e destituída de atributos intelectuais. Importante notar que se Milton usasse um elemento masculino com o adjetivo "beijoqueiro" ("João beijoqueiro", por exemplo), é muito provável que seu conteúdo não fosse visto como depreciativo por ele e pelos demais torcedores do site,

pois no Brasil um homem que beija muitas mulheres, isto é, um homem "mulherengo" é, no geral, prestigiado, mesmo que o termo "mulherengo" seja ambíguo no seu uso popular. Mas quando se trata de uma mulher beijoqueira a ambiguidade desaparece, pois a imoralidade dessa representação é unânime no senso comum. Por fim, no comentário do torcedor do Coritiba Sul País, o feminino é representado como um objeto de ilusão e de pena ("coitada das iludidas").

Um outro padrão discursivo de se referir ao adversário com o objetivo de depreciá-lo é, como dissemos acima, a atribuição a esse adversário do papel de passivo sexual. Aqui a representação discursiva coloca o torcedor adversário no lugar de objeto de dominação sexual, ao mesmo tempo em que interpreta essa posição como um lugar de desonra, como mostram os exemplos abaixo:

(Flamengo) Dom Fafito

O FLAMENGO É GIGANTE MESMO!!! TEM GENTE (E QUE NÃO É SANTISTA) QUE ESTÁ COMEMORANDO EMPATE!! KKKKKKKKKK *CHUPA, QUE É O QUE VCS SABEM FAZER DE MELHOR!!!!* SRN

(Flamengo) Maurício Machado

É o sonho de todo arco iris paga pau do Mengão, mas, todo ano é a mesma coisa torcem, torcem e ficam chupando o dedinho no final. São tão paga pau que não conseguem ficar sem vir ler e comentar notícias do Mengão, vão ser paga pau assim lá na caixa prego, com certeza isso tudo não passa de um *desejo incontido que os mesmos nutrem por uma Brachola Rubro Negra adentrando os seus orifícios corrugados e rasgando tudo por dentro isso é a verdade.*

(Flamengo) Juliorodriguespereira

EAI MARIADA A VARA DO PAPA AINDA TA DOENDO ?

O torcedor do Flamengo que se apresenta como Dom Fafito manda os adversários que torcem contra seu time "chuparem", acrescentando que é isso que eles "sabem fazer de melhor", reafirmando a ideia da passividade sexual como um lugar de inferioridade, quase uma posição de castigo (se você torce contra o meu time, chupa!). Por sua vez Maurício Machado, também torcedor do Flamengo, comenta o "desejo incontido" que os torcedores rivais do rubro-negro carioca que escrevem na página de notícias do Flamengo sentem por serem penetrados por um pênis ("Brachola Rubro Negra"). A exemplo do comentário de Dom Fafito, o sofrimento acompanha o lugar do

passivo sexual, já que a penetração é representada aqui como uma ação que ocorre "rasgando tudo por dentro". Mesma ideia é lançada pelo torcedor que se apresenta como Juliorodriguesoereira (sic) que, ao provocar os torcedores do Cruzeiro usando o termo "Mariada" pergunta se a penetração (a "vara do papa") "ainda ta doendo". Importante notar que nos três discursos a passividade sexual é contraposta por uma imagem que se apõe a ela: uma representação análoga a do macho sexualmente ativo. No comentário de Julio quem penetra é o "papa"; no de Maurício a "brachola" é rubro-negra, e os passivos sexuais incontidos torcem contra o "Mengão"; e no discurso de Dom Fafito os adversários que "chupam" torcem contra o "gigante" Flamengo.

Mesmo quando algum torcedor é alvo direto de uma tentativa discursiva de depreciação pelos recursos discursivos que estamos analisando aqui, os termos nos quais ele responde são os mesmos usados pelo ofensor, como mostra o diálogo abaixo:

Diálogo 13

(Sport) José Neto

CHORA FABIANA, KKK, GENTALHA

(Sport) Fabiano Barbosa

Chorar???que nada esse ano ja gozei muito em cima de vocês tricobarbies.se e que você me entende???rsrsrsrsrs

O torcedor José Neto, ao tripudiar do torcedor Fabiano Barbosa, usa o nome desse torcedor no feminino e o manda "chorar", criando assim a representação da "mulher chorona" que vimos em comentários anteriores. Ao ser feminizado Fabiano responde representando a torcida do Santa Cruz (supondo, assim, que José é torcedor desse time) como "barbies", nome das mundialmente famosas bonecas destinada ao público infantil feminino, em cima das quais ele já "gozou muito". O verbo gozar, que pode significar tanto "caçoar", "debochar" quanto "atingir o orgasmo" é propositalmente usado por Fabiano de forma a parecer ambígua, mas, ao perguntar "se e que você me entende???rsrsrsrsrs" (sic), ele deixa claro que o que ele constrói com o seu discurso é a imagem de um homem ejaculando sobre uma mulher. A feminização da qual Fabiano foi objeto é, então, devolvida com a colocação que ele faz de José na posição de passivo sexual.

Tanto a feminização do adversário quanto a sua representação como passivo sexual que predomina nos discursos dos torcedores do site globoesporte.com aparecem nesses discursos com um tom de ironia e deboche, como se tudo não passasse de uma brincadeira, muito embora haja muita violência simbólica no conteúdo desses comentários. Contudo há comentários que possuem um caráter mais violento e conteúdos mais abertamente discriminatórios, como nos exemplos a seguir:

(Cruzeiro) Raposa Faminta

ESSAS *FRANGAS ARREGAÇADAS DAS GERAIS*, NÃO APRENDEM MESMO. O LUGAR AQUI É DO MAIOR DE MINAS, PREOCUPE SÓ COM O SEU TIMECO. AQUI É CRUZEIRO, O TIME QUE ESTÁ EM TODOS OS SITES E JORNAIS COMO O TIME A SER BATIDO. POIS TEM ELENCO, SALÁRIO EM DIA, POIS O MES TEM 30 DIAS. ENQUANTO ISSO AS *INVEJOSAS* NÃO SAEM DA PAGINA DO MAIOR DE MINAS, PRINCIPALMENTE *ESSA FILHA DE UMA GALINHA CHAMADA JULIA RODRIGUES PEREIRA, DIGA A SUA MÃE QUE VOU CHUPA-LA TODINHA, VIU SEU PDF.*

(Corinthians) Vitor

Era metade, a outra tonelada o Corintianopisaemflamengusita cheirou, comeu, fumou, *enfiou no 'c'u', deu o 'c'u', etc e tal.* (sic) Aí ele vem dizer que o genérico brasileiro do time da 3a divisão da Inglaterra é alguma coisa. E ele acha que o Mengão é genérico da turma de assassinos traficantes *'v'e'a'd'o's'* (sic) de sunpaulo... só porque tá quase em coma por droga !!! Compram nossos jogadores por inveja e por adoração ao Maior do Mundo e depois ficam agindo como mulherzinha, fazendo doce... me poupa gambá, me poupa xexelento... volta lá pra fumar o resto... ih esqueci, não dá... perdeu mano, perdeu !

No discurso do torcedor que se apresenta pelo nome de Raposa Faminta a torcida do Atlético Mineiro é representada como "Frangas arregaçadas", fazendo a mesma associação entre passividade sexual e dor que vimos em comentários anteriores; logo depois ele joga sobre a torcida atleticana a classificação de mulheres "invejosas", figuras opostas ao "Maior de Minas", passando a ideia de que o Cruzeiro é o time que manda no estado mineiro, o que assume o papel de "macho dominante" enquanto "as invejosas" (porque não "os invejosos"?) assumem o papel da fêmea dominada, à qual só cabe sentir inveja de quem realmente tem o poder. Ao concluir seu comentário, a Raposa Faminta dá uma resposta ao torcedor Juliorodriguespereira, que também é

colocado como mulher nesse discurso ("JULIA"), classificando Júlio como "filha de uma galinha" e dizendo que violará sexualmente a sua mãe (a mãe, não o pai).

Nas palavras da Raposa Faminta, a mulher é sucessivamente representada de forma pejorativa: ela é "arregaçada", "invejosa", filha de uma mulher sem honra e sexualmente violada. A despeito disso, a própria apresentação desse torcedor é feita no feminino (raposa). Porém, assim como TOLEDO (1993) chamou a atenção no seu artigo sobre os gritos de guerra dos torcedores nos estádios de futebol, os animais selvagens são comumente usados como mascotes e símbolos de clubes e de torcidas de futebol no Brasil (leão do Sport Club do Recife, tigre do Criciúma, gavião da torcida do Corinthians), enquanto os animais domésticos (galinha, cachorro, porco) são usados como provocação e xingamentos ao adversário. A raposa, então, representa a selva, onde há perigo, onde a sobrevivência é uma luta constante, onde todo ser vivo precisa de sagacidade e engenhosidade para se manter vivo. Em contrapartida o adversário é a "franga", que além de ser o feminino de "galo", que é o símbolo do Atlético Mineiro, é também um animal mais próximo do ser humano, pois a "franga" remete à domesticidade e, por isso, à proteção, sendo, portanto, menos (ou nada) feroz. E a raposa da apresentação desse torcedor está "faminta", pois ela é "ativa". É ela que come. A "franga" é a comida.

Já o comentário de Vitor foi uma resposta ao comentário de um torcedor que se apresentou pelo nome de Corinthianopisaemflamenguista (sic) o qual, escrevendo na página de notícias do Flamengo, ironizou esse clube carioca classificando-o como o "genérico do timão no Rio". A resposta de Vitor começa por fazer referência ao caminhão carregado de maconha encontrado pela polícia num terreno da escola de samba Gaviões da Fiel, pertencente a uma torcida organizada corinthiana de mesmo nome, em Maio de 2014.⁷⁰ Juntamente com xingamentos de conteúdo profundamente classista, Vitor xinga a torcida do Corinthians de "veados", como se ser gay fosse, em si mesmo, uma categoria de acusação, atribuindo a essa palavra um teor negativo. Chama a atenção o fato de Vitor ter dito que o torcedor Corinthianopisaemflamenguista ter enfiado no "cu", dado o "cu" a maconha encontrada na quadra da referida escola de samba. O termo "cu" aqui simboliza não somente a passividade sexual, mas também a homossexualidade que Vitor simbolicamente atribui ao torcedor do Corinthians usando o termo "veado". O Flamengo é, no discurso de Vitor, o extremo oposto do

⁷⁰ Essa notícia pode ser conferida no link a seguir: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/05/policia-apreende-carga-de-maconha-em-caminhao-na-quadra-da-gavioes.html>.

Corintianopisaemflamenguista: enquanto esse viola sexualmente a si próprio, se desonrando, se feminizando, aquele é o "Mengão", o "Maior do Mundo", representando, assim, a figura do macho ativo.

Temos, então, dados suficientes para percebermos que o mundo dos torcedores que comentam no site globoesporte.com é um mundo masculino. Isso não significa dizer que mulheres e homossexuais não participem do futebol no Brasil ou que elas/eles não comentem no site que estamos aqui pesquisando. Embora estejam em número muitíssimo reduzido, há pessoas no globoesporte.com que se apresentam como torcedoras, isto é, se apresentam com nomes femininos. No entanto, os termos nos quais os discursos dos torcedores se constroem nesse site são hegemonicamente masculinos, assim como o futebol no Brasil é um espaço masculino. Nas palavras de Marcos Alves de Souza:

"No Brasil, o gosto pelo futebol demonstra que este esporte pode ser entendido, no entanto, como uma "simbólica da masculinidade". A memória do futebol brasileiro existe, predominantemente, dentro de um universo masculino. A lembrança dos ídolos do passado, às vezes de antes de quem as possui ter nascido, de partidas e de escalações de equipes, transformando-os em heróis e mitos é comum no universo masculino. Deve-se notar que, apesar de ser amplamente documentada (escrita, TV, cinema, fotografias etc), a transmissão dos mitos e das lendas do futebol é feita, em grande parte, oralmente, fornecendo um tipo de conhecimento que cria uma identidade masculina. A socialização de meninos, no Brasil, é feita, em grande parte, a partir do futebol, e de suas lembranças, sua memória, por causa de certos padrões de socialização fixados ao longo de várias décadas. Isto também demonstra que é ao homem que o futebol está direcionado no Brasil. (SOUZA, 1996, p.54)

Os hinos dos clubes de futebol do Brasil exemplificam perfeitamente o que queremos dizer quando afirmamos que os termos nos quais os torcedores de futebol discursam são masculinos. Esses hinos, junto com os escudos e os uniformes dos clubes, formam os símbolos mais importantes que um time de futebol em geral possui. Olhando as letras dos hinos de clubes de futebol da Série A do Campeonato Brasileiro, pudemos constatar que esses cânticos visam criar uma imagem positiva dos clubes de quem eles falam com base em valores morais como a virilidade, a fidelidade, o patriotismo, a honra, a dignidade, a necessidade de vencer e identificação com uma cidade ou com o "povo", entre muitos outros elementos que, numa perspectiva durkheimiana, poderíamos classificar como componentes da *moralidade* do futebol brasileiro (QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M.L.G; OLIVEIRA, M.G., 2010). O hino

da Sociedade Esportiva Palmeiras sintetiza bem o que aqui chamamos de valores morais da cultura do futebol brasileiro:

"Quando surge o alviverde *imponente*
No gramado em que a *luta* o aguarda
Sabe bem o que vem pela frente
Que a *dureza* do prélio não tarda

E o Palmeiras no ardor da partida
Transformando a *lealdade* em padrão
Sabe sempre levar de vencida
E mostrar que de fato é *campeão*

Defesa que *ninguém* passa
Linha atacante de *raça*
Torcida que canta e vibra
Defesa que *ninguém* passa
Linha atacante de *raça*
Torcida que canta e vibra

Por nosso alviverde inteiro
Que sabe ser brasileiro
Ostentando a sua *fibra*"

(Antônio Sergi)

Todas as palavras ou versos grifados no hino palmeirense sintetizam a imagem que os clubes tentam passar sobre si mesmos ou do que torcedores e jornalistas esperam que um clube de futebol seja. Prova disso foi o comentário feito pelo jornalista Mauro Cezar Pereira, da emissora ESPN, após o Flamengo perder de 4 x 1 para o Atlético Mineiro, em jogo válido pelas semifinais da Copa do Brasil de 2014. Para Mauro, o time do Flamengo foi "covarde, medroso, frouxo" em campo, dando a entender com esse comentário que não é essa a postura que um time deve ter em uma partida de futebol.⁷¹ O hino do Palmeiras representa todos os valores presentes nos discursos de diferentes personagens do futebol nacional (jornalistas, torcedores, técnicos etc.) ao interpretar uma partida de futebol como uma "luta" na qual há grandes dificuldades que a tornam "árdua", "dura". A essas dificuldades o time palmeirense combate (ou deve combater) com uma defesa forte, "que ninguém passa", com jogadores que se entregam pelo time, que têm "fibra" e, por isso, fazem do Palmeiras um time "imponente". Assim

⁷¹ O comentário do jornalista em questão pode ser ouvido e visto na íntegra no link a seguir http://espn.uol.com.br/video/456237_mauro-detona-frouxo-flamengo-e-exalta-hoje-e-o-dia-mais-feliz-da-vida-do-torcedor-do-atletico-mg. Na mesma ocasião Mauro afirma que o futebol forma "caráter", sendo esse esporte, em suas palavras, a "melhor invenção do homem", pois a mulher foi "invenção de Deus".

como ocorre nas alcunhas jocosas, o que se tenta fazer na feminização do adversário e na colocação dele na posição de passivo sexual é a negação no outro do "status" de homem e ativo.⁷²

É preciso dizer, por fim, que não é nada aleatório que a feminização e a passividade sexual sejam os elementos mais utilizados por torcedores de futebol nos discursos de ofensa aos adversários. As razões disso ultrapassam em muito tanto as quatro linhas de um campo de futebol quanto o espaço virtual do globoesporte.com. Michel Misse, em um trabalho instigante realizado na segunda metade dos anos 1970, identificou na passividade sexual o estigma do "ser mulher" (MISSE, 1979).⁷³ Considerando os palavrões e gírias como reproduções, no plano do simbólico, da passividade sexual enquanto forma específica de estigmatização, presente na ideologia, mas não necessariamente presente nas relações sociais cotidianas, Misse investigou nesses códigos da linguagem informal a interpretação que a sociedade brasileira dá à passividade sexual. Nas palavras do próprio autor:

"Está na *linguagem* que sai da zona, dos becos e esquinas do baixo-mundo e se espalha finalmente nos apartamentos e mansões da classe média alta e da burguesia cosmopolita, e nela se repete ritualmente, assinalando por detrás das sábias palavras de um gigolô a violência simbólica de que se revestem, a referência amarga que fazem, a marca defeituosa que precisam apontar e cuja portadora *natural* é a mulher. Do mesmo modo, símbolos da "normalidade", ou antes, "símbolos de prestígio" aparecem paralelamente, demarcando o lugar originário e sadio cuja malversação natural constitui-se na sua ausência do corpo feminino, cuja função potencial implica a submissão definitiva de quem não a tem".⁷⁴
(MISSE, 1979, p. 47)

Se no Ocidente (incluindo, é claro, o Brasil) a passividade tem sido predominantemente associada às mulheres e, se ao estereótipo do passivo, se associa um atributo estigmatizante, temos, segundo Misse, uma situação de estigma na qual o "normal" é ser heterossexual/homem e ativo; homossexual/homem e ativo; e homossexual, mulher e ativo (esses dois últimos em um grau menor de prestígio), enquanto o "anormal" é ser heterossexual/mulher e passiva,⁷⁵ homossexual/mulher e

⁷² Para uma análise histórica e literária dos hinos dos clubes de futebol brasileiros, em alguns aspectos muito próxima do que estamos dizendo aqui, ver CORNELSEN (2014).

⁷³ Para uma interpretação sociológica do estigma, ver GOFFMAN (1988).

⁷⁴ Grifos do autor.

⁷⁵ Não podemos nos esquecer que MISSE (1979) está falando dos palavrões e de como a condição de passivo sexual aparece neles. É claro que a mulher heterossexual e passiva é vista como "normal" dentro dos padrões heteronormativos vigentes, pois o "natural" para os defensores desses padrões de pensamento é que o homem seja sexualmente ativo e a mulher passiva, compondo, assim, o ideal de família da matriz cultural heterossexual. No entanto, a condição de sexualmente passiva da mulher nesse ideal vira estigma

passiva; homossexual/homem e passivo, esse último se constituindo, nesse imaginário social, em um "traidor" da sua condição "natural" de ativo (MISSE, 1979, p. 34).⁷⁶ Portanto, podemos dizer que os discursos dos torcedores analisados aqui não obedecem somente a uma lógica futebolística que visa retirar, no plano do discurso, a honra da equipe e da torcida adversária. Eles expressam aspectos mais profundos da cultura ocidental como um todo e da brasileira em particular.⁷⁷

b) Distinções discursivas: a marcação da diferença de classes segundo os torcedores

*"Vou pro Maraca ver o Fluminense!
Torcida deles não tem nenhum dente!
Vamos vencer!
Ganhar FlaxFlu é normal!"*

*"Eu não sou rubro negro, eu não sou rubro-negro
eu não sou ladrão, não sou ladrão, não sou ladrão
dá-lhe nense, dá-lhe nense, dá-lhe nense"*

*"De 7 a 0 eu já ganhei,
o chocolate deu replay,
a favela se calou mais uma vez."⁷⁸*

Nem só de diferenças de gênero e sexualidade vivem os discursos dos torcedores do globoesporte.com. Esses discursos marcam outros tipos de diferenças, como as de

nos palavrões, se constituindo neles como um código de ofensa e desonra. Talvez possamos inferir, a partir disso, que a posição da mulher na cultura heteronormativa é bastante ambígua, pois sua passividade é, ao mesmo tempo, negativa e positiva.

⁷⁶ Numa matéria do site de temáticas GLBTT igay.ig.com.br sobre homens e mulheres gays que se identificam com a "paixão" pelo futebol, foi significativo o fato de os homens gays desse artigo jornalístico dizerem não frequentar estádios de futebol, tendo um deles declarado sentir medo da "homofobia das torcidas organizadas", enquanto as mulheres gays já se mostravam muito mais abertas a frequentar os estádios, tendo uma delas dito ser bem recebida pelos membros da torcida organizada de seu time, os quais, segundo a torcedora, dizem a ela: "você gosta de mulher, de futebol, vamos pro bar". Ou seja, por ela "gostar de mulher" ela é bem aceita, pois ela é "ativa", enquanto a recepção para os rapazes gays não é, ao que parece, nem um pouco amistosa, muito provavelmente devido ao estigma da passividade sexual. Essa matéria pode ser lida na íntegra no seguinte link: <http://igay.ig.com.br/2013-06-20/gay-desmentem-estereotipo-e-mostram-paixao-pelo-futebol.html>.

⁷⁷ Para uma interpretação do colonialismo a partir de uma perspectiva de gênero, mostrando os aspectos profundamente machistas da cultura ocidental, ver o brilhante trabalho de Anne McClintock (2010). Para um exemplo etnográfico da feminização enquanto questionamento da masculinidade alheia numa cidade da província portuguesa do Alentejo, ver ALMEIDA (1996). Para uma leitura antropológica dos xingamentos utilizados por torcedores em estádios de futebol, ver TOLEDO (1993). Para uma interpretação dos padrões machistas dos anúncios midiáticos no Brasil nos períodos de Copa do Mundo, ver o pormenorizado trabalho de GASTALDO (2000).

⁷⁸ As duas primeiras estrofes fazem parte de gritos de guerra da torcida Legião Tricolor, do Fluminense, fazendo referência à torcida do Flamengo. Os gritos se intitulam "Ganhar Fla x Flu é normal" e "Labamba tricolor", respectivamente. A última estrofe faz parte de um grito da torcida Guerreiros do Almirante, do Vasco da Gama, cujo título é "Mulambo me diz como se sente".

classe social. Nesse caso, assim como no exemplo anterior, o que os torcedores escrevem no site analisado nessa pesquisa reflete muito o que é dito fora do espaço futebolístico virtual, dentro dos estádios de futebol, por exemplo. No Rio de Janeiro, a torcida do Flamengo, a maior torcida do Estado e do país, é a mais perseguida pelas torcidas rivais no que se refere aos discursos de discriminação de classe.⁷⁹ Termos como "mulambo" e "favela" são usados pelas torcidas de Botafogo, Fluminense e Vasco em referência aos flamenguistas num sentido pejorativo e marcando, ao mesmo tempo que (re)inventando, a diferença classista entre o "nós", a "classe-média", e o "eles", os "favelados".

Os dados abaixo demonstram como esse preconceito de classe aparece nos discursos de sentido pejorativo contra os torcedores do Flamengo:

(Flamengo) Deni Lima

Será que ninguém vê que somos humilhados a todos instantes? Que não temos capacidade de erguer algo que nunca foi grande. Que o CRF é pior que a *escória da sociedade*? Um *marginal (estuprador, assassino, corrupto, estelionatário, torturador, assaltante...)* consegue ser mais respeitado que toda torcida do FLA.

(Flamengo) Leonardo

O *FRAMENGO* GASTOU TODA A VERBA *ROUBANDO* O ESTADUAL! AGORA TÁ FALTANDO PRA *SUBORNAR* O JUIZ NO BRASILEIRÃO... *BANDO IMUNDO!* SÓ GANHA ROUBADO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(Flamengo) Pepeu

torcida do Flamengo: "*Nóis qué respeito. Nóis não qué cai pra segunda divizão. é pedir muito??*"

O discurso do torcedor Deni Lima representa o papel de um torcedor do Flamengo que admite publicamente a inferioridade e desonestidade de seu time do coração. Os flamenguistas são representados aqui como torcedores constantemente humilhados enquanto o "CRF" (Clube de Regatas Flamengo) aparece aqui como algo pior que a "escória da sociedade" e cuja torcida é menos respeitada que todo tipo de

⁷⁹ A última pesquisa do Instituto Datafolha apontou que a torcida do Flamengo é constituída por cerca de 18% da população brasileira contra 14% da segunda colocada, a torcida do Corinthians. As torcidas do Vasco e do Fluminense aparecem com 5% e 2% da preferência nacional, respectivamente. Uma outra pesquisa feita pelo mesmo instituto em 2009 apontava uma diferença de 6 pontos percentuais entre as torcidas de Flamengo e Corinthians, sendo a torcida rubro-negra constituída por 19% da população nacional enquanto os corinthianos representavam 13%.

deram quatro pênaltis e expulsaram quatro dos adversários só no brasileiro deste ano. Time *sujo*. Que *nojo*. Teria vergonha de torce pra isso. Só ganha com a ajuda do apito.

O torcedor que se apresenta como Adriano Hulk grafa o nome do clube Bahia como "baea", ironizando a forma como os torcedores desse time, muito popular no Estado da Bahia, pronunciam o seu nome. Os adjetivos "pobre", "burro" e "infeliz" concluem a representação que Adriano faz do torcedor do Bahia: a de um torcedor de classe economicamente desfavorecida e que sequer pronuncia corretamente o nome do seu time do coração. No discurso do torcedor André, o Atlético Mineiro vira "Atretico" e sua torcida é representada como um grupo de pessoas ignorantes, pois desconhecem que o Criciúma (o "tigre") supostamente tem mais vitórias sobre o Atlético Mineiro do que o contrário. Já nas palavras do torcedor Lucads o Corinthians vira "curintia" e o time paulista é caracterizado como "corrupto", "sujo" e "nojento".

Assim como os torcedores do Flamengo, a torcida do Corinthians também é alvo frequente de estereótipos classistas que a colocam como torcida de bandidos e analfabetos, como os exemplos abaixo mostram:

(Corinthians) Jose Oliveira

TURMA DE TRAFICANTES, LIXO DO BRASIL...SALVE

(Corinthians) Luis Silva

E um *analfabeto* que faz comentários " TEM DOIS TÍTULOS MUNDIAL" ??? Kkkkk aprende a escrever primeiro!

(Corinthians) Thiago Ramos

O cara *escreve errado Luiz porque na prisão* tem que ser rápido... tem fila pra usar o "smartphone" na cela dele... Me admira esse ainda ter escrito tudo isso com só um erro de português!

Diálogo 14

(Grêmio) Tiago

Barcos sai deste Clube pequeno vem jogar no todo poderoso TIMÃO ai só tem Gay

(Grêmio) Luciana Santos

e ai só tem *marginal*

No comentário do torcedor José de Oliveira, a torcida do Corinthians é chamada de "turma de traficantes" (em letras maiúsculas) e de lixo, fazendo com isso uma associação que é feita corriqueiramente nos discursos classistas dos torcedores: a associação entre criminalidade e pobreza. O mesmo é feito pelo torcedor Luis Silva que, respondendo ao comentário de um torcedor corinthiano que se apresenta por Mauro Silva, quem pilheriou o Palmeiras na página de notícias desse time, escrevendo que o Corinthians tem "2 títulos mundial fifa", ironizou o erro de concordância nominal de Mauro. Enquanto Luís faz um comentário preconceituoso de caráter puramente classista ("analfabeto"; "aprende a escrever primeiro!"), Thiago, também respondendo a Mauro, xinga esse torcedor de criminoso ao sugerir que ele escreveu errado por estar escrevendo de uma cadeia ("prisão"). Criminalidade e pobreza, assim, aparecem novamente lado no discurso desses dois torcedores. Por fim no diálogo 14 vemos que diante do comentário de Tiago, quem escreve pedindo para o atacante Barcos sair do Grêmio e ir para o "Timão" (alcunha pela qual a torcida do Corinthians se refere a esse time) porque no time gaúcho "só tem gay", a torcedora Luciana Santos é curta e grossa na sua resposta: "e ai só tem marginal". Ela devolve, assim, a "acusação" de passividade sexual com a acusação de criminalidade contra a torcida corinthiana.

Muito embora as torcidas de Flamengo e Corinthians sejam, ao que parece, as mais discursivamente ironizadas em termos de preconceito de classe (no Rio de Janeiro o Flamengo sem dúvida nenhuma ocupa esse lugar de alvo preferencial de discriminações classistas) a julgar pelo volume de comentários com esse teor destinados às torcidas desses dois times no globoesporte.com, não é somente essas torcidas que são alvos desse tipo de discurso, como os comentários sobre o "baea" e o "atrético" demonstraram. Preferencialmente aos flamenguistas e corinthianos são lançados termos pejorativos como "traficantes", "ladrões" e "criminosos", termos esses que são lançados a outras torcidas com bem menos frequência. Contudo, a acusação de pobre é lançada sobre várias outras torcidas, como a do Coritiba, Sport, Criciúma e Atlético Paranaense. São feitos muitos comentários discriminatórios acerca de como o outro escreve, muito embora quase todos os torcedores que escrevem no globoesporte.com passem muitíssimo longe de dominar a norma culta da língua portuguesa, se nos basearmos pela

forma como eles escrevem nesse site. Isso sugere que marcar a diferença é, nesse quesito, mais importante do que ser diferente de fato.

Há, por fim, uma outra discriminação que aparentemente está nas entrelinhas dos discursos classistas dos torcedores do *globoesporte.com*: a discriminação por *raça*. Afirmamos isso porque, como sabemos, a frase do rapper MV Bill segundo a qual "ser pobre e negro no Brasil não é coincidência" é muito verdadeira, sobretudo quando consideramos que o fim da escravidão não significou uma inserção do negro na sociedade brasileira em igualdade de condições com o branco, como afirma, entre outros, José Murilo de Carvalho. Nas palavras do próprio autor:

"No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida um pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiam-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo. Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura quanto na indústria, foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos."
(CARVALHO, 2008 b, p. 52)

A partir disso, não fica nada difícil entendermos o porquê de ainda hoje, 127 anos depois da abolição, a população negra ainda ter indicadores sociais e econômicos gritantemente inferiores aos da população branca do país. O relatório *Retratos da Desigualdade de Gênero e Raça* do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2009 evidencia essas desigualdades. Nele vemos, por exemplo, que entre os jovens com 16 anos ou mais, o tempo de estudo da população negra é, em média, de 6,7 anos contra 8,4 anos dos brancos, sendo que quem tem a menor média de anos de estudo são os homens negros (6,8 anos contra 7,8 anos das mulheres negras). Em relação à moradia, 66,2% dos domicílios localizados em favelas são chefiados por homens ou mulheres negras (39,4% chefiados por homens negros contra 26,8% chefiados por mulheres negras) contra 33% chefiados por brancos (21% por homens brancos contra 12,8% por mulheres brancas). Apenas 60% da população negra têm acesso à rede de esgoto contra 77,1% da população branca. Em relação à renda média, as mulheres negras são as que ganham menos (R\$544,40) e os homens brancos são os que ganham mais (R\$1491,00). A novidade do relatório de 2009 é que as mulheres brancas passaram

a ter renda média maior que a dos homens negros. Por fim, dos 5,2% da população extremamente pobre do país, 7,2% são de negros contra menos da metade de brancos (RETRATO DAS DESIGUALDADES POR GÊNERO E RAÇA, 2009).⁸¹

Não nos parece, portanto, nem um pouco exagerado afirmar que quando a torcida do Fluminense ou a do Vasco, por exemplo, chamam a torcida do Flamengo de "favela", "mulambo", "framengo", o que se quer dizer aqui também e, talvez, acima de tudo, é "vocês são pretos". Quando a torcida do Vasco canta "e a favela se calou mais uma vez" o que ela quer dizer é "e os negros se calaram mais uma vez". Quando a torcida do Fluminense canta "torcida deles não têm nenhum dente", o que ela quer dizer é "torcida deles não tem nenhum branco". No caso do Vasco, mesmo que a torcida desse time frequentemente use o suposto antirracismo de sua história como capital simbólico para construção da imagem que ela tem e quer ter de si mesma, assim como para a imagem que ela quer mostrar de si para as outras torcidas, os vascaínos são profundamente racistas, tanto quanto os tricolores, tanto quanto todas as outras torcidas brasileiras.

Se aqui vemos que classe e raça se relacionam diretamente na estrutura socioeconômica brasileira e, por conseguinte, nos discursos dos torcedores, nas primeiras décadas de desenvolvimento do futebol no Brasil, essa relação se deu, no discurso sobre a nação brasileira, de uma forma um bastante diferente, embora igualmente discriminatória. Conforme César Gordon Jr demonstra em um de seus artigos que trata da relação entre racismo e futebol, esse esporte foi um elemento importante de integração do negro na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que esse processo se deu dentro de padrões ideológicos profundamente racistas. A miscigenação virou símbolo da nação e do futebol jogado pelos brasileiros, mas o lugar dela no imaginário nacional era bastante ambíguo: quando a seleção de futebol do Brasil ganhava, a miscigenação era exaltada; quando perdia, a culpa era da miscigenação (GORDON JR, 1996).⁸² Com o fim da II Grande Guerra e a derrota do nazismo e do fascismo, nenhum clube brasileiro queria ser taxado de "racista", o que corroborou mais ainda a inserção dos negros no futebol brasileiro. No entanto, o racismo permaneceu gritante por entre essa superfície cínica de integração e respeito das diferenças raciais:

⁸¹ É importante dizer que, a despeito da manutenção das profundas desigualdades de condições entre negros/as e branco/as, a situação socioeconômica da população negra teve melhora significativa se compararmos com o relatório de 1995.

⁸² Algo parecido parece acontecer com os jogadores de origem árabe na seleção francesa atual. Segundo o jogador Karim Benzema, francês e muçulmano de origem argelina, ao falar da discriminação que sofre devido à sua origem étnica, afirma: "Se marco gols, sou francês. Quando não marco, sou árabe".

chamava-se de negro o jogador negro do time adversário, não o que jogava no time para o qual se torcia. A negritude aqui era vista como uma mácula do "outro", não do "meu". Forjou-se, concomitantemente, uma ideia perversa segundo a qual o "dinheiro embranquecia". Nas palavras de Gordon Jr,

"Esta foi uma das formas mais cruéis encontradas pelo credo racista na tentativa de manter o ideário da inferioridade e da incapacidade do negro. A mensagem contida no cínico adágio "*dinheiro branqueia*" se infiltra insidiosamente no discurso racista, para aparecer novamente sob uma outra forma, a do "*negro de alma branca*". Ora, o que se quer dizer com isto não é que um negro deixa de ser negro ao ascender socialmente. É pior: a ideia é de que um negro só ascendeu socialmente porque deixou de ser negro."⁸³
(GORDON JR, 1996, ps 67-68)

Contudo, o negro, que ficou entre a aceitação e a negação na ideologia nacional, foi descaradamente culpabilizado e rejeitado após a derrota da seleção brasileira na final da Copa de 1950. Só os jogadores negros foram culpabilizados, sobretudo o goleiro daquele time, o Barbosa, do Vasco da Gama. A questão aqui já não era mais o negro ser do time do "outro". O negro era o culpado pela derrota da seleção, tanto pelo desempenho dos jogadores negros no jogo final (como se somente eles tivessem jogado essa partida), quanto pela miscigenação, a causa do suposto "descontrole emocional" da nossa seleção (GORDON JR, 1996).

Se o discurso racista hoje ficou menos claro no futebol, ele não me parece ter ficado menos cínico, nem menos forte, como mostram os exemplos que vimos até aqui, pois juntamente com a classe, o torcedor diz, sem dizer, sobre raça também. O único discurso abertamente racista dos mais de 2600 mil que lemos nos arquivos de dados dessa pesquisa foi o seguinte:

(Atlético Paranaense) Eduardo Hempfield

Chupa coxarada, foi mais fácil que ganhar do parana. Chupa vilson , chupa alex múmia, chupa geraldo *angolano aidético*, chupaaaa seus vermes

O jogador Geraldo, do Coritiba e da seleção de Angola, foi chamado de "angolano aidético" pelo torcedor (do Atlético Paranaense, ao que parece) que se apresenta pelo nome de Eduardo Hempfield. A AIDS aqui é usada como símbolo de estigma de todo um continente e que recai nos ombros de Geraldo, jogador negro, assim como o Alex, chamado de "múmia" por Eduardo. O único branco alvo das críticas desse

⁸³ Grifos do autor.

torcedor foi o presidente do Coritiba, Vilson Ribeiro de Andrade. Será que 1950 está tão longe assim de nós? Tanto esse exemplo, quanto os gritos de "macaco" que a torcida do Grêmio lançou ao goleiro negro Aranha, do Santos, no jogo entre essas duas equipes pelas oitavas de final da Copa do Brasil de 2014, mostram que o que é dito via termos de discriminação de classe ("seu favelado", "seu mulambo", "seu traficante"), ainda é, embora com bem menos frequência, pública e abertamente manifestado. Mas ao que parece, uma das grandes questões do racismo no Brasil parece residir justamente nessa relação público e privado. Como afirma a antropóloga Lilia Schwarcz ao falar da especificidade do racismo brasileiro, parece haver nele a persistência de "um certo pacto histórico":

"(...) não se nomeiam publicamente as diferenças, e assim os constrangimentos são sempre privados".
(SCHWARCZ, 2012, p. 117)

Em um país onde o racismo tem essas características históricas, as manifestações públicas dele não são parêntesis no meio de um silêncio, mas uma cratera que se abre no meio de uma enxurrada de discursos dissimuladamente racistas.

c) As divisões territoriais no olhar do torcedor: uma geopolítica a parte

Vimos anteriormente que os torcedores do globoesporte.com se apropriam desse site de acordo com uma lógica territorial que o divide em a "página do meu time" e a "página do outro", sendo esse "outro" algum time adversário. Contudo, os territórios dos quais os torcedores falam nesse site não são somente cibernéticos. Os torcedores também tratam em seus comentários do território físico brasileiro e de suas divisões "oficiais", por assim dizer. Assim como esses torcedores se apropriam das divisões que o site aqui pesquisado faz entre notícias dos diferentes times (notícias sobre o Cruzeiro numa página específica; notícias sobre o Atlético Mineiro em outra página específica), eles também tomam como base as divisões geográficas que constituem política e economicamente o país (Norte, Sul, Nordeste, Bahia, Rio de Janeiro, capital, interior etc.) para fazerem uma releitura dessas regiões através do futebol, criando uma espécie de geografia do senso comum futebolístico. Dessa forma, domínios locais são construídos e defendidos, assim como diferenças são inventadas e marcadas, tudo pelo discurso dos torcedores.

O que chamamos aqui de domínio local é a hegemonia estadual ou regional que um torcedor cria e defende em seus comentários no site gloesporte.com, como os exemplos a seguir mostram:

(Coritiba) Alex Santos

Esta entre as "melhores" simplesmente porque digo apenas a verdade, e a verdade dói. Apenas faço esses comentários desagradáveis(pra vcs) pra vocês se botarem no lugar. Atleticano tem que comemorar em estar no mesmo nível do Coritiba(esse sempre foi o objetivo). Vejo gente se achando superior e me vejo na obrigação de abrir os olhos desses pobres iludidos. *Coritiba sempre foi e continua sendo o MAIOR DO PR.* Comemorem estar acima na tabela e só. Não se iludam.

(Bahia) Marcos Borges

JAHIA A SEGUNDA DIVISÃO ESTÁ LHE ESPERANDO!!! O LUGAR QUÊ NÃO DEVERIA TER SAÍDO, TIME PEQUENO, NANICO. TEU LUGAR É A SÉRIE B jahia. *VITÓRIA O MAIOR DA BAHIA, MAS CONHECIDO NO BRASIL, MAS ESTRUTURA, MAS RESPEITADO, MAS TRADIÇÃO, PERNAMBUCO É VITÓRIA E SPORT JUNTOS.*

(Cruzeiro - blog) Jefferson Pena:

26 maio, 2014 as 11:50

Bom dia, Bellini!

Grande vitória do maior de Minas!!!!!!!!!!!!!! Jogando fora de casa contra um adversário direto na briga pelo título.

O jogo de ontem valeu muito mais do que os 3 pontos. Valeu um fator motivador importante para a retomada da confiança do time para representar o bom futebol no qual sabemos que o time é capaz de mostrar.

VAMOS COM TUDO PRA CIMA DO TIME DA MÍDIA!!!!!!!!!!!!!! Terminar a fase pré-copa na liderança é essencial para voltar com moral rumo ao título!!!!!!

Nosso apoio será fundamental para comemorarmos mais uma conquista no fim do ano.

CRUZEIRO SEMPRE!!!!!!!!!!!!!!

No comentário de Alex Santos, em resposta a um comentário de um outro torcedor na página de notícias sobre o Coritiba, coloca em seu discurso que o objetivo do Atlético Paranaense "sempre foi" se igualar em grandeza ao seu clube rival. Para

Alex o Coritiba sempre foi e é o "maior do PR" (ele escreve em maiúscula), cabendo al Atlético somente o papel de tentar ser tão grande quanto o Coritiba no estado do Paraná. Já o comentário de Marcos Borges, cuja alcunha jocosa foi analisada acima, opõe o "pequeno" e "nanico" Bahia ("Jahia" em seu discurso) ao "maior da Bahia" Vitória, forjando, nessa oposição, uma aliança entre o Sport de Pernambuco e o Vitória da Bahia. Esse jogo de oposição, muito comum nos comentários dos torcedores, aparece também no discurso do torcedor cruzeirense Jefferson Pena, para quem o Cruzeiro é o "maior de Minas" enquanto o Corinthians é o "time da mídia" (ele escreve em maiúscula).

No que se refere às hegemonias regionais, elas também aparecem nos comentários dos torcedores, como já sinalizamos acima e exemplifico em seguida:

(Goiás) Goiás Chato

Goiás esporte clube, *o Pai do centro-oeste!*, o vilinha e o patético piram o cabeção

(Sport) Pedro Oldoni

quem é o sport? no nordeste só o BAHIA, sem mais...

(Internacional) Mateus Gomes

Meu Cruzeiro simplesmente atropelou os *moranguinhos do sul!* Peço desculpa...

O torcedor que se apresenta como Goiás Chato coloca o Goiás como o clube hegemônico da região Centro-Oeste, em oposição ao Vila Nova ("vilinha") e ao Atlético Goianiense ("patético"). Pedro Oldoni faz algo semelhante em seu discurso ao afirmar desconhecer o Sport ("quem é o sport?") para, em seguida, afirmar só haver o Bahia no Nordeste. Já o torcedor Mateus Gomes, do Cruzeiro, ao escrever na página do Internacional marca a identidade regional desse time, acrescentando ao mote homofóbico de seu discurso a locução adverbial "do sul".

É interessante notar que há nos discursos que vimos acima uma espécie de disputa simbólica em torno da definição de qual clube é o mais importante de um determinado estado ou região do país. Essa disputa, é claro, não visa chegar a alguma conclusão, pois nenhum torcedor espera que o adversário concorde que seu time é inferior em relação a um rival. Muito embora muitos torcedores usem diversos artifícios retóricos nessa disputa, o jogo aqui consiste na provocação como um fim em si mesmo.

Afirma-se que seu time é o "maior" de um estado ou região para uma torcida rival unicamente com o intuito de marcar essa hegemonia simbólica e provocar o rival, que com frequência responde à provocação afirmando ser o seu time o maior do estado.

Curioso também o fato de essas disputas simbólicas não terem ocorrido entre torcedores de times do Rio de Janeiro e de São Paulo. Por vezes, os times e torcidas do chamado "eixo Rio-São Paulo" (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco - do Rio; Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo - de São Paulo) são tratados em alguns discursos dos torcedores como times a parte, como se eles fossem referência para os demais times do Brasil, e como se eles também fossem proprietários de um status inalcançável aos demais times. O exemplo abaixo é muito representativo do que aqui quero dizer:

(Cruzeiro - blog) DouglasBSD:

26 maio, 2014 as 10:42

Nação Azul,

grande vitória sobre um time espetacular. É esse tipo de jogo que eleva a moral do grupo e faz a união. O Cruzeiro é de longe aquele time do ano passado, no entanto, as diretivas técnicas estão se acertando e a raça está prevalecendo.

Elogio o time todo, ótima atuação de nosso elenco e do Marcelo Oliveira. Seria interessante um rodízio entre os jogadores para evitar o estresse e o desgaste físico.

Gostaria de pontuar a força de vontade do Moreno. O Cara aos poucos está recuperando o futebol.

CRUZEIRO SEMPRE!!! MAIOR DE MINAS!!!! A MAIOR FORA DO EIXO RIO/SP. A SEXTA POTÊNCIA DO FUTEBOL NACIONAL.

RUMO AO TETRA DA COPA DO BRASIL!!!!

O torcedor que se apresenta como Douglas BSD se refere ao Cruzeiro como "maior de Minas", afirmando, assim, uma hegemonia futebolística do Cruzeiro no estado de Minas Gerais. Porém ao posicionar simbolicamente o Cruzeiro fora dos limites de Minas Gerais, ele coloca seu time como "a maior fora do eixo Rio/SP". Muito embora a expressão "sexta potência do futebol nacional" usado por Douglas dê uma grande dose de ambiguidade ao seu comentário (quais seriam as outras cinco potências do futebol nacional? De quais regiões elas são?), é muito significativo o fato de ele não colocar o Cruzeiro como o "maior do Brasil", mesmo que o Cruzeiro já tenha vencido vários campeonatos nacionais (e internacionais também) em sua história. Não se fala

aqui em região Sudeste como se fala em Nordeste, Sul e Centro-Oeste. O termo aqui é "eixo Rio/São Paulo", marcando dentro da região Sudeste uma hierarquia a qual sugere que os principais times desses estados brasileiros são maiores que os demais, sendo, portanto, uma referência latente para os demais.

No entanto, a referência ao "eixo Rio/São Paulo" é também feita em tom de crítica e desprezo, como mostra o exemplo a seguir:

(Cruzeiro) Lucas Lannes

Já está na hora de começarem os comentários como "esse campeonato brasileiro é ruim de mais" "esse campeonato brasileiro é fraco de mais"... sempre o mesmo "chororô" *do eixo Rio-São paulo* quando um dos times de lá não está na frente.

Para o torcedor Lucas Lannes, os torcedores de times de São Paulo e Rio de Janeiro desdenham do Campeonato Brasileiro quando seus times (isto é, os principais times de seus estados) não são os que estão "na frente" fazendo, assim, um corriqueiro "chororô". Não obstante o "eixo" esteja sendo criticado no discurso de Lucas, ele permanece ocupando um lugar simbólico de uma referência na qual se espelha ou contra a qual se posiciona.

Percebe-se com esse exemplo que as divisões entre regiões e cidades também podem ser categorias de marcação da diferença entre torcedores, assim como gênero, sexualidade, classe social e raça. Nas páginas de notícias sobre os times do estado de Santa Catarina (Chapecoense, Criciúma e Figueirense), pudemos observar que parte significativa dos torcedores catarinenses marcam em seus comentários diferenças entre as torcidas locais. Os exemplos abaixo elucidarão o que estou dizendo aqui

(Figueirense) Atleta Geo

Na capital é assim, sua torcida é tão amarga... Quando não sai campeãooo... não aparece na arquibancadaaaa... e Dale Tigre,⁸⁴ e dale dale tigre, e dale tigreeeee, e dale dale tigreeee.

(Figueirense) Guilherme Soligo

boa criciuma, vamos que vamos, saudações *do índio*⁸⁵ *do oeste*, *capital na laterna*

⁸⁴ O tigre é o mascote do Criciúma.

⁸⁵ O mascote da Chapecoense é um índio.

(Figueirense) Juarez Nunes

Parabéns pela vitória Chape....Tomara que engrene.*Capital tem ficar na segundona.*

No discurso do torcedor do Criciúma Atleta Geo, as torcidas dos times da capital (no caso o Figueirense, mas o Avaí também é um time de futebol de Florianópolis) são caracterizadas como amargas, pois na fala dele essas torcidas só frequentam os estádios quando seus times são campeões, dizendo, com isso, que uma "verdadeira" torcida apoia o time nas situações boas e também nas ruins. Essa "verdadeira" torcida estaria, então, no interior de Santa Catarina e não na capital. Guilherme Soligo e Juarez Nunes reafirmam a dicotomia interior x capital ao elogiarem Criciúma e Chapecoense (respectivamente) e comemorarem o fato de "a capital" estar "na lanterna", rumando, assim, para a "segundona". Guilherme faz um corte geográfico mais específico ainda em seu discurso ao distinguir a Chapecoense como o "índio do oeste". A diferença aqui não está só na oposição em relação à capital, mas também dentro do próprio território visto como interior.

Uma dicotomia semelhante a essa surgiu nos comentários de torcedores do Santos, o único dos grandes times de São Paulo cuja sede fica fora da capital desse estado. Assim como no jogo entre Figueirense e Goiás, o jogo entre Santos e Flamengo, que ocorreu na cidade de São Paulo, teve um público no estádio muito baixo. Isso gerou muitas discussões entre torcedores santistas residentes em Santos e os que residem em São Paulo, como mostram os exemplos a seguir:

(Santos) João Matheus

VCS DE SÃO PAULO SEMPRE TEM UMA DESCULPA PRA NAO IR NO JOGO NÉ ? UMA HORA É FERIADO , OUTRA HORA É CHUVA , OUTRA HORA TA MUITO SOL ETC ETC POR ISSO EU APOIO O SANTOS JOGAR NA VILA SEMPRE QUER VER SEU TIME JOGAR ? DESCE PRA BAIXADA UÉ

(Santos) Moreno Costa

Cadê a "grande" torcida paulistana? Ficam enchendo o saco por que jogo na Vila tem 7.000 torcedores, e num clássico contra o Flamengo, no Morumbí, vai o mesmo número? Jogos em que o Santos for o mandante tem que ser na Vila mesmo, pelo menos não teremos prejuízo.

No discurso do torcedor João Matheus, os torcedores de São Paulo são caracterizados como pessoas que arranjam "desculpas" para não irem aos jogos e

apoiarem, assim, o seu time no estádio. Com isso ele parece sugerir implicitamente que a torcida do Santos da Baixada Santista tem comportamento diferente da torcida santista da capital, cabendo, portanto, aos torcedores da capital irem à Baixada Santista para assistir aos jogos do Santos, caso queiram. Essa divisão entre Baixada e capital aparece também no discurso de Moreno Santos, a existência da "'grande' torcida paulistana" é questionada, já que o público de torcedores santistas no estádio do Morumbi foi tão baixo para os padrões do futebol.

Pode ocorrer de esse tipo de marcação da diferença virar conflito entre torcedores do site, como o exemplo a seguir ilustra:

Diálogo 15

(Santos) Vitor Ferreira

Estava chovendo e foram mais que a média da Vila Belmiro.. *Para de ser iditota seu CAIÇARA!* Um clube que tem 8 Brasileiros, 3 Libertadores e 2 Mundiais não pode ficar jogando em um estádio da estrutura e capacidade da Vila Belmiro.. Se estivesse um dia ensolarado e o Santos em fase boa/média iriam 15/20 mil pessoas fácil! Se esse jogo fosse na Vila Belmiro com chuva, iriam cerca de 2/3 mil pessoas! *Pense um pouco Caiçara..* O melhor pro Santos é um Arena em São Paulo! O Santos pode mais! VIVA O SANTOS!

(Santos) Renato Simoes

Vitor Ferreira QUANDO FALAS CAIÇARA DÁ UM AR DE OFENSA.PRA GENTE É PURA ALEGRIA TERMINAR UM DIA DE TRABALHO E.....BATER UMA BOLA A BEIRA MAR,TOMAR UMA ÁGUA DE COCO,DAR UM MERGULHO,PEGAR UM JACARÉ,SURFAR,TUDO ISSO VENDENDO AS MENINAS PASSANDO DE BIQUINI,SEJA VERÃO OU INVERNO.CAIÇARA SIM,AGRADECENDO A DEUS TODOS OS DIAS.

(Santos) Vitor Ferreira

Em nenhum momento relatei que Caiçara era algo negativo.. Você que está sugerindo isso! Mas entenda, tudo tem seu lado bom.. Eu vivo na cidade grande, e sei seus positivos e negativos, igualmente para a Baixada Santista! O que vocês não admitem é que a torcida do Santos está em São Paulo.. E contra números, não há argumentos.. O Santos, se quiser crescer exponencialmente ao longo dos anos e voltar a ser o maior clube das Américas, que dirá do Mundo, *precisa de uma Arena em São Paulo*, moderna e com um número de assentos razoáveis!

Em resposta a um comentário de um outro torcedor do Santos, Vitor Ferreira se refere a ele pelo termo *caiçara*, o qual designa os pescadores do litoral paulista,⁸⁶ se distinguindo assim dos moradores do litoral paulista usando esse termo com um sentido pejorativo, já que, ao dizer que o Santos "pode mais", ele defende que esse time deva ter uma arena na capital, sugerindo, dessa forma, que um time importante como o Santos está fora de seu lugar tendo uma sede Baixada Santista ao invés da capital. A resposta de Renato Simões vem paralela a uma criação da identidade *caiçara* que a vincula não aos pescadores, mas sim aos jogos de futebol nas praias, aos mergulhos no mar, à água de coco e às meninas de biquíni que, segundo ele, são marcantes nesse ambiente. Essa identidade é louvada por Renato, que conclui seu discurso com um "*caiçara sim*", em maiúscula. Na sua resposta Vitor argumenta que o sentido pejorativo do termo *caiçara* foi dado por Renato e não por ele para, logo em seguida, voltar a dizer que o Santos só voltará a ser "o maior das Américas, *quiçá do Mundo*" com um estádio moderno em São Paulo. Parece-me que há uma questão de classe social envolvida aqui nessa discussão, questão essa que está implícita tanto no fato de Renato ocultar os pescadores da identidade *caiçara*, quanto no fato de Vitor não conceber a possibilidade de um clube grande ter uma sede fora de São Paulo.

O que parece estar implícito nos comentários de Vitor e Renato está muito claro nos comentários seguintes:

(Sport) Carlos Alberto

TIME PEQUENO E ASSIM MESMO, NAO GANHA NADA NUNCA E AINDA TEM A CARA DE DIZER QUE GANHOU UMA PRIMEIRA DIVISÃO SEM JOGAR CONTRA NENHUM CLUBE DA PRIMEIRA DIVISÃO. *SO EM CABEÇA DE NORDESTINO MESMO*, POR ISSO QUE ESSE TIMECO E UMA PIADA AQUI NO SUL\SUDESTE DO PAÍS. SRN

(Palmeiras) Juliano Wotan

Já estavam contando com a vitória sobre a Chapecoense, tinha palmeirense rindo e postando um monte de coisas ontem, *agora esses Bi-rebaixados desaparecem; coisa de paulista cabeça chata (90% dos paulistas), devem estar comendo farinha agora.*

⁸⁶ Dicionário Escolar de Língua Portuguesa Domingos Paschoal Cegalla.

(Sport) Sincleo Assis

VERGONHA DO NORDESTE...AINDA SE DIZ MAIOR Q O BAHIA...ACORDEMMMM
SEUS CABEÇAS CHATAS...TIME RICULO...VAI PRA SEGUNDA JUNTO CM O IRMÃO
BAGUELO DO VICTORIA!

O torcedor do Flamengo Carlos Alberto, escrevendo na página do Sport, após desmoralizar essa equipe como um "time pequeno" que não "ganha nada nunca", lembra uma velha disputa entre torcedores do Flamengo e Sport acerca de qual desses times foi, de fato, o campeão nacional de futebol em 1987. Para Carlos, "só em cabeça de nordestino mesmo" que uma torcida declara seu time campeão de um torneio supostamente sem ter ganho uma partida contra times da primeira divisão. O termo nordestino aparece aqui como sendo pejorativo em si mesmo. Juliano Wotan, escrevendo na página de notícias sobre o Palmeiras, diz que os torcedores desse time são paulistas "cabeça chata", fazendo uma alusão pejorativa aos milhões de nordestinos que moram em São Paulo, debochando, ainda, dos supostos costumes de povo ("devem estar comendo farinha agora").

Interessante notar que o termo "cabeça chata" foi usado aqui para designar uma torcida que, tendo perdido um jogo o qual ela achava que seria ganho facilmente, "desaparecem" do site ao não fazer nenhum comentário mais sobre o jogo, agindo, assim, como covarde. O nordestino é, nesse comentário, usado como categoria de acusação e associado a uma outra condição de desonra: a covardia. Também escrevendo na página do Sport o torcedor que se apresenta como Sincleo Assis, provavelmente um torcedor do Bahia, usa o mesmo termo usado por Juliano ("acordem seus cabeças chatas") para classificar os torcedores do Sport, os quais, segundo Sincleo, declaram indevidamente que o Sport é maior que o Bahia. O termo "cabeça chata" aqui já não funciona mais como a representação de um povo como ocorre no discurso de Juliano. O "cabeça chata" é o torcedor de um "time ridículo" que pensa ser grande. O "cabeça chata" é o torcedor do Sport. O "cabeça chata" é o torcedor de Pernambuco, não o torcedor da Bahia. O "cabeça chata" é, portanto, o "outro", não eu.

Não nos parece aleatório que o nordestino seja aqui usado como termo pejorativo, ou que algum termo que historicamente se relacione a essa região (no caso, "cabeça chata") seja usado com esse mesmo fim. Sendo uma região com graves e perenes problemas sociais e econômicos, o Nordeste brasileiro parece ser, na

mentalidade das classes médias urbanas do nosso país, sobretudo as da região Sudeste, a representação do atraso, do inferior e da pobreza, a julgar não somente pelos discursos dos torcedores que acabamos de ver, mas também pelas palavras simbolicamente violentas usadas pelo jornalista Diogo Mainardi após a reeleição da presidente Dilma Roussef nas eleições de 2014. Para essa vitória os votos numericamente esmagadores da região Nordeste para a candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundamental. Tendo votado no candidato opositor à Dilma, Mainardi caracterizou o nordestino como um "povo bovino", que votou supostamente no atraso do país, e não pelo progresso dele.

Vemos, com isso, que as fissuras existentes nas identidades nacionais são discursivamente representadas através do futebol. Os times de futebol brasileiros são vistos tanto por jornalistas quanto por torcedores como representantes de cidades, estados e/ou regiões. A eles é imputada a incumbência de defender a "honra" de um determinado lugar. Talvez por isso as gozações e ofensas mútuas entre torcedores que comentam no site analisado nessa pesquisa passe também pelas marcações de diferenças locais. Com isso, os torcedores do Rio Grande do Sul viram, a "gauchada"; os de São Paulo viram os "porcos paulistas";⁸⁷ os torcedores de times da capital viram acomodados, "amargos"; os nordestinos viram "cabeças chatas". E assim vemos, mais uma vez, que o Brasil só é, de fato, homogêneo e harmônico na nossa imaginação.

⁸⁷ Esses foram termos usados em uma discussão entre um torcedor do Palmeiras e um torcedor do Grêmio de Porto Alegre.

CONCLUSÃO

Vimos no capítulo 1 dessa dissertação que o que se chama hoje de torcida no Brasil teve uma longa trajetória histórica, na qual o remo teve um importante papel de formação da identidade clubística que seria tão cara, mais tarde, ao futebol, e na qual as pessoas que se envolviam com os esportes foram passando, gradativamente, de "assistentes" para "torcedores", no caminho que começou com as touradas e que culminou nas arquibancadas de estádios como o Maracanã. O significado do verbo "torcer" foi ampliado nos dicionários da Língua Portuguesa, dando espaço ao sentido de lutar pela vitória de uma equipe desportiva. Para tanto a imprensa brasileira deu a sua importante contribuição através de figuras um tanto quanto míticas da história do futebol do Brasil como o jornalista Mário Filho através de sua atuação no *Jornal dos Sports*. Transformando o futebol em notícia, a imprensa esportiva brasileira ajudou a formar o lugar que o futebol ocupa hoje na cultura brasileira e a fomentar o interesse das pessoas por esse esporte.

Vimos também que a torcida de futebol brasileira se ampliou, na medida em que ela deixou de ser composta somente pelas dóceis elites locais para dar lugar também às classes economicamente pobres das cidades do Brasil. No exemplo do Rio de Janeiro, torcedores como Jaime de Carvalho, da Charanga do Flamengo, se tornaram personagens emblemáticas tanto da popularidade que o futebol estava ganhando por aqui, quanto da necessidade que a imprensa e as autoridades políticas brasileiras viam em controlar as massas de torcedores de futebol, que eram, ao mesmo tempo, admiradas pela sua festa e temidas pelos "tribofes" que causavam. Porém, os anos 1960 viram os torcedores disciplinadores como Jaime darem lugar aos jovens indóceis das torcidas organizadas de futebol, que com os seus palavrões e seu ethos violento, resignificaram o comportamento do torcedor das arquibancadas, que teria, a partir de agora, o direito de protestar caso sua equipe não tivesse desempenhando um bom papel em campo.

Mas se nas arquibancadas a festa foi se transformando sistematicamente em violência, nos bares o que parece predominar no comportamento dos torcedores que usam esses espaços públicos para assistirem a partidas de futebol é a brincadeira, as tiradas inventivas e espirituosas, o comportamento sociável, cujo sentido reside na sua própria existência. Porém, tanto nas arquibancadas quanto nos bares, os termos do jogo

das torcidas é masculino, o que parece inevitável em um país no qual historicamente o espaço público é ocupado pelos homens.

No capítulo 2 falamos das escolhas metodológicas que fizemos para realizarmos essa pesquisa. O site globoesporte.com, objeto de nossa análise, foi apresentado tão pormenorizadamente quanto possível. Relatamos os procedimentos da nossa intensiva coleta de dados, fazendo arquivos de comentários para cada time da Série A do Campeonato Brasileiro de 2014 para lê-los e separá-los novamente por categorias de análise. Em seguida lemos os arquivos marcados com os descritores que utilizamos para fazer as análises dessa pesquisa e fomos, lentamente, escrevendo essa dissertação a partir dessas leituras e das escolhas dos exemplos que se mostravam como padrões do comportamento dos torcedores no site. Vimos o volume de comentários por cada time de futebol em números e depois em número percentual através de um gráfico em formato circular, que nos auxiliou de forma mais eficaz a enxergarmos as diferenças de tamanho dos arquivos de comentários que construímos nessa pesquisa.

No capítulo 3 mostramos as inúmeras facetas do comportamento do torcedor no site aqui pesquisado. Vimos que os torcedores não fazem comentários no site sem antes se apresentar, e que eles se apresentam de diferentes formas: com seus nomes próprios, com seus nomes acrescidos dos nomes de seus times, com nomes fictícios que ironizam os times adversários etc. Essas formas de se apresentar norteiam tanto a paixão que esses torcedores supostamente sentem por seus times quanto o desprezo que eles sentem pelo time e torcida do clube adversário. Vimos que alguns torcedores ocupam um lugar de personagens nas páginas do globoesporte.com, personagens que tripudiam dos torcedores adversários e que são também por eles tripudiados.

Vimos também nesse capítulo que os torcedores se apropriam do site de acordo com uma lógica territorial na qual a página de notícias sobre um determinado time de futebol é vista como a página desse time e, portanto, destinada somente à sua torcida. Isso gera uma dinâmica interacional que cria torcedores visitantes e torcedores invasores. Enquanto o torcedor visitante tem todo um cuidado ao entrar no território do torcedor potencialmente anfitrião, o invasor entra nesse território deixando bem claro a sua intenção de ironizar e desmoralizar o time e a torcida do "dono" da página. Para isso as populares saudações usadas na cultura futebolística brasileira são acionadas como meios de deboche, meios que funcionam também como símbolo de invasão territorial. Os discursos com viés teatral e as alcunhas jocosas também são usados nesse sentido,

dando uma voz inventiva aos torcedores de futebol que frequentam o site. As invasões territoriais são o principal motivo de conflitos entre os torcedores do globoesporte.com.

No que se refere ao conteúdo dos discursos dos torcedores, vimos nesse capítulo os aspectos profundamente racistas, classistas, homofóbicos, machistas e geograficamente divididos que esses discursos assumem no site. A mulher e o gay são, na representação torcedora, elementos simbólicos de escárnio do adversário, xingamentos e humilhações. A passividade sexual é constantemente reafirmada como lugar de desonra que, nas palavras escritas pelos torcedores de futebol aqui analisadas, é ocupado pela torcida e pelo clube adversário, e nunca por eles mesmos ou por seus times. Os discursos classistas e, neles embutidos, os discursos racistas mostram a forma como o futebol é muitas vezes usado como um pretexto ou código de marcação da diferença através do qual discursos profundamente discriminatórios e, por isso mesmo, violentos são elaborados e publicados. As divisões geográficas já existentes são, por fim, apropriadas e reinventadas nos discursos dos torcedores, que acabam por criar uma geopolítica brasileira própria que, assim como nas questões de gênero, sexualidade, raça e classe, também funcionam como mote de discursos preconceituosos e discriminatórios.

Em nossa opinião, duas coisas ficaram claras ao longo de nossa pesquisa, sobretudo no capítulo de análise dela: primeiro, os discursos que torcedores fazem na internet são um modo de torcer distinto, oposto à torcida corporificada dos estádios e dos bares e, por isso mesmo, um modo de torcer incorpóreo, no qual as palavras escritas e publicadas são o meio de torcer. Sentar na frente do computador e escrever louvando um time de futebol ou escarnecendo de seu rival é torcer, mas um torcer que não pula, não agita bandeiras, não grita, não veste camisa, não tira camisa, não balança camisa, nem acende sinalizadores e nem solta papéis picados. Um torcer no qual as vias de fato são os conflitos discursivos que constroem longos embates entre torcedores, que jogam uns sobre os outros palavras e frases que são lançadas como dardos entre eles, com o objetivo de pilheriar, ironizar e ofender. O corpo dessa torcida não aparece. O que aparece são suas palavras. O anonimato do corpo na internet dá forma e conteúdo à estética das frases torcedoras, que aparecem na tela do computador com toda a sua potência criativa, hilária e violenta.

Segundo, o humor e a violência estão muito próximos um do outro nos discursos dos torcedores desse espaço virtual. A brincadeira, que nos bares está muito marcada como tal, na internet flerta quase sempre e muito fortemente com a ofensa ao outro e

com a negação desse outro. A sociabilidade torcedora na internet parece só estar garantida pela distância física que os torcedores mantêm entre si enquanto escrevem e leem os discursos que produzem uns para os outros. As interações torcedoras presentes no globoesporte.com ocupam, de fato, um lugar muito ambíguo no qual sociabilidade e conflito muitas vezes se confundem ou se complementam. O torcer aqui é quase sempre ofender o rival. Isso evidencia as imensas dificuldades que há no Brasil em se conviver com a diferença. Esta aparece no espaço virtual futebolístico como pano de fundo de discursos intolerantes em questões de gênero, sexualidade, raça, classe e identidades regionais. E aqui o futebol é apenas mais um elemento de expressão dessas dificuldades, pois o que lemos nos comentários dos torcedores do globoesporte.com é muito semelhante aos conflitos cibernéticos que, por exemplo, eleitores dos presidentiáveis Aécio Neves e Dilma Rousseff protagonizaram ao longo das campanhas eleitorais de 2014. Longe de um debate político qualificado, muitos petistas e tucanos trocaram nesse período ofensas que colocavam Dilma como "sapatão" e Aécio como "cheirador", transformando o que era para ser um debate político em troca de ofensas gratuitas.

Muito semelhante também aos embates ocorridos entre torcedores brasileiros e argentinos durante a Copa do Mundo desse mesmo ano, evento que foi realizado no Brasil. Enquanto os torcedores da seleção da Argentina cantavam o famoso "Decime qué se siente", grito de guerra que lembrava a Copa de 90, na qual o time argentino eliminou o time brasileiro nas oitavas de final desse torneio, e que colocava em sua letra a Argentina como "papa" do Brasil, querendo dizer com isso que esta equipe é futebolisticamente inferior àquela, a torcida brasileira criou um outro cântico que mandava os torcedores argentinos "tomar no cu" e xingavam o Maradona, maior ídolo do futebol argentino, de "cheirador", lembrando, assim, os problemas que esse jogador teve com drogas no passado, dando uma resposta violenta ao grito estritamente futebolístico que a torcida argentina trouxe para a copa. Os vídeos que estão disponíveis na internet mostram os torcedores brasileiros cantando com um misto de vontade de ofender e pilheriar, deixando clara a forte tensão do cântico e o desconforto que a presença de uma torcida adversária e rival lhes causava.

Atitudes como essas parecem próprias de uma sociedade cujas organizações políticas foram majoritariamente autoritárias ao longo de sua história, o que parece ter forjado uma violência quase cultural de tão corriqueira. As altas taxas de homicídios, a violência contra as mulheres, as sistemáticas mortes de jovens pobres e negros nas favelas de cidades como o Rio de Janeiro e as agressões, muitas delas fatais, aos

homossexuais, lésbicas e transexuais são, ao que parece, a expressão mais crua e evidente de uma agressividade que está já presente nos discursos das pessoas no Brasil, seja no desprezo que a classe média brasileira tem para com os pobres, seja nos discursos de ódio que personagens como o deputado Jair Bolsonaro lançam na Câmara, seja nas brigas que são protagonizadas por usuários de internet em várias redes sociais desse espaço. Muito embora o futebol tenha em si mesmo um conteúdo potencialmente violento, devido ao fato desse esporte retratar em seus jogos uma guerra simbólica que coloca duas equipes e duas torcidas em lados antagônicos, no Brasil o futebol nos parece menos um agente fomentador de embates violentos e mais um meio de expressão de uma violência que já existe há muito entre nós. Um "mundo onde caibam todos os mundos" parece ser um sonho distante de todas as sociedades do planeta. E de nós, brasileiros, que somos tão diferentes dentro dessa ficção chamada nacionalidade, ainda mais.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Género, masculinidade e poder: revendo o Sul de Portugal*. Anuário Antropológico, 95: 161-190, 1996.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. ; SILVA, Alessandro Soares da. *O futebol no banco dos réus: caso da homofobia*. Movimento (UFRGS. Impresso), v. 18, p. 301-321, 2012.

BECKER, Howard. *Falando da Sociedade: Ensaio sobre as Diferentes Maneiras de Representar o Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa, PT: Fim de Século - Sociedade Unipessoal Edições, 2003.

BRAGA, Adriana. *Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica*. In: UNIrevista (1), p. 1-11. Rio Grande do Sul. Julho/2006.

BRAGA, Adriana. *Personas Materno-Eletrônicas: Feminilidade e Interação no Blog Mothern*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. *Futebol, Música e Literatura: uma análise dos hinos dos clubes esportivos brasileiros*. Ciência e Cultura, v. 66, p. 42-46, 2014.

DUNNING, Eric. *O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações*. In ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa, PT: Difusão Editorial, 1992.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa, PT: Difusão Editorial, 1992.

GASTALDO, Édison Luis. *A nação e o anúncio: a representação do "brasileiro" na publicidade da Copa do Mundo*. 2000. 350f. Tese de Doutorado em Multimeios. Instituto de Artes. UNICAMP. Campinas, São Paulo.

GASTALDO, Édison Luis. *'O complô da torcida': futebol e performance masculina em bares*. In: HELAL, Ronaldo, LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antônio Jorge Gonçalves (orgs). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de Interação: Ensaio sobre o Comportamento Face a Face*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

GORDON JUNIOR, Cesar. "Eu já fui preto e sei o que é isso" - *História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo*. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n.3-4, p.65-78, 1996.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Vitor Andrade de (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, MALAIA, João M.C., MELO, Vitor Andrade de e TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

LOPES, José Sérgio Leite. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". In: *Revista USP*. São Paulo: (6) 22, jun-ago, 1994.

MALAIA, João. *Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, MALAIA, João M.C., MELO, Vitor Andrade de e TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

MALAIA, João. *Placar: 1070*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Vitor Andrade de (orgs). "*O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*". Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SB: Editora da UNICAMP, 2010.

MELO, Vitor Andrade de Melo. *Sportsmen: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, MALAIA, João M.C., MELO, Vitor Andrade de e TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

MELO, Victor Andrade de. *Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial d século XX*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Vitor Andrade de (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

MILLER, Hugh. "The presentation of Self in Electronic Life: Goffman on the Internet". Paper presented at Embodied Knowledge and Virtual Space Conference. University of London, 1995.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: Um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998. 380 f. Tese de Doutorado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP, Campinas, São Paulo.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa*. 1998. 262p. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física. UNICAMP. Campinas, São Paulo.

QUINTANEIRO, Tânia, BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira, OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. *Um toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RETRATO DAS DESIGUALDADES POR GÊNERO E RAÇA, IPEA, 2009.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*; CASTRO, Ruy. Seleção e notas. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia e comunicação: princípios radicais*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

SALDANHA, João. *Vida que segue: Saldanha e as copas de 1966 e 1970*; organização MILLIET, Raul. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SIMMEL, Georg. *A natureza sociológica do conflito*. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.), *Simmel*, São Paulo, Ática, 1983.

SOUZA, Marcos Alves de. *A "nação em chuteiras": raça e masculinidade no futebol brasileiro*. 1996. 62f. Dissertação de Mestrado em Antropologia - PPGAS. UnB, Brasília.

STYCER, Maurício. *Lance! um jornal do seu tempo*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Vitor Andrade de (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Por que xingam os torcedores de futebol?* São Paulo. Cadernos de Campo (USP), São Paulo, v. 3, p. 20-29, 1993.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcer: a metafísica do homem comum*. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, MALAIA, João M.C.,

MELO, Vitor Andrade de e TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.